

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP

Giovanna Marcella Verdessi Hoy

**REPRESENTAÇÃO DA NARRADORA COMO EXPERIENCIADORA E DIZENTE
EM *INÉS DEL ALMA MÍA* E NA TRADUÇÃO PARA O PORTUGUÊS
BRASILEIRO: uma abordagem sistêmico-funcional**

Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem

Tese apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial à obtenção do título de DOUTORA em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem sob a orientação da Prof^a. Dr^a. Leila Barbara.

São Paulo

2017

Banca Examinadora:

AGRADECIMENTOS

À CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), pela concessão de auxílio financeiro.

À professora Leila Barbara, pela orientação e apoio nesta importante etapa de minha vida.

Aos professores que fizeram parte de meus Exames de Qualificação e da Banca Examinadora, pelas valiosas sugestões: Célia Maria Macedo de Macedo, Antonio Paulo Berber Sardinha, Maria Otília Guimarães Ninin, Adail Sebastião Rodrigues-Júnior, Maria Aparecida Caltabiano Magalhães Borges da Silva e Maximina Maria Freire.

A todos os professores que conheci na PUC-SP, nos grupos de estudo, ao longo da vida, por fazer parte de meu crescimento intelectual e humano.

À Maria Lúcia e Márcia, secretárias do LAEL, queridas amigas, sempre prontas a nos auxiliar em qualquer situação.

Ao meu marido “Tyllachito” e minha família por acreditarem em mim e terem sido meus alicerces.

Aos meus amigos queridos, que por serem muitos, utilizo o nome genérico “amigos” para não incorrer em falta com nenhum deles.

HOY, G. M.V. **REPRESENTAÇÃO DA NARRADORA COMO EXPERIENCIADORA E DIZENTE EM *INÉS DEL ALMA MÍA* E NA TRADUÇÃO PARA O PORTUGUÊS BRASILEIRO: uma abordagem sistêmico funcional**. 2017. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem) Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2017.

RESUMO: Nesta pesquisa, objetiva-se analisar o dinamismo na representação Ideacional da narradora e protagonista, Inés, no papel de *Dizente* e *Experienciadora* no corpus paralelo *Inés del alma mía* (ALLENDE, 2006) e em sua tradução para o português do Brasil. A abordagem teórica é a da Linguística Sistêmico-Funcional (HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2004; EGGINS, 2002) na interface dos estudos da tradução (CATFORD, 1965; HALLIDAY, 2001; MATTHIESSEN, 2001; RODRIGUES-JÚNIOR e GARCIA de OLIVEIRA, 2015) e do texto literário (MONTGOMERY, 1993; SIMPSON, 1993; PAGANO, 2007; RODRIGUES-JÚNIOR e BARBARA, 2013). Os dados foram submetidos ao programa computacional *WordSmith Tools 6.0*, especificamente à lista de palavras (*word list*), ao concordanciador (*concordance*) e ao utilitário alinhador (*view & aligner*) com vistas à sua organização e descrição. Na análise das representações femininas, adota-se o sistema de transitividade da Linguística Sistêmico-Funcional. Na comparação dessas representações no texto fonte (TF) e no texto alvo (TA), opta-se pelos conceitos de *mudança Ideacional* e de *equivalência ideacional* (RODRIGUES-JÚNIOR e GARCIA de OLIVEIRA, 2015) elaborados a partir dos estudos de Catford (1968) e ampliados por Matthiessen (2001). Propõem-se duas hipóteses: i) os processos Mentais e Verbais contribuem para o *dinamismo dialógico* e *subjetivo* na representação de Inés, e; ii) embora padrões de Equivalências Ideacionais sejam mais frequentes, também serão encontradas mudanças Ideacionais na representação Ideacional de Inés. A análise mostra que Inés é representada como Dizente e Experienciadora com alto grau de *dinamismo dialógico* e *subjetivo*, tornando-a uma personagem capaz de afetar positivamente a comunidade da qual faz parte. Identificou-se também que, embora a equivalência Ideacional tenha sido o padrão de escolha do tradutor, também foram detectadas mudanças Ideacionais em elementos de transitividade diferentes do Processo. Essas mudanças ocorreram, por exemplo, nas Circunstâncias que agregaram informações de modo, de intensidade, de tempo à representação Ideacional de Inés.

Palavras-chaves: Linguística Sistêmico-Funcional; Estudos da Tradução; Processos Mentais e Verbais; Mudanças e Equivalências Ideacionais; *Inés del alma mía*.

ABSTRACT: In this research, we aim to analyze the dynamism in the Ideational representation of the narrator and protagonist, Inés, in the role of Sayer and Senser in the parallel corpus of *Inés del alma mía* (ALLENDE, 2006) and in its translation to Brazilian Portuguese. The theoretical approach is the Systemic Functional Linguistics (HALLIDAY, MATTHIESSEN, 2004; EGGINS, 2002) on the interface of Translation Studies (CATFORD, 1965; HALLIDA, 2001; MATTHIESSEN, 2001; RODRIGUES-JÚNIOR and OLIVEIRA, 2015), and literary text (MONTGOMERY, 1993; SIMPSON, 1993; PAGANO, 2007; RODRIGUES-JÚNIOR and BARBARA, 2013). The data were submitted to the computing program called WordSmith Tools 6.0, specifically to the Word List, to the Concordance and the View & Aligner for organization and description. In the analysis of the female representations adopts the transitivity system of Systemic Functional Linguistics. In the comparison of these representations in the Source Text (SF) and in the Target Text (TT), chooses to the concepts of Ideational-shift and Ideational Equivalence (RODRIGUES-JÚNIOR and GARCIA de OLIVEIRA, 2015) elaborated from the Catford (1968) studies and extended by Matthiessen (2001). Two hypotheses are proposed: i) the Mental and Verbal processes contribute to the dialogical and subjective dynamism in the representation of Inés, and; ii) although the Ideational Equivalences standards are more frequent, Ideational-Shift also will be found in the Ideational representation of Inés. The analysis shows that Inés is represented as a Sayer and Senser with a high degree of dialogical and subjective dynamism, making her a character capable to affect positively the community of which she belongs. It was also identified that, although Ideational equivalence has been the translator's standard of choice, Ideational-Shift were also detected in elements of transitivity different of the Process. These changes occurred, for example, in the Circumstances that added information of mode, intensity, and time to the Inés' Ideational representation.

Keywords: Systemic Functional Linguistics; Translation Studies; Mental and Verbal Processes; Ideational Shift and Equivalences; *Inés del alma mía*.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 — Subcategorias dos processos Mentais	39
QUADRO 2 — Classificação dos processos Verbais.....	41
QUADRO 3 — Equivalência Ideacional: assegurar/garantir	84
QUADRO 4 — Equivalência Ideacional: decir/dizer	85
QUADRO 5 — Equivalência Ideacional: rogar/rogar	85
QUADRO 6 — Equivalência Ideacional: advertir/avisar	86
QUADRO 7 — Equivalência Ideacional: querer/gostar	87
QUADRO 8 — Equivalência Ideacional: creer/achar	87
QUADRO 9 — Equivalência Ideacional: ver/ver.....	88
QUADRO 10 — Equivalência Ideacional: comprobar/comprovar.....	89
QUADRO 11 — Mudança Ideacional de Receptor por Dizente	90
QUADRO 12 — Mudança ideacional na Verbiagem	90
QUADRO 13 — Mudança ideacional: advertir/olhar.....	91
QUADRO 14 — Mudança Ideacional de Verbiagem por Circunstância	92
QUADRO 15 — Mudança Ideacional na Verbiagem.....	93
QUADRO 16 — Mudança Ideacional na Circunstância	94
QUADRO 17 — Mudança Ideacional: temer/ter.....	95
QUADRO 18 — Mudança Ideacional no Fenômeno	96
QUADRO 19 — Mudança Ideacional na Circunstância	97

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1: Os quatro estratos da linguagem.....	30
FIGURA 2: Tipos de processos.....	34
FIGURA 3: Processos e seus Participantes.....	43
FIGURA 4: Dinamismo ou passividade de personagens em texto literário	52
FIGURA 5: Identificação das dizentes femininas do processo decir	64
FIGURA 6: Identificação dos elementos de transitividade	67

FIGURA 7: Processos e representação de Inés.....	65
FIGURA 8: Linhas de concordância do TF e do TA	66

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1 — Representação de Inés como Dizente.....	101
GRÁFICO 2 — Representação de Inés como Experienciadora	101

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 — Características gerais dos corpora.....	62
TABELA 2 — Total dos processos Verbais a <i>prima facie</i> no TF e no TA.....	98
TABELA 3 — Total de processos Mentais a <i>prima facie</i> no TF e no TA	99
TABELA 4 — Representação Ideacional de Inés como Dizente	103
TABELA 5 — Representação Ideacional de Inés como Experienciadora	105
TABELA 6 — Tipos de projeções com processos Verbais.....	107
TABELA 7 — Tipos de projeções com processos Mentais	108
TABELA 8 — Realização dos processos Verbais no TF e no TA.....	110
TABELA 9 — Realização dos processos Mentais no TF e no TA	111
TABELA 10 — Mudanças Ideacionais com processos Mentais	112
TABELA 11 — Mudanças Ideacionais com processos Verbais	113

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ES	Espanhol
GSF	Gramática Sistemico Funcional
LA	Língua Alvo
LF	Língua Fonte
LSF	Linguística Sistemico-Funcional
PT	Português

TA	Texto Alvo
TC	Texto de Chegada
TF	Texto Fonte
TP	Texto de Partida

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
2.0 CONTEXTUALIZAÇÃO	19
2.1 A obra de Allende e a influência feminista	19
2.2 O romance histórico <i>Inés del alma mía</i> (<i>Inés de minha alma mía</i>)	22
2.2.1 Estudos literários do romance	23
3.0 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA: A <i>Linguística Sistêmico-Funcional</i> e a <i>Metafunção Ideacional</i>	29
3.1 Representação das experiências e o sistema de transitividade	32
3.2 A Metafunção Ideacional: o sistema de projeção	45
3.3 A LSF na interface do texto literário	47
3.3.1 O ponto de vista psicológico e o eixo narrativo na LSF	48
3.3.2 A Transitividade na análise do texto literário: alguns trabalhos	50
3.3.3. A LSF e os estudos da tradução	54
3.3.4 Equivalência e mudanças Ideacionais	55
4.0 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	60
4.1 Os corpora: escolha e descrição	61
4.2 Instrumentos de coleta e organização de dados: o WordSmith Tools 6.0	62
4.3 Procedimentos de análise: organização dos dados no original e na tradução	63
5.0 ANÁLISE DOS DADOS: <i>Representação Ideacional de Inés</i>	69
5.1 <i>Inés</i> como Dizente	69

5.2 Inés como Experienciadora.....	77
5.3 Equivalência Ideacional dos processos Verbais	84
5.4 Equivalência Ideacional dos processos Mentais	87
5.5 Mudanças Ideacionais com processos Verbais	89
5.6 Mudanças Ideacionais com processos Mentais	93
6.0 RESULTADOS E DISCUSSÃO DOS PROCESSOS VERBAIS E MENTAIS	98
6.1 Uso dos processos Verbais e Mentais na representação Ideacional de	100
6.2 Equivalências e Mudanças Ideacionais de Inés como Dizente e Experienciadora	109
7.0 CONSIDERAÇÕES FINAIS	117
REFERÊNCIAS.....	124

INTRODUÇÃO

Atualmente, diversas vertentes teóricas estabelecem estreita relação entre a linguagem e o entorno social do qual faz parte, preocupando-se com a análise das relações dinâmicas e dialéticas entre esses dois fenômenos. Na abordagem teórica de Halliday (1978[1982], p. 237), por exemplo, “a linguagem simboliza ativamente o sistema social, criando-o e sendo criada por ele”. Essa teoria se fundamenta, portanto, na análise dos recursos linguísticos que compõe os textos, bem como do entorno sociocultural em que estão inseridos.

Considerando o caráter indissociável que existe entre a linguagem e o homem social, Halliday (1978[1982]; 1985; 1994) propõe a Linguística Sistêmico-Funcional (doravante LSF), teoria linguística desenvolvida por ele (HALLIDAY, 1978[1982]; 1985; 1994) e colaboradores (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004, 2014; EGGINS, 2002). A LSF apresenta uma orientação teórica baseada no estudo do texto em sentido amplo, na qual são analisados tanto os significados produzidos pelos recursos linguísticos como os significados culturais vinculados a eles.

A LSF tem sido um dos suportes teóricos que, desde seus primórdios, preocupa-se na análise da linguagem em diversos contextos de uso apresentando diversas interfaces, como trabalhos voltados para análise sistêmico-funcional do texto literário (HALLIDAY, 1971[2002]; HASAN (1989), MONTGOMERY, 1993; SIMPSON, 1993; RODRIGUES-JÚNIOR e BARBARA, 2013); e as pesquisas em LSF e os Estudos da Tradução (CATFORD, 1965; HALLIDAY, 2001; MATTHIESSEN, 2001; PAGANO, 2007; RODRIGUES-JÚNIOR e GARCIA de OLIVEIRA, 2015).

Esta pesquisa insere-se, portanto, nos estudos sistêmico-funcionais na interface do texto literário traduzido, uma vez que os *corpora* de análise são formados pelo romance histórico *Inés del alma mía* (ALLENDE, 2006) e de sua tradução _ *Inés de minha alma* _ para o português brasileiro pelo tradutor Ernani Ssó (ALLENDE, 2007). Objetiva-se, assim, analisar a representação linguística da personagem principal e narradora, Inés, como Dizente e Experienciadora (Cf. Referencial teórico), de modo a demonstrar o alto grau de dinamicidade dessa personagem no contexto colonial chileno, distinguindo-a de mulheres daquela

época. Busca-se, com isso, lançar luz à temática feminina por meio da análise linguística do texto literário original e de sua tradução.

A escolha do tema foi determinada pela minha formação crítica que, sendo licenciada em História, desde muito cedo, me interessei por questões sociais, particularmente àquelas relacionadas aos grupos sociais mantidos à margem da sociedade, tais como, negros, grupos indígenas, gays, mulheres, dentre outros. Foi durante o mestrado em Linguagem que percebi ser possível e positivo manter intenso diálogo entre a História e os Estudos da Linguagem, e vislumbrei novas formas de entender e explicar a linguagem em seu contexto social, histórico e cultural.

Devido a isso e ao fato de ser mulher e chilena (hoje brasileira naturalizada) o romance de Isabel Allende avivou meu interesse pela participação ativa de uma mulher do século XVI na fundação do Chile, cujo registro histórico dos fatos nem sempre garantiu a presença das mulheres na historiografia oficial e no imaginário nacional. Enfim, pode-se dizer que a escolha pelo texto ficcional de Isabel Allende sobre Inés de Suarez, protagonista e narradora do romance, se deve a que, por meio desse texto ficcional, surgiu uma visão mais abrangente dessa mulher que de fato existiu.

Chamaram a minha atenção as escolhas léxico-gramaticais utilizadas por Allende (2006) na representação de uma personagem feminina dinâmica, ativa e participativa no romance *Inés del alma mía*, somando-se a outras mulheres fortes em diversas obras da escritora. De fato, o interesse pela obra e personagens femininas de Allende está relacionado a uma característica marcante da escritora, qual seja, a construção de personagens femininas fortes e dinâmicas que contribuiu para a mudança de “o tradicional desenvolvimento da história de orientação masculina” (NAVARRO, 1995, p.17), situando a escritora em um papel destacado no cenário latino americano de literatura.

De nacionalidade chilena e sendo alfabetizada na língua espanhola e, muito cedo, também na língua portuguesa, surgia uma dúvida em relação às escolhas linguísticas usadas pelo tradutor do romance desta pesquisa. Sendo os *corpora*

escritos em duas línguas semelhantes¹, isso traria um nível maior de equivalências ou de mudanças na representação de Inés?

Assim, a seleção da obra na língua espanhola, da escritora e do romance traduzido para o português brasileiro não foi aleatória. Resultou de minha escolha consciente, a partir da qual se pretende explorar mais detalhadamente o texto original e traduzido sob a perspectiva teórica da LSF com a finalidade de realizar uma análise da representação linguística de Inés Suarez, personagem principal e narradora da trama. Mais especificamente quando a protagonista assume o papel de Dizente (eg. o que fala, a quem, sobre o quê) e de Experienciadora (eg. o que pensa, sente, deseja ou vê), incluindo questões sociais e culturais de seu entorno. O foco nos processos Verbais e Mentais visa demonstrar que esses processos circunscrevem Inés em experiências de mundo (ficcional) altamente dinâmicas².

No tocante a trabalhos em LSF, voltados para a representação de experiências femininas por meio de escolhas léxico gramaticais, várias pesquisas foram encontradas, embora nenhuma sobre *Inés del alma mía*. Rossi (2015), por exemplo, analisa a representação da mulher nos Evangelhos segundo dois grupos de vozes, chegando-se à conclusão de que as mulheres foram representadas como Metas que recebiam ações negativas nas vozes dos fariseus, saduceus, escribas e evangelistas, e como Ator que age no mundo, na voz de Jesus e dos Evangelistas. Lima (2015) pesquisa a representação da mulher nas crônicas de Martha Medeiros mostrando que os diferentes papéis desempenhados por mulheres (Experienciador, Ator, Portador de Atributos, Comportante) constroem diferentes perfis de mulheres contemporâneas, embora ainda sob o efeito de regulações sociais. No estudo de Moraes (2008), chega-se à conclusão de que, em artigos de revista de circulação nacional, as escolhas léxico-gramaticais mostram representações variadas das mulheres, constatando-se, porém, uma diferença entre a representação delas e a dos homens.

¹ Segundo estudo de Henriques (2000), o “Português e espanhol são as línguas românicas mais próximas” (p. 264), uma vez que “entre (...) [essas línguas], a transferência de conhecimento, idealmente, pode chegar a mais de 90%” (p. 266). Hasán (1990) a partir de dois polos distintos, isto é, haveria processos que representam mais dinamismo e processos que representam mais passividade de acordo com a relação que estes mantêm entre si. Na atual pesquisa, o dinamismo será analisado levando-se em conta considerações contextuais, ampliando a visão que se tem desse termo, entendido como *dinamismo dialógico* quando vinculado a processos Verbais e *dinamismo subjetivo*, com processos Mentais (Cf. Referencial teórico).

A análise de representações em texto traduzido também foi localizada em pesquisas diversas, como a de Fleury, Vasconcellos e Pagano (2010) que investigam os padrões do Participante “translator” em *Translators Through History* (DELISLE e WOODSWORTH, 1995) comparando-o ao Participante “tradutor” em *Os Tradutores na História*, tradução de Sergio Bath (2003), tanto no corpo do texto como nos paratextos dessas obras. A utilização do sistema de transitividade da LSF auxiliou a pesquisa dos autores mostrando, dentre outros resultados, que havia um padrão semelhante entre o texto e os paratextos na representação do Participante “translator”/“tradutor”, sendo encontrados padrões semelhantes também na textualização (original) e na retextualização (tradução) localizados no corpo do texto.

Rocha (2013) investiga a representação da personagem feminina da canção Garota de Ipanema (composta por Vinícius de Moraes e Tom Jobim) e de suas traduções para o alemão, inglês e italiano. Os resultados da pesquisa revelam mudanças da personagem nos textos traduzidos, observando-se acréscimos ou omissões na representação de seus atributos físicos ou psicológicos.

Mais recentemente, Rodrigues-Júnior e Garcia de Oliveira (2015) realizam uma análise comparativa das representações linguísticas dos poemas de Álvaro de Campos (heterônimo de Fernando Pessoa) e de sua tradução para a língua inglesa. Eles utilizam o sistema de transitividade (da LSF) para comparar a representação do eu lírico de Álvaro de Campos nos poemas em português e em sua tradução para o inglês, concluindo que tanto a construção textual como a representação do eu lírico de Álvaro de Campos não sofreram mudanças significativas, apresentando um alto nível de equivalências.

Esses trabalhos confirmam o potencial da LSF para análise do texto literário traduzido mostrando grande utilidade para esta pesquisa, conquanto não foi identificado nenhum estudo sistêmico funcional do *corpus* em análise. Justifica-se, então, esta pesquisa porque ao se respaldar nos aportes da LSF, especificamente no sistema de transitividade poderá oferecer uma descrição mais detalhada dos “eventos e dos personagens” (MONTGOMERY, 1993, p. 140) em um estudo comparativo entre a língua espanhola e a língua portuguesa (do Brasil). Por meio da descrição comparativa poderão ser apontadas equivalências e mudanças (*shifts*) nas representações de Inés nos papéis de Dizente e de Experienciadora.

O estudo das representações de Dizente e Experienciadora (de Inés) justifica-se porque poderá mostrar o papel dinâmico da personagem no contexto colonial

ficcional chileno quando interage verbalmente, isto é o *dinamismo dialógico* da personagem/narradora (processos verbais) e quando articula seu pensamento, (processos mentais) para beneficiar a sua comunidade, melhor dizendo, seu *dinamismo subjetivo*. Além disso, pretende-se colaborar com as pesquisas da linguagem em uso do *Projeto Sal* (Systemics Across Languages), a Sistêmica Através das Línguas, que se fundamenta na Linguística Sistêmico-Funcional (HALLIDAY e MATTHIESSEN, 1994, 2004, 2014), ao qual este projeto também se vincula.

Do levantamento da literatura, observam-se poucos estudos que abordam a fala de Inés, um deles constata a força da fala de Inés quando diz que ela é a “representação das muitas mulheres que lutam para ter voz” (VERAS e SANTOS, 2012, p.3). Já Martínez (2008) salienta a força de Inés no diálogo que mantém com Rodrigo onde ela o pede em casamento, invertendo os papéis que historicamente haviam sido do homem, ainda mais naquela sociedade ancorada em ideologias patriarcalistas.

Em relação às experiências da consciência da personagem, algumas pesquisas pontuam determinados aspectos da subjetividade da personagem, sem maiores aprofundamentos. Veras e Santos (2012, p. 4) destacam a sua capacidade de “refletir sobre sua condição de ‘ser mulher no mundo’, questionando os valores sociais vigentes”... Sobre a subjetividade da narradora, Martínez (2008, p. 92) manifesta que “quando fala de si mesma, o faz com uma atitude confessional íntima que permite adentrar-se em seus mais profundos pensamentos (...)”.

Esses trabalhos mostram haver indícios de que Inés foi representada como uma mulher dinâmica em relação à fala (Processos Verbais) e à consciência (Processos Mentais). A partir disso, realizou-se um levantamento piloto dos Processos Mentais e Verbais na *lista de palavras (word list)* do WordSmith Tools 6.0 (Cf. Metodologia) a fim de verificar se esses processos estariam presentes no texto original e em sua tradução.

Como imaginado, foi identificado um número significativo de processos Mentais e Verbais no romance original e traduzido: os processos Mentais totalizaram 1951 em espanhol e 1869 em português com 43 tipos de verbos, e; a soma dos processos Verbais, de 938 em espanhol e 886 em português com 31 formas verbais. Esses dados apontam a importância dos processos Mentais e Verbais na representação de experiências ficcionais de Inés, e também, são indicativos de

algumas diferenças quantitativas entre os textos que podem resultar em mudanças Ideacionais.

Com base nesses dados iniciais e nas leituras realizadas, propõem-se as seguintes hipóteses:

- i) Os processos Mentais e Verbais são importantes recursos linguísticos na construção das experiências de mundo ficcional da fala e da consciência de Inés, narradora e personagem, por distingui-la quanto a seu *dinamismo dialógico* e *subjetivo*, isto é, à capacidade de Inés agir em seu meio.
- ii) Devido à proximidade das duas línguas, espera-se encontrar alto índice de *equivalências Ideacionais* em a representação Ideacional Inés, não se descartando, porém, a presença de *mudanças* (shifts), uma vez que os *corpora* são escritos em dois sistemas linguísticos e culturais diferentes.

Desse modo, esta tese tem como objetivo geral:

- I. Analisar o dinamismo na representação da narradora quando vinculada a processos Verbais e Mentais no texto fonte (espanhol) e no texto alvo³ (português do Brasil), a fim de identificar se as escolhas linguísticas do autor e tradutor mantêm a equivalência ideacional ou provocam mudanças (shifts) nessas representações.

Com vistas a alcançar o objetivo geral, estipularam-se os seguintes objetivos específicos:

³ Nos Estudos da Tradução, *texto fonte* (TF) ou *texto de partida* (TP) é o *texto original* a ser traduzido e *texto Alvo* (TA) ou *texto de chegada* (TC) o que foi traduzido.

- i) Identificar, em cada texto, a representação linguística da narradora enquanto Dizente e Experienciadora, de modo a classificar os elementos de transitividade e discutir se os dois tipos de representação apresentam dinamismo.
- ii) Comparar as representações Ideacionais de Inés como Dizente e Experienciadora no texto de partida e no texto de chegada.
- iii) Verificar se as mudanças léxico-gramaticais no texto traduzido resultam em equivalências ou mudanças ideacionais na representação de Inés em comparação com o texto de partida.

Com base no exposto, propõem-se as seguintes perguntas:

- i) O que a voz narrativa destaca ao se representar ideacionalmente na representação como Dizente e Experienciadora e, quais implicações para seu dinamismo?
- ii) Considerando-se as escolhas linguísticas do tradutor, como se dá a representação de Inés em termos de níveis de equivalência ideacional do texto traduzido para o português em comparação com o texto de partida em espanhol?
- iii) Em termos comparativos, foram usadas outras formas verbais no texto traduzido que tenham alterado a representação ideacional de Inés? Se sim, que mudanças estes processos geraram na tradução?

A tese é composta de sete capítulos, sendo o primeiro a introdução onde são expostos os motivos da pesquisa, a justificativa, a filiação, os objetivos e questões levantadas. O *segundo* capítulo fará uma contextualização da obra de Isabel Allende situando-a na produção literária que tem como foco a mulher como personagem principal. Também neste capítulo trata-se da crítica literária em relação ao *corpus* da

pesquisa, cujas características, dentre várias, referem-se a ser um romance histórico com uma narrativa ficcional autobiográfica. O *terceiro* capítulo faz uma revisão da literatura apresentando os fundamentos da LSF, as terminologias e conceitos utilizados na pesquisa. São discutidas as categorias analíticas que auxiliarão na análise dos dados, tais como os elementos da transitividade, o eixo narrativo e do “pensamento”, os termos de *dinamismo dialógico* e *dinamismo subjetivo*, os conceitos de Equivalência e Mudança Ideacional. O *quarto* capítulo descreve a metodologia utilizada, os procedimentos de análise, os instrumentos de coleta, a organização e análise dos dados. O *quinto* trata a análise dos dados em relação aos processos Verbais e Mentais: a representação de Inés como Dizente e Experienciadora agrupada em diferentes temáticas de acordo com os tipos de processos; a análise da Equivalência Ideacional e da Mudança Ideacional verificada nas orações Verbais e Mentais. O capítulo *seis* exhibe os resultados e discussões dos Processos Mentais e Verbais quanto ao uso, às Equivalências e Mudanças Ideacionais presentes no *corpus*. Por último, o capítulo *sete* encerra a pesquisa discorrendo sobre as principais considerações, síntese das análises e desdobramentos futuros.

2.0 CONTEXTUALIZAÇÃO

Para a LSF a análise de textos está imbricada ao contexto de cultura e de situação da produção desses textos. Quando falam em contexto de cultura, Halliday e Hasan (1989, p. 46) o definem como “um plano de fundo mais amplo diante do qual o texto tem que ser interpretado”. Já o contexto de situação é um construto abstrato do entorno mais imediato do texto (GHIO e FENÁNDEZ, 2008).

A relação entre cultura e texto crucial para a LSF, uma vez que:

instituições culturais, suas representações simbólicas, seus modos de pensar e de viver, formam o contexto de cultura, que, por sua vez, se instancia no contexto de situação, colaborando para a produção de significados que falantes realizam por meio da linguagem.

Levando-se em conta a importância do contexto de cultura e de situação para o texto, cabe apresentar a contextualização da obra e da escritora.

2.1 A obra de Allende e a influência feminista

Isabel Allende, escritora chilena de texto literário em prosa, teve seus romances e contos publicados em diversos países, contando com traduções em inglês, francês, alemão, português, segundo consta em seu site pessoal⁴. Dentre os contos e romances, podem ser citados: “*La casa de los siete espejos* (1975), *La Casa de los Espíritus* (1982), *Cuentos de Eva Luna* (1987) e *Inés del alma mía* (2006)” (LOPES, 2012, p. 101).

Dois de seus romances mais conhecidos, *A casa dos Espíritos* e *De amor e de Sombra*, foram adaptados ao cinema (MARTÍNEZ, 2008) e, mais recentemente, o romance histórico *Inés del alma mía* será levado à televisão chilena. Em relação a este romance, foco da pesquisa, em 2015, o jornal chileno *El Mercurio* publicou reportagem noticiando a concessão dos direitos à emissora chilena *Chilevisión*, após quase dois anos de negociações.

⁴ In: <http://www.isabelallende.com>

A escritora chilena ficou conhecida com a publicação do primeiro romance *A casa de los Espíritus*. É nesse romance que a visão “feminista” da escritora ficou patente, destacando-se “uma progressiva emancipação da mulher” em sua narrativa (NAVARRO, 1995, p.16). Foi um dos romances de Allende que recebeu maiores elogios da crítica e contou com grande número de artigos, dissertações e teses de doutorado.

Embora a publicação desse romance alcançasse grande repercussão, como mencionado, Allende não ficou imune a julgamentos severos ao longo de sua vasta produção. Assim, se por um lado, recebeu homenagens e diversos prêmios literários, e foi um fenômeno de vendas, por outro, um grupo de críticos a classifica como escritora comercial ou como imitadora do escritor colombiano Gabriel García Marquez (LOPEZ, 2012.).

Entre seus críticos, encontra-se Roberto Bolaños, escritor chileno que, ironicamente, a comparou a “uma máquina de escrever”⁵(LABORDE, 2010, p.93), discordando rotundamente que seja uma verdadeira escritora, considerando-a apenas uma “escribidora”⁶. Além de Bolaños, Allende recebeu críticas de Gonzalo Contreras, da escritora mexicana Carmen Boullosa, e Ticardo Gil Otaiza, dentre outros, segundo consta no trabalho de Maciel (2007).

Apesar das críticas, a própria escritora as rebate no jornal *El Tiempo*, afirmando que em seu país, o Chile, a contestação à qualidade de sua escrita “é completamente subjetiva”⁷, tendo em vista, por exemplo, que muitos de seus livros são estudados nas universidades americanas. Endossando as palavras da escritora, a crítica literária Célia Correias Zapata (1998, p. 180) acrescenta que foram “escritas teses de licenciatura e de doutorado sobre seu trabalho [de Allende] não somente nos Estados Unidos, mas também no Canadá, em toda Europa e América Latina”.

Somem-se a isto, os inúmeros prêmios e títulos recebidos ao longo de sua produção literária, dentre eles, o Premio Gabriela Mistral (1990), o Premio Nacional de Literatura no Chile em 2010 e o Premio Hans Christian Andersen na Dinamarca durante o ano de 2011. Recebeu, ainda, o título de Doutor *Honoris Causa* da

⁵ Todas as traduções são de minha autoria e responsabilidade.

⁶ De acordo com definição do Dicionário da Língua Espanhola da Real Academia Espanhola “escribidora” significa uma “má escritora”.

⁷ Disponível no jornal *El tiempo* em: < <http://www.eltiempo.com/archivo/documento/CMS-7812412>>.

Universidade de Santiago do Chile em 2015 (GARCÍA, 2015)⁸, um ano antes de ter sido oferecido pela prestigiada Universidade de Harvard⁹.

Por outro lado, outros estudiosos, como a crítica literária Navarro (1995) considera Allende uma das primeiras escritoras a ter relevância na literatura latino-americana contemporânea por ter dado voz e protagonismo às mulheres nas tramas de seus romances. Para ela, Allende situa as mulheres em um lugar de destaque, escolhendo-as como protagonistas e narradoras de muitas de suas histórias.

Em uma descrição mais detalhada, Canello (2008, pp. 23-24) informa que,

Segundo a própria autora, grande parte de sua memória crítica consiste em focar mulheres fortes, decididas a enfrentar e superar qualquer obstáculo, paixões incontroláveis, justiça, senso de honra, amizade, dor, morte, violência. Pode-se perceber, também, uma forte tendência em focar a mestiçagem latino-americana.

Em geral, a escritora tem figurado no movimento literário denominado *pós-boom*¹⁰ latino americano da década de 1970 e 1980, embora qualquer datação para tendências e movimentos literários pode ser questionada em função da perspectiva teórica que seja adotada (RIBEIRO, 2010). Nesse movimento, destacam-se as narrativas que englobam gêneros literários híbridos, a exploração da temática da mestiçagem, a combinação de mídias para fornecer informações sobre a obra, além de manter algumas estratégias narrativas do realismo fantástico presente no *boom* latino americano, movimento literário que antecede o pós-boom (SERRÃO, 2013, p. 106).

O romance do pós-boom, em função das características diferenciadas em relação às presentes, tanto no romance do *boom* latino-americano como no romance histórico tradicional ou clássico¹¹, também foi denominado de *novo romance histórico* (SERRÃO, 2013; MARTÍNEZ, 2008). Diferentemente do romance histórico tradicional, o novo romance histórico não se prende a um discurso oficial da história, uma vez que “a recriação do passado com seus personagens se dá com

⁸ Disponível em: <<http://www.latercera.com/noticia/cultura/2015/04/1453-624491-9-isabel-allende-me-basurearon-por-30-anos.shtml>>. Acesso em: 10/08/2015.

⁹ Disponível em: <<http://www.latercera.com/noticia/cultura/2015/04/1453-624491-9-isabel-allende-me-basurearon-por-30-anos.shtml>>. Acesso em: 15/08/2015.

¹⁰ Alguns críticos literários denominam o movimento literário apenas de *boom*, distinguindo-o em períodos distintos de acordo com a data de produção, como a crítica literária Navarro (1995), outro, como *pós-boom*, por considerar que manifesta diferenças com o *boom*, embora também algumas semelhanças, como mostra Serrão (2013).

¹¹ É o romance herdeiro do Movimento Romântico do século XIX (FLECK, 2007, p. 150).

base mais em sua humanidade que em seu misticismo ou heroísmo” (FLECK, 2007, p. 157).

Esse novo tipo de romance, inclui a escrita feminina da década de setenta e oitenta, com escritoras como “Elena Garro, Carmen Boullosa, Isabel Allende, Laura Esquivel, Rosa Beltrán, Luz Argentina Chiriboga”, conforme informa Serrão (2013, p.115). Para Serrão (2013), o romance *Inés del alma mía* de Isabel Allende pode ser incluído no novo romance histórico, enquanto que o estudo de Maciel (2007) aponta outra classificação, o de romance histórico tradicional devido ao enfoque dos fatos tal como foram documentados.

Fora as controvérsias acima apontadas, inerentes aos enfoques literários adotados por cada pesquisador, a pesquisa de Cristiane Toni (2011, p. 37) enfatiza que, em relação à produção literária dessas escritoras:

Os textos dessas mulheres, engajadas com seu contexto, propõem uma visão crítica da história oficial, assim como denunciam as diversas formas de opressão presentes em uma sociedade regida pelas normas da dominação masculina. Em suas obras, na maioria das vezes, a mulher que é a personagem principal da história, adquire um papel predominante.

Das palavras acima, fica evidente a relevância da literatura feita por mulheres, uma vez que, nessas produções, vislumbra-se uma nova maneira de interpretar a realidade por meio do texto ficcional e da construção do ponto de vista de suas narradoras.

2.2 O romance histórico *Inés del alma mía* (*Inés de minha alma mía*)

O romance *Inés del alma mia* foi escrito por Isabel Allende em 2006, após “quatro anos de ávidas leituras” de historiografia, artigos e textos de ficção, segundo a própria autora (ALLENDE, 2006). É narrado em primeira pessoa por Inés Suales, espanhola que participou da conquista e fundação do Chile, apresentando em sua narração o choque entre culturas diferentes (entre os espanhóis e indígenas chilenos), as lutas travadas entre eles, a crueldade presente nessas relações, e ainda as relações de amizade e de amor nas terras há pouco conquistadas.

2.2.1 Estudos literários do romance

Dentre as principais características estilísticas da obra, Olga Ries (2011, p. 2) aponta a presença de uma mistura de gêneros que inclui “o romance histórico, a biografia, o documentário”. Veras e Santos (2012) relatam que, apesar de o romance contar com uma narrativa com significativo nível de detalhamento de datas e locais devido a sua característica histórica, não deixa de contar igualmente, com uma narrativa “feita em flashback, fruto dos fluxos de memórias da narradora protagonista”, (p.4) direcionada a sua filha Isabel.

Com efeito, as características elencadas por Ries (2011) estão presentes em *Inés del alma mía*, uma vez que apresenta a figura histórica de Inés Suarez no papel de uma personagem e narradora. Sendo narradora, é ela que oferece sua própria versão dos fatos históricos em uma narrativa ficcional autobiográfica. Sobre essa estratégia, Canello (2008, p. 54) expõe que “na ficção, tais empresas autobiográficas são parodiadas, a fim de que a própria figura histórica receba voz e vez para poder contar-se”.

No que se refere às mulheres no registro histórico, a historiadora Michelle Perrot (2009, p. 9) explica que “as mulheres tem ficado longamente excluídas deste relato [do relato histórico], como se, condenadas à escuridão de uma reprodução inenarrável, estivessem fora do tempo (...). Sepultadas debaixo do silêncio de um mar abismal”. Desse modo, é visível que durante a história dos seres humanos as mulheres têm sido relegadas ao silêncio, não tanto na efetiva participação dos fatos históricos, mas, sobretudo, na narrativa histórica.

Das linhas acima, é evidente a importância do papel de narradora de Inés por romper com o confinamento das mulheres a um mundo sem voz, pois na condição de narradora ela oferece sua própria visão dos fatos históricos, em especial da vida dela junto a Pedro e da conquista do Chile na qual teve efetiva participação.

Além disso, a leitura do romance mostra que Inés é uma narradora que pensa o mundo à sua volta, que busca compreender e refletir sobre sua condição de mulher e que fala sobre a sociedade em que está inserida. Basicamente, a narradora é portadora de diversos conhecimentos, inclusive, o da escrita que lhe permite escrever sua vida e o que pensa sobre ela, diferenciando-se do papel que a história tem dado à mulher, pois segundo Perrot, “desde o início dos tempos, o saber

é proibido às mulheres (...). O saber, que é sagrado, é uma exclusividade de Deus e do homem, seu representante na Terra” (PERROT, 2009, p. 77).

Ela narra os fatos a partir de suas vivências, experiências, de sua condição de mulher e de sua convicção em não aceitar ser confinada ao “espaço doméstico reservado à mulher”, como tem ocorrido ao longo da história (MARTINEZ, 2008, p.93). Segundo a pesquisa de Martínez (2008, p. 8), a fala de Inés (narradora e personagem) rompe com o ideal da mulher pacata, pudica e casta, restrita ao ambiente familiar e doméstico, por exemplo, a “menção direta a sua sexualidade”.

Em relação à composição ficcional de Inés, Veras e Santos (2012, p.6) salientam que embora a personagem tenha nascido em uma sociedade que exige a subserviência da mulher, ela “não corresponde ao padrão desejado pelo ideal do Século XVI”, basta ver “seu comportamento e desejo de liberdade”. Nota-se que Inés não se enquadra nos parâmetros de “boa mulher” da sociedade chilena colonial, que valorizava o comportamento recatado, humilde, obediente e casto das mulheres (ARISMENDI, 2006).

Sobre a vida real dessa personagem, a pesquisadora de História, María J. Coreano Arjona (2014) diz que pouco se sabe da figura histórica Inés Suarez em seus primeiros anos, com exceção de seu nascimento em Plasencia, cidade da comunidade autônoma de Estremadura na Espanha. O pouco que se sabe dessa espanhola está registrado em algumas documentações históricas do Chile que dedicam espaço para alguns de seus feitos durante a época da Conquista.

Dentre os feitos históricos desta espanhola, nas *Crônicas do Reino de Chile* (LOVERA, 1865), uma das bibliografias consultadas por Isabel Allende, descreve-se a cena em que Inés ordena a morte dos sete caciques, prisioneiros de Pedro de Valdivia¹² onde ela própria diante da indecisão dos homens que os vigiavam, os mata com um golpe de espada sobre suas cabeças. Esse é um dos fatos históricos que Allende utiliza no romance ora pesquisado, oferecendo uma versão na voz da própria figura histórica a partir de sua ficcionalização em *Inés del Alma mía*.

Nessa mesma documentação, Lovera (1865, p. 39) relata o momento em que Inés acha água e que também é narrado no romance de Allende:

¹² Pedro de Valdivia, espanhol responsável pela Conquista do Chile durante o século XVI que manteve um relacionamento amoroso com Inés de Suarez por vários anos, apesar de este ser casado e manter sua esposa na Espanha.

...mulher de muita cristandade e edificação de nossos soldados, mandou um índio cavar a terra no lugar onde ela estava sentada, e cavando aproximadamente uma vara [antiga medida de comprimento], saiu a água em tal abundância que todo o exército se satisfez, dando graças a Deus por tal misericórdia (LOVERA, 1865, p. 39).

Também o historiador Diego Barros Arana (2000), um dos autores citados por Isabel Allende, menciona a presença da espanhola junto ao grupo que pretendia realizar a conquista do Chile. Além disso, o historiador descreve a relação que ela mantinha com Pedro de Valdivia, o conquistador do Chile, como uma união de amor e demonstra admiração por ela, ao dizer que estava “destinada a conquistar um célebre nome nas primeiras páginas da história” (idem, p. 173).

Como se pode notar, a protagonista do romance foi uma figura histórica importante no processo de Conquista do Chile, sendo citada por cronistas e historiadores. Contudo, apesar de Inés Suarez fazer parte de obras clássicas da História do Chile, pesquisas ressaltam que, em geral, ela tem sido esquecida pelos historiadores (MACIEL, 2007, p. 72; CANELLO, 2008, p. 4).

2.2.2 Resumo de Inés del alma mía

A história começa quando Inés Suarez, com aproximadamente setenta anos, inicia o relato de sua vida destinado a sua filha adotiva Isabel, filha de Rodrigo Quiroga, seu último marido. Segundo Inés, ela está escrevendo suas memórias para sua filha saber da verdade dos fatos. Nessa narrativa, Inés conta sobre sua vida e de sua família na cidade espanhola de Plasencia, apontando sua condição de mulher pobre em uma sociedade excludente e machista. Mostra que, apesar das limitações impostas por essa sociedade, seu temperamento libertário e contestador desde cedo se faz notar, não aceitando o papel de mulher frágil que era destinado às mulheres do século XVI.

Uma amostra de sua personalidade marcante foi a recusa em aceitar a determinação do avô de que ela não iria se casar para que pudesse cuidá-lo na velhice. Determinada, sua opção foi realizar trabalhos de costura e bordado para juntar seu dote, visto que seu avô não o daria. É ela, também, que decide deixar sua

terra natal para se aventurar pelas águas do oceano Atlântico em busca de seu marido, mas, sobretudo, em busca de ter a independência que não teria em seu país.

Na primeira parte da história, Inés faz uma descrição do primeiro marido Juan de Málaga, com quem perdeu a virgindade, antes mesmo de se casar. Foi com ele que Inés aprendeu a conhecer o próprio corpo e a sexualidade, desde que se encontravam amiúde para vivenciar variadas experiências amorosas e ele era um verdadeiro “Don Juan”. É graças à vinda desse marido para a América em busca de riquezas que ela decide mudar seu destino em sua cidade natal, destino que estaria sempre na dependência de um homem.

Na condição de “viúva das Índias”, como chamavam as esposas de espanhóis que tinham realizado a viagem para o Novo Mundo, toma a decisão de vir em busca do marido desaparecido. Não sem obstáculos, usa seu dote para financiar sua viagem no navio que a levaria à América, em companhia de sua sobrinha, após ter vencido a burocracia do governo absolutista e a oposição da família. Durante a travessia do Oceano Atlântico, após tentativa de estupro, Inés foi obrigada a dar fim ao agressor com uma adaga, descreve a narradora. Esse acontecimento é o primeiro de vários que marcam a vinda de Inés à América, ficando evidente sua determinação em não aceitar a violência masculina.

Após passagem pela Venezuela, é no Peru que a narradora e protagonista se inteira da morte de seu marido desaparecido. Lá conhece aquele que será seu grande amor, Pedro de Valdívia, espanhol responsável pela Conquista e Colonização do Chile, como conta Inés. As circunstâncias desse encontro não são nada agradáveis, ele ocorreu quando o alferes Núñez tentava sequestrá-la por ela não ter aceitado a corte que ele lhe fazia. Foi então que Valdívia, ao escutar a conversa deste homem, desconfiado de sua fala, decide segui-lo até a casa de Inés para defendê-la, caso seja necessário.

Mais adiante, a narradora faz uma minuciosa descrição da travessia do deserto do Atacama rumo ao Chile, com todas as dificuldades, apontando seu envolvimento nos fatos. Dessa forma, Inés conta os feitos de Pedro de Valdívia, sem deixar de esclarecer a importante participação que ela teve na tarefa de conquistar e colonizar o Chile. Salaria que na travessia achou água graças a seu dom para identificar locais onde o líquido se encontrava e que, também foi responsável pela fundação de casas, hospitais, igrejas, pelo cuidado de doentes, alimentação das

tropas e da população em épocas de carestia, pela tomada de decisões estratégicas junto às tropas militares, dentre outras questões.

Pouco afeita aos pudores reservados à mulher do século XVI, a narradora, não poupa o leitor de detalhes da relação amorosa entre ela e Pedro de Valdivia. Ela diz que o conhecimento que tem dele não se restringe apenas às grandes conquistas, mas também ao que a história nunca poderia investigar, isto é, ao que ele “temia e como amou”.

Inés não deixa de narrar a sua separação de Valdivia que, além de abandoná-la sugere que ela se casasse com outro, de modo a evitar que não perdesse suas economias, como acontecia com mulheres solteiras no período colonial. Àquela época, a narradora não sabia que essa decisão havia sido tomada por Pedro devido a ordens superiores como uma tentativa de protegê-la, e por não poder se casar com ela em função de ser casado com uma mulher que o esperava na Espanha.

A narradora explica que, mesmo revoltada com essa sociedade que a puniu, por ser mulher, ao invés de ter punido o homem (Pedro), sendo ela viúva e Pedro casado, decide aceitar a proposta de Pedro e se casar com outro homem. Contudo, como mulher forte e determinada, é ela quem faz a escolha de seu futuro marido, um velho amigo do casal, o capitão Rodrigo de Quiroga com quem também será tão feliz como havia sido com Pedro.

Na narrativa Inés faz menção a uma criança indígena, criada por ela e Pedro, chamada de Felipe por Pedro de Valdivia e pelos espanhóis e, em segredo, de Lautaro pelos indígenas *mapuche*¹³. Este personagem é importante para o Chile do período colonial, e, por conseguinte, para o enredo do romance, sendo uma peça importante no desfecho da trama, devido a ter sido ele quem derrota e mata Valdivia.

A narradora ainda fala de sua vida junto a Rodrigo de Quiroga, descrevendo a maneira como eles se tratavam, o amor que existia entre eles. Destaca o papel que ela teve no enriquecimento cada vez maior do casal graças à sua visão empreendedora, característica bem diferente de mulheres daquela época.

No fim do relato, Inés descreve e analisa a batalha que culminou com a morte de Valdivia, optando pela versão mais cruel, na qual o conquistador sofre variadas

¹³ Mapuche refere-se aos indígenas do Chile.

torturas de seu algoz Lautaro, líder dos indígenas do Chile, outrora considerado por Valdivia quase um filho.

3.0 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA: A Linguística Sistêmico-Funcional e a Metafunção Ideacional

A Linguística Sistêmico-Funcional (LSF), desenvolvida por M.A.K. Halliday (1978; 1985; 1994), foi ampliada e revisada por Halliday e Matthiessen (2004; 2014) e adotada por pesquisadores como Eggins (2002; 2004), Ghio e Fernandez (2008), Fuzer e Cabral (2010; 2014). Segundo Ghio e Fernández (2008) a teoria é legatária, dentre outros, do linguista J. R. Firth (1890-1960) e do antropólogo Malinowski (1884-1942) que oferecem os fundamentos linguísticos e sociais à teoria.

Em *Language as social semiotic: the social interpretation of language and meaning*, Halliday (1978) propõe a existência de uma relação dialética entre a linguagem e a sociedade, distanciando-se de teorias tradicionais da linguagem que concebem estes dois fenômenos de forma dicotômica. Essa relação dialética mostra que o sistema linguístico pode contribuir para o entendimento dos fenômenos sociais da mesma forma que os fenômenos sociais podem ser úteis para a compreensão da linguagem.

A LSF se apoia no princípio funcional do sistema linguístico, o qual não se limita somente à noção de uso da língua em contextos diversificados, mas também a um “princípio funcional subjacente” ao sistema (HASAN e PERRET, 1994 apud GHIO e FERNANDEZ, 2008). Nesse sentido, a linguagem é considerada um *sistema* de significação moldado pelas funções sociais.

Para a LSF, a linguagem tem a capacidade de criar “significados simultâneos” (EGGINS, 2002 [1994], p. 41), que em Halliday (HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2014) são, mais especificamente, três. Os autores os denominam de *metafunções* do sistema linguístico que permitem entender “o que se faz, se pensa e se é” (HALLIDAY, 1994, p. xiv). Conforme o autor, os três significados subjazem em todas as línguas, tendo em vista que a linguagem é usada para representar linguisticamente o mundo (*metafunção ideacional*), para as pessoas interagirem umas com as outras (*metafunção interpessoal*) e para produzir diversos tipos de textos (*metafunção textual*).

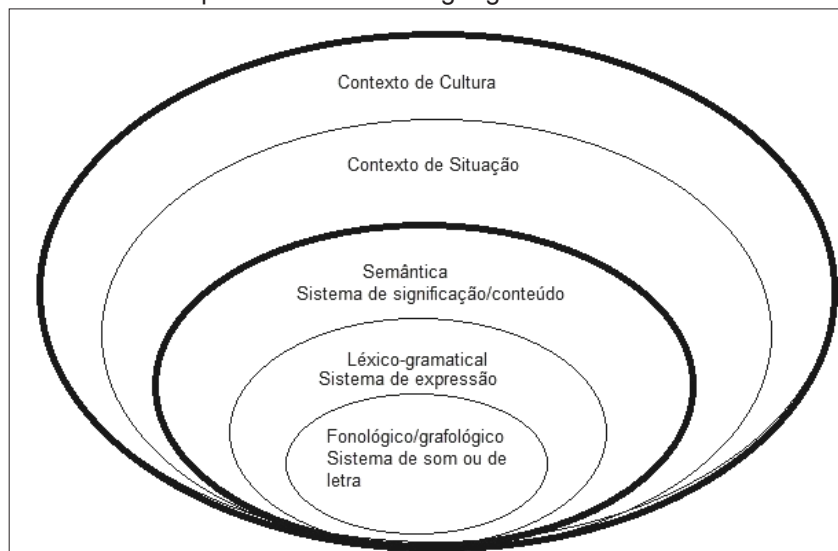
A LSF defende que os significados são produzidos em *textos* orais e escritos que, por sua vez manifestam a realidade social da qual fazem parte. É por isso que, por um lado, o texto é concebido como um *processo* mediante o qual pessoas

interagem entre si trocando significados. Por outro, ele é considerado um *produto* dessa troca de significados, ou como explicam Ghio e Fernández (2008, pp. 37-38), “um resultado do processo contínuo de escolhas da rede de significados da cultura, codificados [*realizados*] no sistema linguístico”.

Outro aspecto fundamental da LSF se relaciona aos conceitos de *contexto de cultura* e *de situação* e a estreita relação que estes estabelecem com o sistema linguístico. A inclusão desses conceitos mostra a orientação social da teoria que a tem aproximado de uma abordagem sociológica, nas palavras do próprio Halliday (HALLIDAY, 1994, p. xxx). A língua está relacionada a contextos sociais porque é utilizada para atingir determinados propósitos sociais e varia conforme os contextos de cultura (valores, ideologia, crenças) e de situação (ambiente mais próximo do texto). Por outro lado, a relação também ocorre na direção inversa, quer dizer, o uso da língua também cria novos contextos sociais.

O papel relevante dos contextos no funcionamento do sistema linguístico e vice-versa levou Halliday (HALLIDAY e HASAN, 1989) a conceber o sistema linguístico dividido em estratos que estão interligados entre si, como se vê na figura abaixo:

FIGURA 1: Os quatro estratos da linguagem



Fonte: Adaptado de EGGINS, 2002, p.146.

A figura 1 mostra a estratificação do sistema linguístico, dividido em uma *interna*, formada pelos estratos fonológico/grafológico, léxico-gramatical e semântico

(Metafunções), e outra *externa*, que se compõe dos contextos de cultura e de situação. Ghio e Fernández (2008) explicam que cada estrato é considerado um “subsistema” ou “níveis funcionais” que mantêm uma relação hierárquica entre si, pois o nível mais alto (o contexto de cultura e de situação) é *realizado* no estrato imediatamente inferior a este, e assim sucessivamente. Esta estratificação do sistema linguístico mostra segundo Halliday (1994, p. xvii) que, embora o texto seja considerado uma “unidade semântica e não gramatical”, a “*realização*” [codificação] desses significados se manifesta nos “*fraseados*” (*wordings*) do estrato léxico-gramatical, e por este motivo, a oração é a “unidade fundamental” de análise de textos (GOUVEIA, 2009, p. 18).

Nessa perspectiva, o sistema linguístico apresenta uma *dimensão paradigmática*, entendida como um *potencial de significados*, um conjunto de opções ou rede de escolhas condicionadas pelo contexto de cultura e de situação. Porém, com o termo *realização*, a *dimensão sintagmática* também passa a figurar na concepção de linguagem para a LSF, uma vez que os significados são realizados no estrato léxico-gramatical (HALLIDAY, 1994; EGGINS, 2002 [1994]).

Na figura 1, o extrato mais alto, o contexto de cultura, é o contexto mais amplo e abstrato que envolve o sistema linguístico, constituído por aspectos socio-históricos dos usuários da língua, incluindo-se práticas sociais, crenças, instituições, modos de vida, ideologias, convenções e instituições (FUZER e CABRAL, 2014). Na terminologia hallydaiana (HALLIDAY e HASAN, 1989, p. 46), este é definido como “um plano de fundo mais amplo diante do qual o texto tem que ser interpretado”. Por seu turno, o contexto de situação é todo o entorno imediato de uma interação.

Ainda sobre os contextos, a LSF associa o contexto de cultura ao gênero e o contexto de situação ao registro. O *contexto de cultura*, como *gênero*, manifesta o uso da língua para atingir “propósitos semelhantes”, isto é, determinados “tipos de textos escritos ou falados” são reproduzidos de forma mais ou menos estáveis para atingir metas estabelecidas nas mais diversas comunidades (FUZER e CABRAL, 2014, p. 28). Não obstante, os gêneros não são estáticos, eles podem ser configurados de outros modos, ou mesmo, desaparecer conforme ocorram mudanças nos propósitos sociais.

Já o *contexto de situação* sofre as influências do contexto de cultura e é formado por três variáveis do registro que também impactam a linguagem, de modo que determinados significados e recursos linguísticos sejam mais prováveis do que

outros em uma situação particular (EGGINS e MARTIN, 2008, p. 340). Essas variáveis, já bem conhecidas pelos pesquisadores, segundo Halliday e Matthiessen (2014, p. 33) são o *campo*, a *relação* e o *modo* e cada uma delas está relacionada a um dos significados metafuncionais.

Resumidamente, pode-se dizer que, na LSF: i) o *campo* refere-se ao que está ocorrendo na situação, à natureza dessa atividade e ao assunto e objetivos e, por conseguinte, vincula-se à Metafunção Ideacional, já que manifesta experiências da realidade; ii) a *relação* inclui os participantes da situação, isto é, o status, o poder e grau de familiaridade e hierarquia que há entre eles, variável que, pelas suas características interpessoais, corresponde à Metafunção Interpessoal; iii) o *modo* designa o papel que a linguagem desempenha na situação comunicativa e inclui o papel da linguagem, se é escrita ou oral, monológica ou dialógica, relacionando-se com a Metafunção Textual, por meio da qual os textos são organizados.

Em suma, da figura 1, depreende-se que os contextos influenciam os usuários da língua nas *escolhas* dos recursos linguísticos apropriados a cada situação de uso (HALLIDAY e HASAN, 1989). A cada escolha, os significados experienciais, interpessoais e textuais se materializam (são *realizados*) no texto, permitindo ao pesquisador fazer a análise do texto em relação a um desses significados ou a todos os três, dependendo do interesse de sua pesquisa.

3.1 Representação das experiências e o sistema de transitividade

O termo *representação* irá adquirir diversas acepções que poderão variar segundo o referencial teórico adotado e da área de conhecimento que ele seja abordado. Para se ter uma breve ideia, vejam-se algumas definições encontradas no Dicionário Houaiss, 2009, p. 1648): i) Em Filosofia refere-se à “operação pela qual a mente tem presente em si mesma a imagem, a ideia ou conceito que correspondem a um objeto que se encontra fora da consciência”; ii) Na área Jurídica, dentre os vários significados, pode ter o sentido de “fato de realizar um ato jurídico em nome e por conta de outrem, em virtude de poder legal ou convencional, e com efeito de criar para a pessoa representada uma obrigação ou um direito”; iii) Na Psicologia é

definido como a “imagem intencionalmente chamada à consciência e mais ou menos completa de um objeto qualquer ou de um acontecimento”.

No que tange à LSF, a *representação* pode ser entendida como o uso da linguagem para representar as experiências internas e externas dos seres humanos nos textos (HALLIDAY e MATTHIESSEN, 1994). De forma mais detalhada, Halliday (1982[1978], p. 33) explica que:

a linguagem tem que interpretar nossa experiência, reduzindo os fenômenos infinitamente variados do mundo que nos cerca, e também de nosso mundo interno, dos processos de nossa consciência, a um número controlável de classes de fenômenos: tipos de processos, acontecimentos e ações, classes de objetos, de gente e de instituições.

Depreende-se da citação, que o termo *representação* está relacionado a uma atividade linguística que organiza as mais variadas experiências dos seres humanos e que ao mesmo tempo é influenciada pela organização social e cultural. Segundo a LSF essa organização se dá no nível da léxico-gramática por meio do sistema de transitividade, uma vez que esse sistema organiza o curso das experiências que adquirem ordem e inteligibilidade (HALLIDAY e MATTHIESSEN, 1994).

Nessa perspectiva, a LSF afirma que a transitividade produz uma *figura* (*figure*) experiencial constituída por *Participantes*, *Processos* e *Circunstâncias*, como em:

(1) *E eu [Inés] irei com você (...)*

No excerto (1) “eu” é o participante Ator do processo material de deslocamento “irei” e “com você” é a circunstância de acompanhamento que destaca um determinado aspecto da representação das experiências de Inés. Em outras palavras, a representação das experiências de mundo (real ou ficcional) é organizada pelo sistema de transitividade constituído por: i) *Processos* (verbos) que se referem às ações ou aos eventos; ii) *Participantes* (grupos nominais) envolvidos nos processos e, eventualmente; iii) *Circunstâncias* (sintagmas preposicionados e grupos adverbiais) para indicar informações adicionais, tais como local, modo, tempo, etc.

Nessa perspectiva, esse sistema “realiza ou constrói significado ideacional, especificamente o subcomponente experiencial, que expressa a experiência humana como ‘processo’ no qual participa um ‘ator’ como participante ativo e as ‘circunstâncias’ desse processo”, explicam Ghio e Fernández (2008, p. 92).

No sistema de transitividade, os processos são considerados por Halliday e Matthiessen (1994; 2004; 2014) o “centro experiencial da oração” (HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2004, p. 176) que, somados aos participantes envolvidos e, ocasionalmente, acompanhados pelas circunstâncias, organizam as figuras experienciais. Essas figuras modelam as experiências humanas, ou em termos hallidayanos, os “*goings-on*” (HALLIDAY, 1994, p. 106), por meio de seis tipos de processos, quais sejam: os materiais, existenciais, relacionais, verbais, mentais e comportamentais, como se pode observar no diagrama formulado por Halliday (1994) disposto na figura 2:

FIGURA 2: Tipos de processos



Fonte: Adaptado de Halliday (1994) por Cabral, 2015, p. 15¹⁴

Como dito anteriormente, as experiências são codificadas pelo sistema gramatical denominado transitividade dentro de um espaço contínuo organizado

¹⁴ Disponível em <http://periodicos.unb.br/index.php/les/article/viewFile/15561/11103>. Acesso em: 04 de set de 2015.

circularmente, detalhado na figura (2) (HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2014). Para melhor explicar a organização das experiências pelo sistema de transitividade, os autores (2014) fazem uma analogia com a tabela de cores, divididas em primárias e secundárias.

Como se vê na figura (2), os principais Processos, Materiais, Mentais e Relacionais ocupam o espaço das cores primárias, respectivamente, vermelho, azul e amarelo. Já os processos secundários, Comportamentais, Verbais e Existenciais, estão distribuídos nas cores secundárias, o roxo, verde e laranja, cada um.

Também é interessante destacar que, por ser uma figura circular, há uma continuidade entre um processo e outro, não havendo uma fronteira rígida entre os processos. Percebe-se que aqueles Processos que representam as cores secundárias acabam tendo parte das características daqueles que representam as cores primárias. Isso quer dizer que o princípio que rege o sistema de transitividade é o de um sistema de “*indeterminação*” (HALLIDAY e MATTHIESSEN, p. 217, 2014) e, portanto, as próprias experiências são altamente indeterminadas, sendo construídas gramaticalmente por um sistema de *tipos de processos*.

Halliday e Matthiessen (2014) explicam que a indeterminação pode ser comprovada no fato de que em diferentes textos ou, até mesmo, em um mesmo texto, o domínio de uma determinada experiência pode ser construída por processos diferentes. Os autores (2014, p. 217) exemplificam dizendo que o domínio da emoção poderá ser representada tanto por um Processo em uma oração mental (“e.g. Ela gostou disso”) ou por um Participante em uma oração relacional (“e.g. Ela estava feliz (por causa disso”).

Ainda sobre a indeterminação, Fuzer e Cabral (2014, p. 44) explicam que, devido a essa característica, tudo pode ser relativo em linguagem, “inclusive a identificação dos tipos de processos” e dos tipos de transitividade que a gramática constrói da realidade. Em função disso, um processo pode ser classificado como mental ou como outro tipo de processo dependendo do contexto do qual faça parte. Para ilustrar, as autoras oferecem algumas exemplificações (p.44): a) “A música me *toca* profundamente (mental); b) Meu amigo *toca* violão (material)”.

Em suma, como se vê na figura 2, são seis os tipos de processos que representam linguisticamente as experiências, quais sejam: materiais, mentais e relacionais, que são os principais, e, comportamentais, verbais e existenciais, considerados secundários na LSF.

Segue-se explicação dos Processos e seus Participantes, e das Circunstâncias, com uma ênfase maior nos processos verbais e mentais, focos desta pesquisa.

a) Orações com processos materiais

Os processos materiais são encontrados em “orações de ‘fazer e acontecer’, porque estabelecem uma quantidade de mudança no fluxo de eventos” (FUZER e CABRAL, 2014, p. 46). Eles são realizados na léxico-gramática por grupos verbais tais como, *trabalhar, construir, dar, colorir*, entre outros. Nesse tipo de figura experiencial tem-se o participante obrigatório, o Ator, responsável pela ação e, frequentemente, o participante Meta, aquele que será afetado pela ação.

Exemplo 1: Ator e Meta

<i>[nós]</i>	<i>Construímos</i>	<i>um moinho e fornos públicos [...]</i>
Ator (elipse)	P. Material	Meta

Além desses participantes, outro participante habitual dos processos materiais é o Beneficiário. O Beneficiário pode ser alguém que recebe um produto sendo designado de Recebedor, ou que se beneficia de um serviço, nesse caso denominado Cliente.

Exemplo 2: Ator, Meta e Beneficiário

<i>[eu]</i>	<i>dei</i>	<i>o anel</i>	<i>a Catalina</i>
Ator (elipse)	P. Material	Meta	Beneficiário

Além desses participantes, em orações materiais poderá estar presente o participante Escopo, também chamado de Extensão que, segundo a LSF, constrói o domínio onde o processo se desenvolve ou o próprio processo.

Exemplo 3: Ator, Meta e Escopo

<i>[eu]</i>	<i>lhe</i>	<i>dei</i>	<i>um rápido</i>	<i>beijo</i>	<i>na testa [...]</i>
Ator (elipse)	Beneficiário	P. Material	Circunstância	Escopo	Circunstância

Ocasionalmente, algumas orações materiais apresentam o participante Atributo, uma característica que é atribuída a outro participante.

Exemplo 4: Ator, Meta e Atributo

<i>[Alderete]</i>	<i>caiu</i>	<i>morto</i>	<i>por um tiro enganado de arcabuz</i>
Meta (elipse)	P. Material	Atributo	Ator

b) Orações com processos Relacionais

De acordo com Halliday e Matthiessen (2014, p. 269), as orações com processos relacionais “servem para caracterizar e identificar” contando, em geral, com os verbos *ser*, *ter* e *estar*. Os autores mencionam que as principais relações identificadas no sistema linguístico do inglês são as de *intensidade*, *posse* e *circunstância*, das quais se observam “dois modos distintos de ser – de atribuição e de identificação”.

Dos três principais tipos de processos relacionais, os de *intensidade* atribuem uma característica a outro participante, os de *posse* estabelecem uma relação de posse entre duas entidades e os de *circunstância* indicam relação de tempo, lugar, modo ou outra informação adicional entre dois participantes.

Em relação aos dois modos distintos dos processos relacionais, na relação de atribuição um participante Atributo confere uma qualidade a um Portador, ou dito de outra forma, “o Portador é construído como um membro da classe descrita pelo Atributo” (Ghio e Fernández, 2008, p.107), como se vê no exemplo 5.

Exemplo 5: Portador e Atributo

<i>Santiago</i>	<i>era</i>	<i>uma cidade pequena [...]</i>
Portador	P. Relacional Atributivo	Atributo

Nas orações com processos relacionais identificativos há uma relação simbólica em que um dos participantes é uma entidade identificada – o Identificado – por outro participante, – o Identificador. Nesse tipo de oração, o Identificador distingue o Identificado em relação a outros participantes (Exemplo 6).

Exemplo 6: Identificado e Identificador

<i>Eu</i>	<i>era</i>	<i>a única espanhola da expedição (...)</i>
Identificado	P. Relacional Identificativo	Identificador

c) Orações com processos Mentais

Em uma oração mental há dois participantes, o Experienciador e o Fenômeno, observados no exemplo a seguir.

Exemplo 7: Experienciador e Fenômeno

<i>[Pedro]</i>	<i>Queria</i>	<i>soldados, pessoas, barcos, autoridade (...)</i>
Experienciador (elipse)	P. Mental	Fenômeno

O Experienciador é aquele que experiencia o mundo de sua própria consciência através de suas percepções, cognições, afetos e desejos. O Experienciador é, portanto, realizado gramaticalmente por um substantivo, uma classe gramatical que irá se referir mais comumente a um ser consciente. No exemplo 7, o Experienciador é realizado pela classe gramatical de um substantivo, o

substantivo próprio “Pedro”, mas também pode ser uma entidade ou um ser dotado de consciência. Por outro lado, o Fenômeno é a representação das experiências subjetivas do Experienciador e pode ser realizado por diferentes substantivos, como nas escolhas léxicas de “soldados, pessoas, barcos e autoridade”.

Tendo-se em vista as características do Experienciador e do Fenômeno, Halliday e Matthiessen (2014, p. 251) assinalam que, gramaticalmente, o primeiro é “altamente restrito” a um participante humano, enquanto que o Fenômeno é bem mais variado, podendo ser realizado na gramática por uma “pessoa, criatura, instituição, objeto, substância ou abstração”. Apesar do aspecto restrito do Experienciador, os autores esclarecem que, em determinados registros, dependendo da situação, esse participante pode ser um ente dotado de consciência como ocorre com animais de estimação, brinquedos em histórias infantis, coletivos humanos (toda a casa, o público, o mundo) (HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2014, pp. 249-250).

Os processos mentais são realizados por processos como *pensar, gostar, odiar, desejar, saber* e constroem quatro diferentes grupos semânticos: *cognitivos, desiderativos, emotivos e perceptivos*. Desses quatro tipos de processos Mentais, os cognitivos e desiderativos pertencem a uma escala superior e os emotivos e perceptivos a uma inferior, segundo Halliday e Matthiessen (2014, p. 258)

De modo a mostrar algumas das características desses quatro tipos de processos mentais, foram organizados em um quadro ilustrativo com os significados, os principais verbos que os realizam e alguns exemplos.

Quadro 1: Subcategorias dos processos Mentais (base em Halliday e Matthiessen, 2014, 245 -256)

Subcategorias dos Processos Mentais	Significados	Alguns verbos que os realizam	Exemplos do corpus
Cognitivos	Representação de conhecimentos.	Conhecer, saber, analisar	“Sempre soube que morreria idosa (...)”.
Perceptivos	Representação de percepções.	Perceber, notar, observar	“Fui até a praça e notei a tênue luz de uma tocha no teto da casa de Aguirre (...)”.
Emotivos	Representação de emoções.	Sentir, gostar, amar	“(...) somente lamentei suas longas ausências de guerreiro”.
Desiderativos	Representação de desejos.	Desejar, querer, pretender.	“Não quero mortos no meu pátio, sujam e trazem má sorte.”

Ainda sobre os processos mentais, alguns desses processos podem apresentar três características relevantes, a saber:

i) a *gradabilidade*: é uma escala (“detestar- abominar- odiar – desgostar- gostar- amar”- adorar) que pode ser identificada tanto em Processos Mentais Emotivos que indicam “graus de afeição”, como em outros recursos linguísticos como as circunstâncias de grau (“mais do que”) (HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2014, pp. 245-246);

ii) a bidirecionalidade: é a capacidade de processos estarem na oração em uma equivalência semântica mas não lexical (FUZER e CABRAL, 2014, p. 60). Halliday e Matthiessen (2004, p. 294; 2014 pp. 346-347) exemplificam esta questão com as orações mentais: 1) *isto me agrada*, e: 2) *eu gosto disto*. Como se pode ver, os processos mentais, *agradar* e *gostar*, representam mesmo valor semântico, porém com léxico diferente.

iii) a capacidade de projetar outra oração na forma de uma Ideia: quando uma oração contém um processo mental ela pode projetar uma oração projetada como a Citação ou o Relato (Cf. seção 3.2).

Em suma, os processos mentais são considerados categorias analíticas que auxiliam na análise das experiências da consciência ou de aspectos subjetivos nos textos orais e escritos, uma vez que essas escolhas léxico-gramaticais representam “crenças, valores e desejos” (SOUZA, 2006, p.461).

d) Orações com processos Verbais

Os processos verbais são responsáveis pela representação do dizer, por meio de verbos como *falar, dizer, relatar, anunciar, afirmar, contar*. As orações com processos verbais podem apresentar quatro participantes. Dentre eles, há o Dizente, o participante obrigatório, responsável pelo enunciado e “pode ser humano ou uma fonte simbólica” (FUZER e CABRAL, 2014, p.73). O segundo dos quatro

participantes é a Verbiagem, que se refere ao conteúdo da fala, o terceiro, trata-se do Receptor, a quem o dizer é direcionado. Segue o exemplo 8 com os três participantes descritos:

Exemplo 8: Dizente, Receptor e Verbiagem

Cecília (...) *se dobrava de riso ao* *me* *contar* *aquela noite espantosa.*
 Dizente Oração Receptor P. Verbal Verbiagem

O quarto participante que eventualmente faz parte de uma oração verbal é o *Alvo*, de quem se fala algo, como se vê no pronome *me* do exemplo 9:

Exemplo 9: Dizente e Alvo

[As pessoas] *Criticaram-* *me* *porque eu a mimava e a tratava como adulta (...)*
 Dizente (elipse) P. Verbal Alvo Oração

Na LSF, os processos verbais são agrupados em quatro subtipos, organizados no quadro 2:

Quadro 2: Classificação dos processos Verbais com base em Halliday e Matthiessen (2014, p.305)

Subcategorias dos Processos	Significado	Alguns verbos que os realizam	Exemplos do <i>corpus</i>
De atividade	Representação da fala	Conversar, falar	" <i>se conversava animadamente</i> "
	Representação de quem está sendo atingido pelo dizer (Alvo)	Elogiar, criticar, culpar	" <i>Não os culpo, porque esta boa senhora é muito enfadonha</i> "
De Semiose	Representação de um dizer neutro	Dizer, contar, falar	" <i>há muito que <u>contar</u> numa vida como a minha</i> "
	Representação de comandos	Ordenar, persuadir, implorar	" <i>—Matem todos!—ordenei aos guardas</i> "
	Representação de indicação	Contar (algo para alguém), explicar, relatar	" <i>Contou -me em detalhes o julgamento que enfrentou</i> "

Assim como os processos Mentais, os Verbais podem projetar outras orações chamadas de *Projeção de Locução*. Essas orações formam um complexo oracional em um tipo de relação denominada de lógico-semântica, onde a *oração projetante* é a que contem o processo verbal e a segunda é chamada de *oração projetada* de Citação ou de Relato.

Nesta pesquisa, a análise dos processos Verbais deve-se ao fato de representarem o dizer e porque auxiliam na constituição de diálogos nas narrativas (HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2004) e no próprio processo narrativo. Além disso, como explicam Rodrigues-Júnior e Barbara (2013, p.14) são “elementos que abrem várias possibilidades na compreensão da trama”.

e) Orações com processos Existenciais

O processo Existencial de uma oração representa, como o próprio nome sugere, a existência de uma entidade. Essas orações apresentam apenas um participante, o Existente, e os verbos mais frequentes são o *existir* e o *haver* (Exemplo 10).

Exemplo 10: Existente

<i>Há</i>	<i>índios hostis, lagartos e serpentes de terra e de rio (...)</i>
P. Existencial	Existentes

f) Orações com processos Comportamentais

Assim como as orações Existenciais, as Comportamentais, frequentemente, contém um participante chamado de *Comportante*, aquele que pode ter um comportamento tipicamente humano da esfera psicológica ou fisiológica. Contudo, em algumas ocasiões podem apresentar o participante Comportamento, uma espécie de Escopo dos processos materiais.

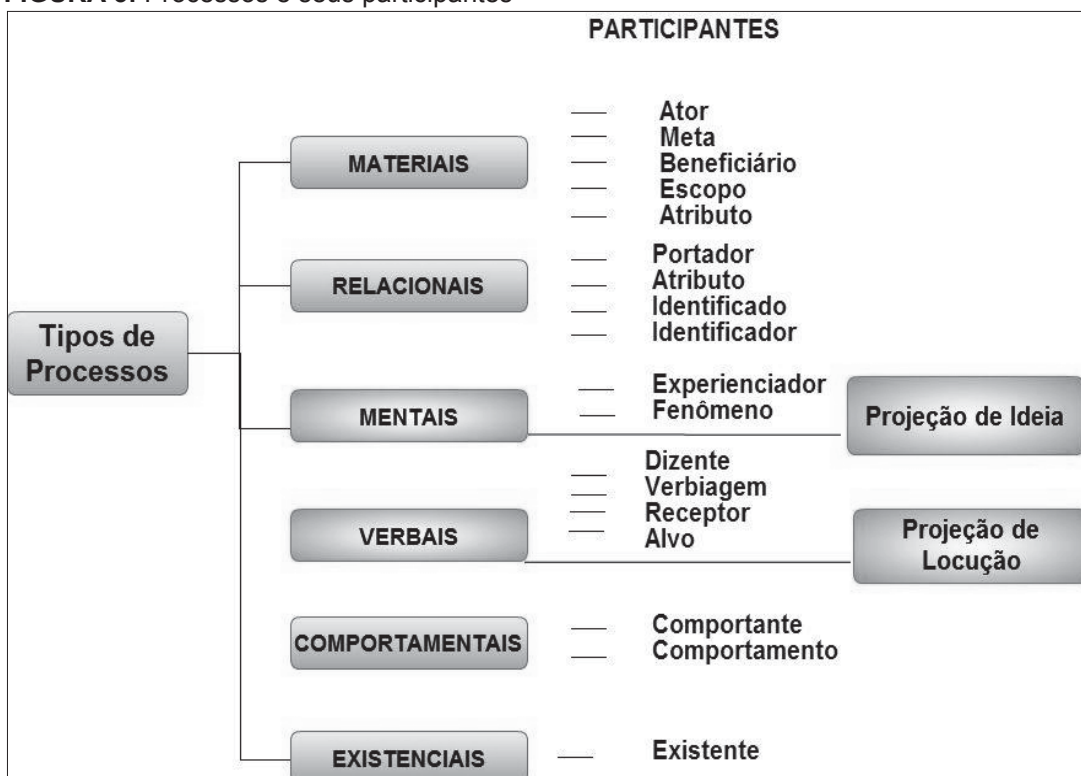
Orações comportamentais não apresentam características nítidas, podendo apresentar características dos processos materiais, mentais ou verbais. As experiências do comportamento humano são realizadas, segundo Halliday e Matthiessen (2004, p. 248) por processos como “respirar, sorrir, sonhar e olhar”, dentre outros.

Exemplo 11: Comportante

<i>Sentei -</i>	<i>me [Inés]</i>	<i>na cama (...)</i>
P. Comportamental	Comportante	Circunstância

Para uma melhor compreensão, segue-se o quadro com uma síntese dos processos e dos participantes a eles vinculados, incluindo a Projeção dos processos mentais e verbais:

FIGURA 3: Processos e seus participantes



Fonte: Adaptado de Halliday e Matthiessen (2004, 2014)

h) As Circunstâncias

Halliday e Matthiessen (2014, p. 221) classificam as Circunstâncias como “elementos que quase sempre são acréscimos opcionais da oração do que elementos obrigatórios”. Por esse motivo, as elas são consideradas por Halliday e Matthiessen (2004; 2014) elementos menos centrais da oração. Entretanto, esses elementos contribuem com especificações à representação experiencial quanto ao tempo, espaço, maneira ou causa, por exemplo, podendo responder às questões de “quando, onde, como, e por que” os eventos aconteceram (HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2014, p. 311).

As circunstâncias são realizadas na léxico-gramática por advérbios ou grupos preposicionados, e podem ser de vários tipos, como as relacionadas a seguir:

- a) De *extensão*, realizadas por elementos linguísticos que indicam medidas, tais como: *a, por, grupos nominais que indicam medida* (eg. “Esperei um pouco, até que meus nervos se acalmaram”);
- b) De *localização*, identificadas por recursos relacionados ao tempo ou ao espaço, como: *antes, depois, durante, dentro, aqui, lá* (eg. “_ Aqui não há nenhuma confusão”);
- c) De *modo*, indicando uma maneira específica de realizar alguma atividade quanto ao grau, meio, qualidade ou comparação, associadas a elementos linguísticos como: *profundamente, por meio de, rapidamente, como* (eg. “_ Mas elas são como as baratas”);
- d) De *causa*, podendo ser de razão, propósito ou benefício através de partículas lexicais como: *por causa de, com o propósito de, para*, (eg. “a quem amoleci antes com mantéis bordados para sua sacristia”);
- e) De *contingência*, abrangendo a falta, condição ou concessão e identificadas por palavras como: *sem, em caso de, apesar de* (eg. “mas nos despedimos sem lágrimas”)

- f) De *acompanhamento*, podendo ser comitativa ou aditiva, realizadas por partículas como: *com, junto de, além de, invés de* (eg. “Além de seus cinco filhos legítimos, engendrou mais de cem bastardos conhecidos”);
- g) De *papel*, pode ser de dois tipos, de guisa ou de produto, realizadas por recursos linguísticos como: *na forma de, como* (eg. “para ver se assim conseguíamos ganhá-los como aliados”);
- h) De *assunto*, está relacionada a processos verbais e corresponde à Verbiagem, sendo reconhecida em itens lexicais como: *a respeito de, de, sobre* (eg. “como ia opinar sobre sua correspondência com o monarca mais poderoso da Terra”);
- i) De ângulo, corresponde à fonte do enunciado ou o ponto de vista, identificadas por recursos linguísticos como: *de acordo, para* (eg. “Para Pedro, os encontros atrás das pesadas e poeirentas cortinas do leito conjugal, que havia servido a três gerações dos Valdivia, perderam sua atração”).

3.2 A Metafunção Ideacional: o sistema de projeção

A metafunção Ideacional também é composta pelo sistema lógico-semântico, que inclui o sistema de *projeção* cuja função é a de representar fenômenos semióticos em orações com processos mentais e verbais como mencionado na seção anterior. Esses verbos têm a habilidade de projetar outras orações na forma de *ideias* (projetadas por processos mentais) ou *locuções* (projetadas por processos verbais).

A projeção auxilia a identificação do conteúdo do pensamento, quando a oração é projetada por um processo mental, e, do conteúdo da fala, quando projetada por um processo verbal (HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2014).

O exemplo 12 ilustra as projeções de ideia e de locução:

Exemplo 12: Projeções de Ideia e de Locução

Tipo de projeção	Oração projetante	Oração projetada
<i>Ideia</i>	Mas eu sabia	que Pedro desejava continuar para o sul (...)
<i>Locução</i>	Uns dizem	que o envenenaram (...)

De acordo com a LSF, as projeções podem ser do tipo Citação ou do tipo Relato (cf. exemplo 13), dependendo das relações de *Taxe*¹⁵. Pode haver dois tipos desta relação: de *hipotaxe* que ocorre quando o estatuto entre as orações é diferente como no Relato, e; de *parataxe*, quando as orações apresentam o mesmo estatuto como na Citação. Na Citação existe uma relação paratática na qual a oração Projetada é independente da oração Projetante e seu conteúdo é mais próximo da realidade. Diferentemente, no Relato a relação é hipotática, havendo uma dependência da oração Projetada em relação à oração Projetante e seu conteúdo passa pela interpretação de quem conta a fala de outrem.

Exemplo 13: Citação e Relato

Projeção de Citação	“Se com magia se cura, fogo na fervura”,	disse Cecília.
Projeção de Relato	Cecília diz	que é inútil torturar os mapuche, jamais poderão fazê-los falar.

Na Citação é recorrente a utilização de aspas ou travessão, sobretudo, em textos ficcionais para indicar a reprodução da fala, ou mesmo em casos mais raros, do pensamento. Já no Relato as partículas *que* ou *se* são utilizadas como recursos linguísticos para indicar a fala ou o pensamento projetado.

Em relação ao que seja mais usual, o Relato ou a Citação serão prototípicas de um dos dois tipos de orações, das verbais ou das mentais. Desse modo, a Citação é considerada prototípica de orações com processos verbais projetantes, enquanto que o Relato é prototípico de orações com processos mentais projetantes (HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2004).

¹⁵ *Taxe* refere-se ao grau de interdependência entre as orações, segundo Halliday e Matthiessen (2014).

Além disso, a Citação apresenta numerosos usos na construção de significados em diversos tipos de textos, tais como, “testemunha ocular na notícia, passagens dialógicas na narrativa, cenas em biografia, citações na escrita científica” (HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2004, pp. 445-446). O relato inclui, igualmente, usos variados, dentre os quais:

a representação do pensamento do falante no diálogo (muitas vezes como uma forma de avaliar o que está sendo projetado...), a representação do destinatário no diálogo, frequentemente como uma forma de testar a informação, a representação da consciência de um personagem na narrativa (...) (HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2004, p. 449).

Levando-se em conta que o corpus da pesquisa é um texto literário, na próxima seção aborda-se a LSF na interface do texto literário.

3.3 A LSF na interface do texto literário

Em um dos primeiros trabalhos, Halliday (2002[1977], p. 46) se posiciona sobre o texto literário, ressaltando que para “dizer que um texto tenha sentido como literatura deve-se relacioná-lo especificamente a um discurso do universo literário”. Isto é, deve-se levar em conta o contexto de cultura e de situação em que foi produzido e entender o texto como um *artefato* cultural e, portanto, como portador de significados e valores da sociedade do qual faz parte (HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2004).

Quando visto como artefato cultural, o texto possibilita múltiplas análises, porque múltiplos são os significados advindos do entorno social e cultural, os quais também influenciaram as escolhas linguísticas dos seus produtores. Como artefato cultural, o texto, portanto, é portador de valor social e de traços culturais de seu meio.

Porém, entender os valores e significados de um texto literário não implica em deixar de lado a análise da linguagem, muito pelo contrário, visto que a “literatura (arte verbal) é composta de língua” enfatiza Halliday (1982[1978], p. 20). Reforçando essa ideia, Hasan (1989, p. 91) diz que para se chegar à compreensão dos significados de um texto literário (*arte verbal*) ou qualquer outro texto, deve-se

buscar fazer uma análise de sua “linguagem” e atentar à maneira como esta foi usada.

Sintetizando, compreender que a arte verbal (ou artefato cultural nas palavras de Halliday e Matthiessen) seja um “fenômeno complexo”, também requer o entendimento de que “o papel da linguagem é central” (p.91). Levando-se em conta que a linguagem é central no texto literário (ou em outros tipos de textos) e, se é por ela que chegamos aos significados, o uso das categorias analíticas propostas pela LSF são ferramentas de análise úteis (HASAN, 1989) para pesquisas com diferentes tipos de textos. Por esse motivo, toda análise poderá contar com a utilização de quaisquer categorias analíticas da LSF, dependendo do objetivo da pesquisa, diz a autora.

Especificamente nesta pesquisa, a utilização do sistema de transitividade na análise do *corpus* irá permitir a identificação dos significados ideacionais (experienciais) de Inés no *eixo narrativo* e no *eixo do pensamento*, de modo a demonstrar seu dinamismo.

Na próxima seção, são apresentados trabalhos que elucidam questões relacionadas à LSF e o texto literário.

3.3.1 O ponto de vista psicológico e o eixo narrativo na LSF

O ponto de vista psicológico refere-se a quem observa os fatos na narrativa, ao grau de envolvimento nessa história e à representação das falas e dos pensamentos. Segundo Simpson (1993), o ponto de vista psicológico pode ser definido como a forma em que os eventos narrativos são mediados pela consciência do *narrador* da história.

Na descrição do ponto de vista psicológico, o autor retoma modelos anteriores de outros estudiosos e utiliza a Gramática Sistêmico-Funcional como base para esse tipo de análise, porém de uma forma mais ampla que aqueles. A partir de Fowler (1986), Simpson (1993, p. 50) cria duas categorias de narradores, com o objetivo de facilitar a identificação dos recursos linguísticos utilizados nas narrativas ficcionais.

A primeira categoria é a que ele chama de “*categoria A*” (p.50) caracterizada por ser narrada em primeira pessoa por um personagem que faz parte da trama,

como Inés do romance desta pesquisa. Por sua vez o segundo tipo de narrador ele denomina de “*categoria B*”, na qual o narrador está em terceira pessoa e a narração é feita por um narrador “invisível, desincorporado¹⁶” (p. 51).

Outra questão a ser mencionada é a importância dos elementos de transitividade, para este autor. De acordo com Simpson (1993), as categorias analíticas da transitividade são recursos úteis para a identificação de estilos na literatura ficcional em relação ao narrador e à maneira como ele representa os outros personagens. Simpson (1993, p.99) diz que a análise desse sistema permite a identificação de “quem ou o que faz o quê, a quem ou a quê?”, isto é, a identificação dos personagens e dos eventos a eles ligados.

O autor ainda destaca que o sistema de transitividade “tem sido usado para descobrir como certos significados são colocados em primeiro plano, enquanto que outros são suprimidos ou ofuscados” (SIMPSON, 1993, p. 96). Com efeito, os usuários da língua optam por determinadas escolhas linguísticas em relação a outras que o sistema linguístico oferece, criando, assim, suas próprias visões do mundo.

Para demonstrar a utilidade da transitividade na análise do texto literário, Simpson cita um exemplo de análise da transitividade no trecho da narrativa em primeira pessoa com um narrador personagem em *Blackwoods 89* (1861). A transitividade nesse texto revela, dentre outras características, uma personagem que tem pouco comando sobre seu corpo, cuja análise fornece algumas pistas sobre a personagem e suas ações, sugere Simpson (1993).

Também Rodrigues-Júnior e Barbara (2013) trabalham com o conceito de *eixo narrativo* na análise do ponto de vista narrativo no texto literário. Os autores mostram que a voz narrativa está impressa nos processos verbais de projeção e no conteúdo da fala e se destacam, tanto pela constituição do ponto de vista narrativo como pelos diálogos estabelecidos entre os personagens. A esta constituição, os autores denominam de *eixo narrativo*, que é formado pelo “processo verbal e seu diálogo projetado” (RODRIGUES-JÚNIOR e BARBARA, 2013).

Percebe-se, portanto, que o *eixo narrativo* é um importante construto linguístico que poderá auxiliar na identificação do ponto de vista da narradora Inés e dos diálogos que são estabelecidos pelos personagens representados junto aos

¹⁶ O termo utilizado por Simpson (1993, 51) é *disembodied*.

processos verbais. Por analogia, este conceito talvez possa ser aplicado aos processos mentais, possibilitando a análise do pensamento e dos personagens, constituídos, por assim dizer, em um *eixo do pensamento*.

Como se pode notar, o potencial da transitividade é promissor na análise da representação ideacional de textos literários e em textos traduzidos, como se verá na próxima seção de modo mais detalhado.

3.3.2 A Transitividade na análise do texto literário: alguns trabalhos

Em relação à transitividade como ferramenta auxiliar para o estudo da literatura, Simpson defende que ela “mostra como falantes codificam na linguagem sua imagem mental da realidade...” (SIMPSON, 1993, p.82). O autor (2004, p.75) reconhece o trabalho de Halliday (1971) como um dos primeiros a abordar a estilística em termos funcionais, cujo modelo de transitividade inspirou seus trabalhos.

Simpson salienta que:

O estudo de Halliday é importante em vários aspectos. Ao usar o discurso narrativo como um local de teste para um determinado modelo de linguagem, ilustra bem a utilidade de análise estilística como uma forma de explorar tanto a literatura como a linguagem (SIMPSON, 2004, p. 75).

De fato, Halliday (2002[1971]) abriu caminho para estudos estilísticos do texto literário a partir da análise da transitividade. Utilizando-se do sistema de transitividade ele investiga a representação do povo pré-histórico conhecido como *neandertal*, em *The Inheritors*, obra literária de William Golding (1955). O autor lança mão da transitividade para caracterizar o personagem principal Lok e sua visão de mundo em relação à sua tribo e ao novo grupo que está chegando, o grupo dos *homo sapiens* (HALLIDAY, 2002[1971], p. 108). A análise permitiu a Halliday (2002[1971], p. 120) observar que “padrões (...) de transitividade destacados no texto contribuem para o conjunto artístico do significado funcional no sistema da linguagem, por meio das opções semânticas que expressam”.

Influenciado pelo trabalho de Halliday acima mencionado, Montgomery (1993) também utiliza o sistema de transitividade no estudo do conto de Hemingway, *The Revolutionist*. O principal objetivo do estudo é a análise das representações dos personagens ficcionais a partir dos elementos da transitividade, focalizando tanto os *personagens* como os *eventos* a eles vinculados. Na análise realizada pelo autor chega-se à conclusão de que a representação do personagem principal revelou-se diferente de um revolucionário como sugeria o título do livro, demonstrando a eficácia da LSF para esse tipo de análise.

Se por um lado Montgomery concentrou sua análise nos *personagens* e *eventos*, por outro, Hasan (1989, p. 45) trouxe o termo “*dinamismo*”. Ela utilizou esse termo para caracterizar personagens no tocante a seu dinamismo ou à sua passividade.

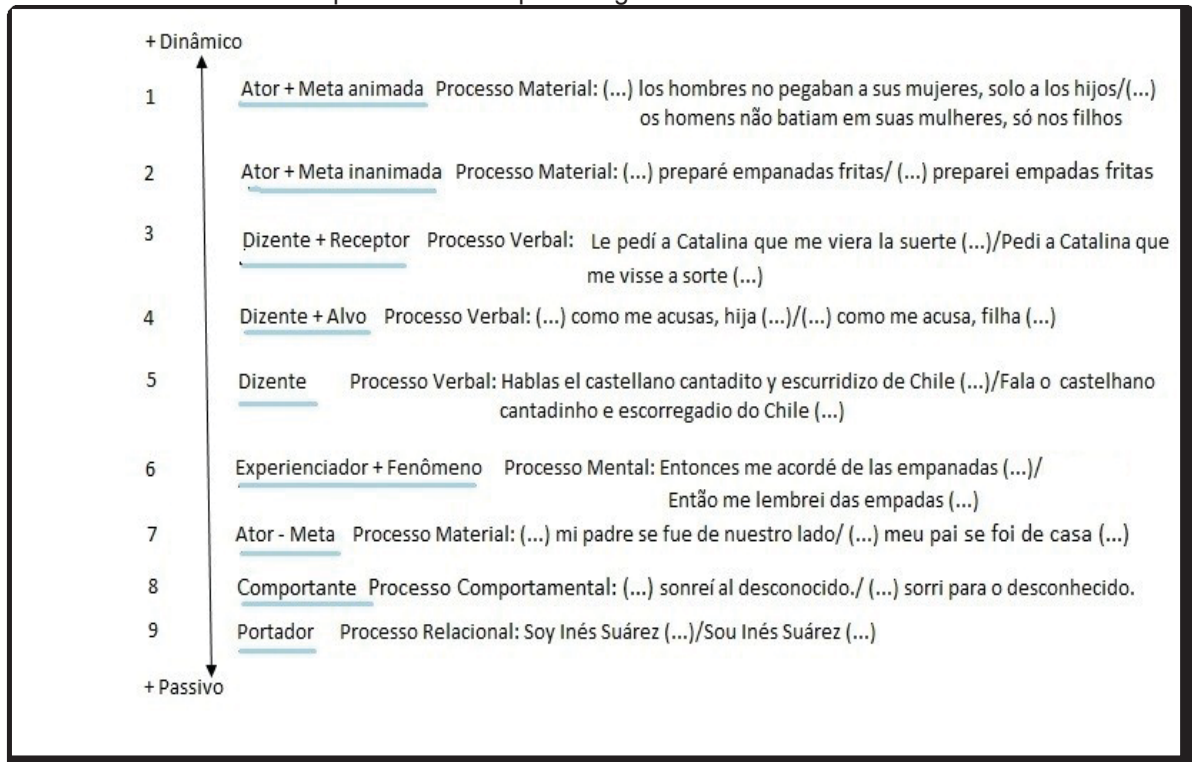
Segundo a autora, o dinamismo refere-se à “capacidade de afetar o mundo à nossa volta” (p.45). Desta forma, se no texto literário um personagem ocupa um determinado papel da transitividade (Ator, Meta, Experienciador, Dizente ou outro qualquer), dependendo de qual seja, irá ser mais dinâmico ou mais passivo.

Hasan (1989) diz que na identificação do dinamismo ou da passividade dos personagens é necessário atentar para dois fatores:

- i) A natureza da configuração do Processo e o papel que o personagem desempenha na oração;
- ii) A natureza do papel de outros Participantes na oração em relação àquele que está sendo analisado.

Na concepção da autora, o *dinamismo* pode ser pensado como o ponto final de um *continuum*, ficando no outro extremo a *passividade*. Para facilitar a identificação do dinamismo ou passividade de um personagem, Hasan (1989, p. 46) elaborou uma tabela com as diversas configurações de Processos e papéis desempenhados pelo personagem.

Para melhor compreensão, veja-se a figura a seguir:

FIGURA 4: Dinamismo ou passividade de personagens em texto literário

Fonte: Adaptado de Hasan (1989) e Rezzano e Figini (2013)

De acordo com a figura 4, pode-se notar que, para Hasan (1989) há diversos graus entre o dinamismo e a passividade. Por exemplo, o papel de Ator de um Processo material (pois corresponde ao número 1 em dinamismo) é bem mais dinâmico do que o papel de Meta (uma vez que está classificado com o número 2) nesse mesmo tipo de Processo. Com essa escala, também é possível realizar a comparação de Processos diferentes, o que autoriza a dizer que um Dizente (Processo Verbal) é mais dinâmico que um Experienciador (Processo Mental), como se observa nos exemplos 1 e 2 respectivamente:

(1) — *Diga-me que é feliz.* (A personagem Inés como Dizente + Receptor)

(2) *O resto não lembro direito.* (A personagem Inés como Experienciadora + Fenômeno).

Sem discordar totalmente da autora, esta pesquisa gostaria de fazer uma abordagem mais abrangente desses termos e não somente como termos localizados em dois polos distintos, por parecer uma visão um tanto dicotômica. A LSF dá suporte necessário para a análise de um texto em sua estreita relação com o contexto de cultura, pois estas são partes constitutivas de toda produção textual.

Com isso, o papel de Experienciadora ou de Dizente poderá se considerado como a representação de uma personagem dinâmica capaz de agir em seu entorno com sua voz e com sua consciência.

Considere-se, por exemplo, o caso dos processos Materiais, aqueles em que as experiências são do mundo material e onde o Participante desprende certa energia capaz de modificar o meio, considerados na LSF distintos dos processos Mentais que representam experiências da consciência do Participante. Porém, vejamos o alerta que fazem Halliday e Mathhiessen (2004, p.248):

Obviamente, orações do fazer [Materiais] e do sentir [Mentais] têm diferentes significados. Mas isto não é suficiente para que constituam categorias gramaticais distintas. Há indefinidas maneiras de traçá-las em bases semânticas, por exemplo, invocando considerações contextuais “de cima” [a semântica e contexto de cultura e de situação], tal como quando descrevemos estratégias semânticas específicas para um tipo de situação particular.

A fala dos autores aponta para a importância do contexto na interpretação dos significados Ideacionais que não pode ficar apenas no nível da classificação prévia de Tipos de Processos. Senão fosse assim, veja-se o caso de Inés no papel de Experienciadora ilustrado a seguir: “(...) *calculei* que lutávamos há mais de dez horas.” O excerto ilustra uma passagem do texto em que Inés é representada como Experienciadora (processo Mental *calculei*) de um evento da consciência resultante da participação ativa de Inés na luta contra os indígenas chilenos. A experiência ficcional de Inés, nesse caso, é uma ação mental em que Inés realiza uma operação matemática para deduzir um resultado. E essa operação é importante para o grupo que lutava com ela porque ela poderá ajudá-los a decidir se continuam a lutar ou não.

Sendo assim, a pesquisa irá considerar que processos Mentais e Verbais estão envolvidos em alto grau de dinamismo quando usados para representar Inés, pois revelam sua capacidade de afetar a comunidade ficcional da qual faz parte. Neste trabalho, representações mentais e verbais serão entendidas como processos dinâmicos e serão referidas como portadores de *dinamismo dialógico* quando vinculado a processos verbais e *dinamismo subjetivo*, quando vinculados a processos mentais.

Na próxima seção, será abordada a LSF na interface com os estudos da tradução.

3.3.3. A LSF e os estudos da tradução

Estudos da tradução de base sistêmico-funcional podem ser considerados abordagens textuais ou discursivas uma vez que buscam entender o funcionamento da linguagem em seus contextos de uso, comparando diferentes contextos culturais e sistemas linguísticos.

Dentre os estudos da tradução que enfocam esses aspectos, podem ser citados os trabalhos de House (1977), Blum-Kulka (1986), Hatim e Mason (1990), Baker (1995). Esses trabalhos surgiram nas décadas de 1970 e 1980, período em que se observaram intensas mudanças nos Estudos da Tradução “ampliando o escopo” dessa disciplina, segundo Baker e Pérez-Gonzales (2013, p. 41).

Em 2001, Halliday publica um artigo relevante para a discussão da tradução sob a perspectiva da LSF. Nesse artigo, o linguista distingue dois enfoques no estudo de traduções: o do linguista, cujo interesse está nos significados construídos textualmente, e o enfoque do tradutor, que é motivado pela avaliação do texto traduzido.

De certa forma, pode-se dizer que o interesse do linguista é saber como o texto significa em um determinado contexto, que tipo de texto é esse, e por que ele é valorizado em sua comunidade. Já o tradutor preocupa-se com o processo de instanciação isto é, o percurso do texto, desde o registro até o texto como produto. Ademais, o tradutor preocupa-se em determinar o que ele deve fazer para que o texto original, vindo de um determinado registro, possa chegar à cultura alvo.

Voltando à argumentação de Halliday (2001), na perspectiva do linguista deve-se buscar olhar o texto primeiramente sob o enfoque da metafunção ideacional, pois é através dela que a realidade social, cultural, ideológica é representada discursivamente. Depreende-se disso, que o foco na metafunção ideacional é primordial em uma tradução, pois é assim que se apreende o conteúdo experiencial do texto. Isso não quer dizer que as outras duas Metafunções não sejam relevantes no processo tradutório e em sua análise, uma vez que os significados das metafunções são construídos simultaneamente nos textos.

Esta pesquisa opta pelo enfoque do linguista em virtude de buscar a compreensão dos significados ideacionais do texto e, neste caso específico, daqueles vinculados às personagens femininas na fala e no pensamento. No cenário

brasileiro, distinguem-se dois estudos que contribuem para este trabalho, o de Rodrigues-Júnior (2006) e o de Pagano (2007).

Com a pesquisa de doutorado de Rodrigues-Júnior (2006) provou-se a eficácia do sistema de transitividade da LSF para investigar aspectos discursivos em textos literários e em suas traduções, sem perder de vista os contextos culturais e sociais dos textos. Por sua vez, Pagano (2007) fundamenta seu estudo em Halliday (2001), notando junto com o linguista que "... sob a perspectiva das três metafunções hallidayanas, (...) um texto é considerado uma tradução basicamente quando é análogo a outro texto (o texto original) principalmente no que tange à metafunção ideacional" (PAGANO, 2007, p. 259).

Rodrigues-Júnior (2006) conclui que o sistema de transitividade revelou uma considerável presença de personagens humanos, ou partes do corpo, que agem no mundo ficcional em *Stud* (Aventuras de um Garoto de Programa). Ademais, as análises revelam valores e ideologias de cada uma das obras.

Pagano (2007) analisa *The Inheritors*, escrito em inglês, e suas traduções para o português e o espanhol a partir da metafunção Ideacional. Chega à conclusão de que em algumas ocasiões as representações dos personagens foram distintas entre si devido às mudanças nas escolhas léxico-gramaticais, embora nem sempre essas mudanças tenham provocado mudanças nas representações.

Salienta-se que apesar da pesquisadora ter aprofundado sua análise para as outras metafunções, a presente pesquisa irá tratar apenas da metafunção ideacional em função dos objetivos.

Antes de finalizar esta seção, não é possível deixar de mencionar dois termos importantes para a compreensão dos textos traduzidos, o de *equivalência* e o de *mudança* (*shifts*), os quais serão brevemente tratados na próxima seção.

3.3.4 *Equivalência e mudanças Ideacionais*

Sob a influência dos primeiros trabalhos da LSF, Catford (1965, p.27) faz uma importante distinção entre *equivalência textual* e *correspondência formal*. Para ele, a equivalência textual pode ser entendida como "qualquer texto ou porção de texto na Língua Alvo (LA), que ao ser observado em uma ocasião específica (...) passa a ser

o equivalente de um dado texto ou porção de texto de uma Língua Fonte (LF)”. A correspondência formal “é qualquer categoria da LA (unidade, classe, estrutura, elemento de estrutura, etc), que possa se dizer que tão aproximadamente quanto possível, ocupa na economia da LA o ‘mesmo’ lugar que a categoria considerada da LF ocupa na LF”.

Das definições apresentadas por Catford (1965) fica evidente que a correspondência formal é sempre aproximada devido às especificidades de cada sistema linguístico (e.g. “Tanto insistí, que Pedro me consiguió una audiencia para hablar con Pizarro en persona /Tanto insisti, que Pedro me conseguiu uma audiência para falar com Pizarro em pessoa.”). Já a equivalência textual seria sempre mais fácil de alcançar porque ela pode ocorrer em qualquer ordem, pois, se não for encontrada em uma ordem, poder ser em outra (e.g. “—En verdad *lo* ignoro, maestro/— Na verdade, [omissão do artigo neutro *lo*] ignoro, capitão”)

Na visão de Munday (2008, p. 60), a equivalência textual de Catford está associada ao par Texto Fonte-Texto Alvo (TF-TA), ao passo que a correspondência formal seria um conceito mais geral que tem por base o sistema entre dois idiomas.

Essas duas definições são importantes porque introduzem o conceito de mudanças (*shifts*) que ocorre quando não há uma correspondência formal entre os elementos do texto fonte e os do texto de chegada durante o processo tradutório. É por isso que Catford (1965) define o termo mudanças como “desvios na correspondência formal no processo de passar do TF [texto fonte] para o TA [texto alvo]” (CATFORD, 1965, p. 73).

Sobre as mudanças textuais, Catford (1965, pp. 72-75) identifica dois tipos de mudança:

i) *mudanças de nível*: quando um item gramatical na LF (Língua Fonte) tem um equivalente lexical na LA (Língua Alvo), ou vice-versa. Exemplificando, o autor (CATFORD, 1965, p. 75) mostra que no texto fonte em inglês “This text is intended for” utiliza-se *This*, termo do sistema gramatical de dêitico. Na tradução para o francês “*Le présent Manuel s'adresse a*”, o equivalente de *This* é *Le presente*, artigo mais adjetivo lexical, ocorrendo, desta forma, uma mudança do nível gramatical para o lexical.

ii) *mudanças de categoria* foram subdivididas em quatro formas diferentes:

- de *estrutura* — consideradas as mais frequentes referem-se às mudanças na posição dos elementos. O autor, diz que no exemplo de tradução do inglês para o gaélico (texto da LF: *John loves Mary* = **SPC**/ Texto da LA: *Tha gradh aig lain air Mairi* = **PSCA**¹⁷) (p. 77) ocorre uma mudança na estrutura, na qual além do acréscimo de um elemento (**A**), houve uma alteração na sequência dos elementos (**SP**, em inglês, e **PS**, em gaélico, respectivamente).
- de *classe* — quando um elemento equivalente de um texto da LF não pertence à mesma classe no original. Para uma melhor compreensão dessa mudança, Catford (1965, p. 79) fornece o exemplo de tradução do inglês para o francês. No inglês: *a medical student*; no francês: *un étudiant en médecine*. O adjetivo *medical* tem a função de um modificador em inglês, ao passo que a frase adverbial *en médecine*, de um qualificador em francês. Além disso, o equivalente francês do adjetivo inglês (*medical*) é um substantivo (*médecine*).
- de *unidade*: são mudanças nas unidades (orações, classe, grupos, palavras ou morfemas). Este caso é ilustrado com a tradução do inglês para o francês (inglês - *My father was a doctor*/francês - *Mon père était docteur*). O artigo indefinido do inglês (*a*) não teve um equivalente em francês, indicando-se como zero, uma vez que existe essa opção nessa língua, mas não foi adotada (p. 29). Caso não existisse essa equivalência, seria considerado nulo.
- *intra sistema*: quando são verificadas mudanças no interior de um sistema e mesmo que o sistema da LF seja semelhante ao da LA, a escolha tradutória recai em um termo não equivalente no sistema da LA. O autor exemplifica com o artigo em inglês e francês que opera no sistema de número, podendo ser plural ou singular, destacando que, em sua maioria, a opção marcada em ambas as línguas seria o

¹⁷ As siglas referem-se a Predicador, Sujeito, Complemento e Adjunto.

plural. Não obstante, na tradução, poderá ocorrer a escolha de um equivalente singular para o plural ou vice-versa (e.g. inglês:the dishes/francês:le vaisselle) (p. 80).

Sabe-se que, posteriormente, o trabalho de Catford sofreu uma série de questionamentos. Munday (2008, p.61) aponta as de Henri (1984) que julga o trabalho de Catford apenas de interesse “histórico e acadêmico”. Munday (2008) esclarece que apesar dessa crítica, Henry atribui a Catford certa importância, por ter associado equivalência às características comunicativas, tais como, o aspecto funcional que manifesta a relevância da situação e da cultura.

Apesar das críticas e das limitações, suas pesquisas resultaram em importantes contribuições para estudos sistêmicos funcionais da tradução, posto que como ressalta Jesus (2012, p. 288), “o trabalho de Catford foi pioneiro ao iniciar esta interface entre os estudos da tradução e a LSF”.

Assumindo a mesma postura, Matthiessen (2001, p.43) defende que Catford (1965):

[apresenta] uma teoria linguística da tradução que é uma ótima contribuição; ele desenvolveu um quadro bastante abrangente da tradução através de um sistemático exame de uma esclarecedora teoria da linguagem que pode servir como base para esforços similares na atualidade. A tarefa teórica central é expandir a sua proposta sob a luz dos novos desenvolvimentos teóricos e descobertas descritivas.

O próprio Matthiessen (2001, p. 78) é um dos teóricos que desejam expandir a teoria linguística da tradução como propõe na citação. Para isso, ele discute os conceitos de equivalência e mudança na tradução à luz das novas pesquisas em LSF. Com esse objetivo, apresenta a ideia de mudanças nas metafunções (p.79), que está relacionada aos significados textuais, interpessoais e ideacionais construídos na língua em uso pelos recursos linguísticos (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004, 2014).

Dando continuidade aos argumentos, o autor diz que “este processo está localizado muito mais no nível semântico do que no léxico gramático (ou o nível da expressão); e, além disso, está localizado em um contexto (de cultura) aproximado como o original”. Nesse sentido, Matthiessen (2001, p. 51) concebe a tradução como

um “processo semiótico” que inclui a “atribuição de significados”. Por conseguinte, a tradução não pode ser entendida como “um ato de um reflexo passivo do original”, mas sim, como “um ato de reconstrução de significados de um original para significados no ‘alvo’” (p.64).

A partir do trabalho de Catford (1965) e levando em conta o trabalho de Matthiessen (2001), Rodrigues-Júnior e Garcia de Oliveira (2015) propuseram o conceito de *mudanças (shifts) ideacionais*. Nas palavras dos autores, o conceito de mudança ideacional é uma ampliação do conceito de mudança de Catford (1965), pois não se prende somente à ‘mudança-classe gramatical’, mas volta-se para as “mudanças nos níveis da ideação”, que focaliza os elementos da Metafunção Ideacional, isto é: os “processos, participantes, circunstâncias e expansões” (RODRIGUES-JÚNIOR e GARCIA de OLIVEIRA, 2015).

Considerando-se as contribuições dos autores supracitados, na presente pesquisa adota-se a noção *equivalência ideacional* em termos de significados ideacionais entre o Texto Fonte (TF) e o Texto Alvo (TA). Ademais, utiliza-se conceito de *mudanças Ideacionais* na tradução para identificar aspectos diferentes na autorrepresentação da narradora na condição de Experienciadoras e Dizentes no texto traduzido ao ser cotejado ao texto de partida.

4.0 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Adotou-se como procedimento metodológico uma abordagem qualitativa e quantitativa. A abordagem é quantitativa por visar à geração de dados que possam mostrar padrões e diferenças nas escolhas linguísticas. Contudo, ela é, sobretudo, qualitativa por aprofundar a descrição e análise desses dados.

Desta forma, os dados são organizados quantitativamente, com vistas a facilitar a sua seleção “em uma base empírica firme”, como destaca Semino (2011, p. 543). A seleção dos dados e sua organização estatística tem por base a orientação metodológica da *Linguística de Corpus* que permite a “exploração da linguagem através de evidências empíricas, extraídas por computador” (BERBER SARDINHA, 2000, p.2). Nessa perspectiva, a utilização do programa computacional *WordSmith Tools* (6.0) oferece ferramentas úteis para a organização dos dados ao facilitar a identificação de aspectos relevantes da linguagem em uso, como determinados padrões linguísticos, frequência, dentre outros. E com isso, contribui para uma descrição e análise dos dados mais segura.

A abordagem qualitativa orienta o trabalho de descrição e interpretação dos dados, consoante categorias da metafunção Ideacional da LSF. A importância desse procedimento é destacada por Halliday (1994, p. xvi) ao argumentar que até mesmo a descrição gramatical, primeiro passo da análise, já é um “processo interpretativo”, evidenciando a escolha do pesquisador na seleção dos recursos linguísticos.

Nesta pesquisa optou-se pelo *estudo de caso*, porque como Leffa (2006, p. 15) explica com ele se dá uma “ênfase maior na exploração e descrição detalhada de um determinado evento ou situação”. Além disso, é bastante utilizada em pesquisas qualitativas, complementa o autor.

A escolha pelo estudo de caso implica o fato de não ser possível chegar a uma “verdade universal e generalizável” (p.15), mas a conclusões aplicáveis apenas ao caso em questão. Resumindo, a escolha do estudo de caso é compatível com esta pesquisa porque a metodologia é feita “a partir de observações empíricas com ênfase na interação entre os dados e suas análises” (LEFFA, 2006, p. 17).

4.1 Os corpora: escolha e descrição

Nesta pesquisa emprega-se um Corpus Paralelo Bilíngue de Pequena Dimensão como objeto. É um corpus paralelo porque segundo Berber Sardinha (2004, p.21) “os textos são comparáveis (por exemplo, original e tradução)”; bilíngue, porque é composto de texto escrito em uma língua (espanhol) comparado ao texto traduzido para outra língua (português); de pequena dimensão devido à quantidade de palavras segundo parâmetros da linguística de corpus.

O Corpus Paralelo Bilíngue de Pequena Dimensão é constituído pelo romance histórico *Inés del alma mía*, escrito por Isabel Allende (2006) na língua espanhola e sua tradução para o português brasileiro, *Inés de minha alma* (ALLENDE, 2007), traduzido por Ernani Ssó.

O romance histórico é estruturado em seis capítulos onde se conta a vida de uma costureira espanhola que teve uma importante participação na conquista do Chile (século XVI) e da fundação de Santiago junto a Pedro de Valdivia. É escrito em primeira pessoa, ficcionalmente narrado pela própria Inés de Suarez que, com aproximadamente setenta anos, conta os fatos de sua vida e da história do Chile, a partir de uma narrativa retrospectiva de perspectiva autobiográfica.

A tradução *Inés de minha alma* feita por Ernani Ssó em 2007 é igualmente estruturado com seis capítulos escritos em primeira pessoa por Inés Suarez, narradora e personagem principal da obra. Ernani Ssó tem vasta produção em tradução do espanhol, contando com mais de quarenta livros, dentre os quais, *Dom Quixote de la Mancha*, de Cervantes, *Borges por Borges*, de Emir Rodríguez Menegal, *Heróis demais*, de Laura Restrepo¹⁸. Em relação à escritora Isabel Allende, o tradutor tem relativa experiência, visto que já traduziu pelo menos quatro obras identificadas¹⁹, *A Ilha sob o mar*, *A soma dos dias*, *O caderno de Maya* e *Inés de minha alma*.

A seleção do romance original (espanhol) deve-se ao fato de ter sido a primeira edição espanhola de Isabel Allende (2006), de modo semelhante à tradução de Ernani Ssó (2007) que é a primeira edição brasileira.

¹⁸ In: http://portoalegre.cervantes.es/imagenes/cursos/cultura/traducao_espanhol.pdf

¹⁹ Dados extraídos de diversos sites de livrarias, como por exemplo, da Livraria Cultura, Saraiva, e outras.

Quanto aos aspectos linguísticos, a lista de palavras do *WordSmith Tools* 6.0 fornece alguns dados iniciais na caracterização dos corpora, como se pode ver na tabela 1.

Tabela 1: Características gerais dos corpora

Corpus	Ocorrências (tokens)	Vocábulos diferentes (types)	Razão (types/tokens)
Espanhol	129.598	14.224	10.98
Português	105.410	13.505	12.82

Fonte: Corpora

A lista de palavras da tabela 1 mostra que os *corpora* em análise são de pequeno porte, uma vez que contam com 235.008 palavras²⁰. Nota-se também que os dois textos apresentam uma diferença no número total de palavras, sendo maior no corpus do espanhol, contando com 129.598 palavras contra 105.411 no corpus em português.

Porém, nem sempre esses números revelam dados seguros sobre a composição dos *corporas*, pois, além de ser necessário observar a razão *types/tokens*, é também fundamental considerar o tipo de contagem que o programa computacional realizou (como por exemplo, se considerou o hífen ou outro símbolo como palavra). Por esse motivo, as linhas de concordância do WordSmith foram de grande utilidade para a análise dos dados ao revelar o uso dos processos Mentais e Verbais em seus contextos.

4.2 Instrumentos de coleta e organização de dados: o WordSmith Tools 6.0

Como referido linhas atrás, o programa computacional empregado nesta pesquisa é o *software* WordSmith Tolls versão 6.0 (SCOTT, 2013) que, conforme

²⁰ Segundo Berber Sardinha (2003, p.119) um corpus de pequeno porte contaria com menos de 80 mil palavras; um de pequeno-médio porte entre 80 a 250 mil palavras; um corpus seria considerado médio se contasse entre 250 mil a 1 milhão de palavras; um corpus grande seria composto de 10 milhões ou mais palavras. Hoje esses dados estão ultrapassados e um *corpus* de pequeno-médio porte pode ser considerado de pequeno porte.

Berber Sardinha (1999), permite a localização de palavras, bem como a visualização de seu comportamento em contexto. Para a utilização do programa, é necessário, primeiramente, fazer a digitalização dos textos em *txt* com auxílio de um programa disponibilizado no site <http://www.free-ocr.com>.

Após a digitalização, ambos os textos foram submetidos a três ferramentas do WordSmith 6.0, quais sejam: i) a lista de palavras (*word list*) para obter uma lista das palavras mais usadas; ii) o concordanciador (*concord*) que organiza as linhas de concordância nas quais está localizada a palavra de busca e, finalmente; iii) o utilitário alinhador (*Viewer and Aligner*) que dispõem em linhas paralelas todas as orações do TF com o TA. Na última etapa, os dados são descritos e analisados com base na Gramática Sistemática Funcional de Halliday e Matthiessen (2004; 2014). Além disso, são utilizados os trabalhos de Fuzer e Cabral (2010; 2014) e Ghio e Fernández (2008), que descrevem o português e o espanhol em termos sistêmicos funcionais.

4.3 Procedimentos de análise: organização dos dados no original e na tradução

Na análise do *corpus* observaram-se as ocorrências dos processos Mentais e Verbais que estivessem relacionados à narradora e personagem principal, Inés, no romance escrito em português a partir do qual seriam selecionados os equivalentes *a prima facie*, de modo unidirecional.

Desta forma, o primeiro procedimento foi realizar um levantamento dos itens lexicais mais frequentes por meio da *lista de palavras* do WordSmith 6.0 (SCOTT, 2013). A partir da lista de palavras, todos os processos (verbos) Mentais e Verbais com frequência igual ou superior a 4 (critério utilizado para seleção dos processos) foram organizados em um quadro de modo a grupá-los e fazer a contagem.

Em função da lista de palavras ter fornecido os processos do TF e somente seus equivalentes semelhantes (selecionados à primeira vista) do TA, foi necessário utilizar as linhas de concordância com o fito de identificar outros equivalentes, possíveis omissões ou mudanças de processo no TA.

Com base em Halliday e Matthiessen (2014, p. 10), a unidade de análise desta pesquisa é a oração, pois de acordo com os autores ela “é a unidade principal de processamento da lexicogramática”, porque nela os significados são mapeados em “uma estrutura gramatical integrada”.

Assim sendo, a unidade de análise foi o nível oracional com a finalidade de identificar os elementos de transitividade vinculados a Inés como Experienciadora e Dizente. Contudo, tendo-se em vista que os processos mentais e verbais são capazes de projetar outra oração (*cf.* Referencial teórico) e que as orações projetadas contavam com significativa presença no *corpus*, tomou-se a decisão de analisar também o complexo oracional no que tange ao seu conteúdo.

Com essa decisão, procedeu-se à organização dos processos Verbais e Mentais nas linhas de concordância para seleção e identificação daqueles que estão vinculados a Inés na oração ou no complexo oracional, descartando-se outros personagens. O descarte de outros personagens ocorreu devido à escolha da personagem principal que é uma figura histórica e ficcional cuja representação é a de uma mulher forte do século XVI que, pelas suas características, se aproxima à mulher contemporânea. Interessava verificar a capacidade dessa personagem feminina de interagir verbalmente com outros personagens e de utilizar as experiências da consciência para contribuir com sua comunidade, isto é, a presença de *dinamismo dialógico* e *subjetivo* na representação Ideacional de Inés.

Esta fase pode observada no exemplo da figura 5.

FIGURA 5: Identificação das Dizentes femininas do processo **decir**

N	Concordance	Set
1	de vaidade, e eu nada dizia; como ia opinar sobre sua correspondência com	I
2	merece ser seu primeiro amor”, opinou Cecilia, e tinha razão. O	C
3	Novo-Mundo como estes guerreiros _ opinou Jerónimo de Alderete, -	O
4	capitães. _ Não é boa idéia _ opinou dom Benito _ , porque sem	O
5	do alferes Núñez nos lábios. Catalina opinou que devíamos lhes abrir as	T
6	em casá-la com outro. Valdivia opinou que não era uma idéia	P
7	tão digna e bela como sempre, opinou que nenhum mensageiro sairia	C

Fonte: Autoria própria

Todos os Dizentes foram classificados na coluna *set* das linhas de concordância com uma sigla correspondente ao personagem relacionado ao processo verbal, como por exemplo: a letra O identifica outros personagens masculinos de menor destaque; a letra P corresponde a Pedro; o I, Inés; a letra C refere-se a Cecília; com a letra T identifica-se Catalina e, assim, sucessivamente. Adota-se o mesmo procedimento em relação aos processos mentais.

Durante esse procedimento, eliminaram-se as ocorrências com itens lexicais pertencentes a outra categoria gramatical que não seja a de verbo, isto é, quando tivessem o papel de substantivo ou outro significado (e.g. “Los negros, aterrados, repitieron el *cuento*, que llegó a oídos de los españoles”). Também foram eliminadas as ocorrências com participantes indeterminados (e.g. “Dicen que se parecen a ciertos pueblos de Asia”), pois não dizem respeito à personagem principal e narradora Inés.

Feita essa classificação, procedeu-se à criação de um arquivo no formato Excel para facilitar seu manuseio. Nessa lista constam todas as ocorrências de Inés como Experienciadora e como Dizente.

Em seguida, realizou-se a organização da tabela com a representação Ideacional de Inés que conta com a presença dos elementos da transitividade. Nessa tabela, na primeira coluna consta a forma verbal em espanhol, destacada em negrito e separada por uma barra dos equivalentes tradutórios, como se vê na figura 6.

FIGURA 6: Processos e representação de Inés

Processos Verbais com seus equivalentes tradutórios	Total de ocorrências de Inés como Dizente (100%)		Inés+Receptor			Inés+Circunstância				Inés+Verbiagem				Inés + Projeção				
	tokens		tokens			tokens				tokens				tokens				
	es	pt	es	%	pt	%	es	%	pt	%	es	%	pt	%	es	%	pt	%
Decir/dizer(47)/contar(1)/falar(1)	50	49	23	46%	19	39%	8	16%	7	14%	14	28%	10	20%	36	72%	36	73%
Preguntar/perguntar	26	26	23	88%	23	88%	9	35%	9	35%	5	19%	4	15%	21	81%	21	81%
Hablar/falar(18)/anunciar(1)	19	19	15	79%	15	79%	5	26%	6	32%	5	26%	4	21%	–	0%	–	0%
Contar/contar	19	19	10	53%	10	53%	6	32%	6	32%	14	74%	12	63%	5	26%	5	26%
Explicar/explicar	11	11	8	73%	4	36%	4	36%	4	36%	2	18%	2	18%	9	82%	9	82%
Pedir/pedir(9)/interceder(1)	10	10	8	80%	7	70%	1	10%	1	10%	6	60%	5	50%	4	40%	4	40%
Rogar/rogar(9)/pedir(1)	10	10	10	100%	7	70%	1	10%	1	10%	4	40%	4	40%	6	60%	6	60%
Anunciar/anunciar	6	6	5	83%	3	50%	4	67%	4	67%	1	17%	1	17%	5	83%	5	83%
Advertir/advertir(3)/avisar(1)	6	4	6	100%	3	75%	3	50%	3	75%	1	17%	1	25%	5	83%	3	75%
Asegurar/garantir(5)/afirmar(1)	6	6	4	67%	3	50%	–	0%	–	0%	–	0%	–	0%	6	100%	6	100%

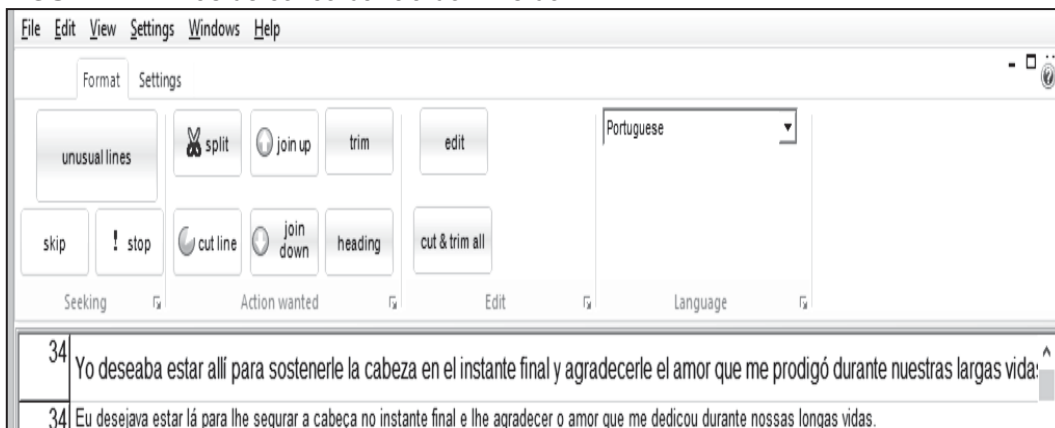
Fonte: Autoria própria

A figura 6 mostra que o negrito será usado sempre que se tratar da forma verbal em espanhol e o itálico para o português, lembrando que este procedimento irá ocorrer a partir das análises.

Ainda, cabe mencionar que a soma dos elementos de uma tabela nem sempre é de 100%, pois na maioria das vezes, esses dados não são complementares, mas independentes. Por exemplo, uma Circunstância poderá ou não estar presente em uma oração Mental ou Verbal e independe da presença ou não de outro elemento da transitividade.

Na última etapa foi utilizado o *alinhador (Aligner)* que disponibiliza as linhas de concordâncias alinhadas lado a lado, como se pode observar na figura 7:

FIGURA 7: Linhas de concordância do TF e do TA



Fonte: Autoria própria

Registra-se o fato de que o *alinhador* não faz a correspondência de todas as linhas de concordância em espanhol e de sua linha de concordância em português alinhada paralelamente, como deveria ocorrer com essa ferramenta. Por esse motivo, muitas linhas do TA estão distantes das linhas do TF e devem ser reorganizadas, de modo a ficarem lado a lado e facilitarem a comparação entre os textos.

Como dito anteriormente, assim que definidos os processos e ocorrências que efetivamente fazem parte da análise, foram identificados os elementos de transitividade (Processos, Participantes e Circunstâncias) nas linhas de concordância, bem como o conteúdo das Projeções (de Relato ou de Citação) que os processos projetaram, caso tenham ocorrido.

Após identificação dos Processos, Participantes e Circunstâncias, o alinhador foi utilizado para verificar equivalências e mudanças nos elementos da transitividade e no conteúdo das Projeções, alinhados lado a lado, como visto na figura 8 e na exemplificação de análise a seguir:

FIGURA 8: Identificação dos elementos de transitividade

me	he preguntado	cien veces	por qué no me llevó con él em esse viaje.
Perguntei	me	cem vezes	por que não me levou com ele nessa viagem

Fonte: Autoria própria

Na figura 8 a análise do sistema de transitividade identifica que no TF, a representação ideacional de Inés no papel de Dizente e Receptora da própria fala devido à presença do processo verbal (**preguntado**). A Circunstância de extensão (*cien veces*) estabelece uma extensão de tempo grande, muitas vezes ela se pergunta sobre a responsabilidade dela em relação às ações de Sebastián Romero que segundo contexto desta passagem era um marinheiro que a assediava durante o trajeto para terras americanas.

A análise dos elementos de transitividade aponta que no TA Inés também é representada como Dizente e Receptora como se pode observar na figura 6, complementada também pela Circunstância de extensão (*cem vezes*), mantendo-se a equivalência Ideacional entre os textos.

Sobre os procedimentos de análise, também é importante mencionar que durante a análise da transitividade foram incluídas descrições de expansões que agregaram algum significado à Dizente ou Experienciadora em foco.

O procedimento é descrito no exemplo a seguir.

Exemplo 14: Análise da transitividade e das relações lógico-semânticas

— Vejo que não aprende, safado—	<i>lhe</i>	disse	<i>sem levantar a voz</i>
Oração Projetada (Citação)	Receptor	P.verbal	Expansão

No exemplo 14, Inés é representada como Dizente de um processo verbal neutro (**decir/dizer**). Essa oração é chamada de principal e, por conter um processo verbal, é capaz de projetar uma Citação que representa o conteúdo de sua fala. Nota-se ainda, que apesar de a narradora ter utilizado um processo verbal neutro (*dizer*), a primeira expansão (*sem levantar a voz*) agrega uma maneira específica de dizer algo a seu Receptor (*lhe*), isto é, um enunciado em voz baixa e por isso, faz parte da análise ideacional.

Todos os exemplos que foram utilizados na tese até o início das análises estão em português para dar fluidez à leitura. Já durante o processo de análise, foram escolhidos excertos nas duas línguas, por ser uma pesquisa no campo das abordagens textuais da tradução.

Durante este processo, foi identificado número de ocorrências de Mudanças Ideacionais, as quais foram classificadas e registradas em uma tabela. Nesta etapa surgiu um impasse quanto a registrar ou não as mudanças Ideacionais influenciadas pelas diferenças entre os dois sistemas linguísticos. Concluiu-se que, pelo fato de o tradutor não ter seguido um critério rígido, ora adotando o sistema linguístico do TF, ora tentando manter características linguísticas do TA, as mudanças influenciadas pelo sistema linguístico do TA também deveriam ser registradas.

5.0 ANÁLISE DOS DADOS: Representação Ideacional de Inés

Durante a análise dos dados foi observado que os processos Verbais foram usados para representar diversos aspectos de Inés, desde sua vida à ordens direcionadas a subalternos.

Em relação aos processos Mentais, a voz narrativa representou experiências ficcionais relacionadas ao conhecimento, pensamento, sentimento e desejo, destacando-se as experiências cognitivas e desiderativas.

5.1 Inés como Dizente

Com base nos resultados observados nas linhas de concordância determinaram-se as temáticas ou assuntos da representação Ideacional de Inés como Dizente. Identificaram-se, oito temáticas ou assuntos sobre a representação Ideacional de Inés como Dizente, nomeadamente:

- Representação de fatos da própria vida, opiniões sobre assuntos variados, questionamentos e constatações, bem como de ausência de informações;
- Representação de convicções, certezas ou decisões, bem como de incertezas ou dúvidas;
- Representação de comandos e solicitações;
- Representação de passagens dialógicas;
- Representação de advertências a seus interlocutores;
- Representação de esclarecimentos ou constatações;
- Representação de argumentação veemente;
- Representação de reconhecimento de deficiência ou de alguma falta cometida.

Seguem exemplos de cada temática identificada na representação Ideacional de Inés como Dizente.

a) Representação de fatos da própria vida, de opiniões sobre assuntos diversificados, de questionamentos, de constatações: processos **decir/dizer**; **contar/contar**, **relatar/relatar**, **suspirar/suspirar**²¹; **comentar/comentar**; **manifestar/manifestar**; **mencionar/mencionar**

Em relação à representação do conteúdo que a narradora Inés fez como personagem, percebe-se que os assuntos foram bastante variados tais como: i) a própria vida da narradora, de suas experiências e da vida de Pedro (excertos 01) ; ii) questionamento de ações dos homens de Pedro em relação aos indígenas ou das ações de Pedro (excerto 02); iii) observações sobre as mulheres (excerto 03); iv) opinião sobre o espanto dos espanhóis em relação à natureza do Novo Mundo (excerto 04);

(01) Aunque adoré a Rodrigo de Quiroga, tu padre, y viví con él treinta años, sólo vale la pena **contar** mi vida por la conquista de Chile, que compartí con Pedro de Valdivia.

(01) Embora eu tenha adorado Rodrigo de Quiroga, seu pai, Isabel, e vivido com ele trinta anos, só vale a pena *contar* minha vida pela conquista do Chile, que compartilhei com Pedro de Valdivia.

(02) — Si la guerra es la guerra, también podemos justificar las matanzas de Francisco de Aguirre en el norte — le **dije**.

(02) — Se a guerra é a guerra, também podemos justificar as matanças de Francisco de Aguirre no norte — eu *disse*. (Receptor: Pedro).

(03) — Pero son como las cucarachas: aplastan a una y salen más por los rincones — le **dije**.

(03) — Mas elas são como as baratas: quando você esmaga uma, correm duzentas pelos cantos — eu *disse*. (Receptor: Cecilia).

(04) — Para nosotras, que venimos de Extremadura, sobria y seca, piedra y polvo, ese paraíso es imposible de imaginar — **comenté**.

(04) — Para nós, que viemos da Extremadura, sóbria e seca, pedra e pó, esse paraíso é impossível de imaginar — *comentei*.

²¹ Levando-se em conta que, segundo Halliday e Mathiessen (2004; 2014), os processos comportamentais não projetam, nesta pesquisa, o processo **suspirar/suspirar** será considerado verbal, uma vez que foi capaz de projetar uma oração (eg. “Tudo pode ser feito com discrição”, *suspirou* minha mãe, sempre prática).

Alguns desses processos foram usados pela voz narrativa de forma negativa para indicar a ausência ou falta de informação, caso observado no excerto (05).

(05) No he **mencionado** el maíz o trigo indiano, sin el cual no habríamos subsistido.

(05) Não *mencionei* o milho ou trigo indiano, sem o qual não teríamos subsistido.

b) Representação de convicção, certeza ou decisão: processos **asegurar/garantir/afirmar**; **anunciar/anunciar**; **sostener/afirmar**; **sugerir/sugerir**; **opinar/opinar**

No tocante aos processos acima, a voz narrativa os usa para representar convicções, certezas, opiniões ou decisões de Inés diante de seus interlocutores em relação a alguns fatos ou assuntos (excertos 06. 07 e 08).

(06) Y, puedo **asegurar**lo, Pedro de Valdivia fue uno de los hombres más íntegros y valientes (...).

(06) E, posso *afirmar*, Pedro de Valdivia foi um dos homens mais íntegros e valentes (...)

(07) Ya sabes cómo son algunos hombres... — **sugerí**.

(07) Já sabe como são alguns homens... — *sugeri*.

(08) — Con todo respeto, excelencia, no pienso regresar a España — le **anuncié**.

(08) — Com todo o respeito, excelência, não penso voltar à Espanha — *anunciei*.

c) Representação de comandos e solicitações: processos **ordenar/ordenar**; **preguntar/perguntar**; **pedir/pedir**; **exigir/exigir** e **insistir/insistir**

Com estes processos, a narradora externa solicitações e comandos como nos excertos (09), (10), (11) e (12). Esse tipo de representação mostra que a narradora opta por evidenciar seu poder.

No excerto (10) foi utilizada a circunstância de tempo (agora) modo (com voz raivosa) que caracteriza a fala da Dizente em relação ao tempo e à maneira como ela fez a pergunta.

(09) — ¡Matadlos a todos! — **ordené** a los guardias en un tono imposible de reconocer como mi voz.

(09) — Matem todos! — *ordenei* aos guardas num tom impossível de reconhecer como minha voz.

(10) ¿Quién lo busca? — **pregunté**, ahora con voz airada.

(10) Quem o procura? — *perguntei*, agora com voz raivosa.

(11) Le **pedí** a Catalina que me viera la suerte, pero por una vez ella nada descubrió en las conchas, o tal vez no se atrevió a decirme lo que vio.

(11) *Pedi* a Catalina que me visse a sorte, mas desta vez ela não descobriu nada nas conchas, ou talvez não tenha se atrevido a me dizer o que viu.

(12) Debéis convencer a Pedro de que está cometiendo una grave injusticia — le **exigí**.

(12) Deve convencer Pedro de que está cometendo uma grave injustiça — *exigi*.

Um fato curioso, é que a narradora usou o processo perguntar para se representar como Dizente e Receptora da própria fala. Esse tipo de recurso linguístico foi utilizado na representação de um momento em que a personagem tenta se forçar a refletir sobre algum aspecto de sua vida (excerto 13). Isso talvez esteja relacionado à proximidade dos processos verbais aos mentais que, segundo Halliday e Matthiessen (2014), não apresentam uma delimitação tão evidente de suas fronteiras.

(13) Con su llegada, yo dejaba de ser la gobernadora, y me **pregunté**, divertida, si María de Encio estaría a la altura de las circunstancias.

(13) Com sua chegada, eu deixava de ser a governadora, e me *perguntei*, divertida, se María de Encio estaria à altura das circunstâncias.

(d) Representação de passagens dialógicas: processo **hablar**/falar

O processo **hablar**/falar foi utilizado pela narradora para representar a si mesma participando de uma passagem dialógica que irá ocorrer (excerto 14) ou que está ocorrendo (excerto 15).

(14) Tanto insistí, que Pedro me consiguió una audiencia para **hablar** con Pizarro en persona.

- (14) Tanto insisti, que Pedro me conseguiu uma audiência para *falar* com Pizarro em pessoa.
- (15) Cecilia me la trajo y pude **hablar** con ella.
- (15) Cecília me trouxe a moça e pude *falar* com ela.

e) Representação de advertências: processo *advertir/advertir*

A narradora usa o processo *advertir* para construir representações de uma situação de aviso ou de alerta (excerto 16). Nesse papel, a narradora destaca a representação de si mesma como alguém capaz de orientar outras pessoas.

- (16) — Os acusarán de traidor al emperador y de hereje — le **advertí**.
- (16) — Será acusado de trair o imperador e de herege — lhe *adverti*.

f) Representação de uma resposta, um esclarecimento ou uma constatação: processos **explicar/explicar**; **responder/responder**; **contestar/responder**; **replicar/replicar/responder**

O processo *explicar* é utilizado de dois modos distintos. No primeiro, representa um esclarecimento que enfatiza uma determinada crença ou constatação (excerto 17). No segundo caso, é utilizado para representar um esclarecimento (excerto 18).

- (17) No nos perdonan que triunfemos cuando tantos otros fracasan — le **expliqué**.
- (17) Não nos perdoam que triunfemos quando tantos outros fracassam — *expliquei*.
- (18) Debo hacer una pausa para **explicar** que Valdivia no pudo cumplir su amenaza contra Lautaro
- (18) Devo fazer uma pausa para *explicar* que Valdivia não pôde cumprir sua ameaça contra Lautaro

Os Processos **responder**/responder, **contestar**/responder são usados para representar a narradora como uma personagem que oferece o retorno a uma indagação de seu interlocutor, como se vê no excerto (19)

(19) — Soy yo quien desea servirlos a vos y a España, excelencia — le **contesté**, con una humildad que estaba lejos de sentir (...)

(19) — Sou eu quem deseja servir ao senhor e à Espanha, excelência — *respondi* com uma humildade que estava longe de sentir (...)

g) Representação de uma argumentação com veemência: **discutir**/discutir

Com o processo *discutir* Inés se representou como uma Dizente que mostra a firmeza ao defender seu ponto de vista (excerto 20).

(20) Solíamos **discutir** a gritos, porque ninguno de los dos tenía temperamento manso, pero eso no lograba separarnos.

(20) Costumávamos *discutir* aos gritos, porque nenhum de nós tinha temperamento manso, mas isso não conseguiu nos separar.

h) Representação do reconhecimento de uma deficiência ou de uma atitude errada: **admitir**/admitir; **confesar**/confessar

Os processos *admitir* e *confessar* foram usados pela voz narrativa para se representar como uma Dizente que reconhece apresentar um problema (excerto 21) ou de ter cometido alguma falta (excerto 22).

(21) Mas ainda não me sinto derrotada pela idade, embora **admita** que fiquei meio entrevada e esquecida, que já não sou capaz de fazer bem o que antes fazia sem pensar duas vezes (...)

(21) Mas ainda não me sinto derrotada pela idade, embora *admita* que fiquei meio entrevada e esquecida, que já não sou capaz de fazer bem o que antes fazia sem pensar duas vezes (...)

(22) Me **confieso** de fornicación, que es un pecado horroroso, pero no de adulterio, que es peor.

(22) *Confesso* a fornicação, que é um pecado horroroso, mas não adultério, que é pior.

i) Representação dos Receptores da fala de Inés

No tocante aos Receptores, os dados exibem a representação ficcional de Inés como alguém que mantém diálogos com interlocutores de diversas esferas, indicando alto grau de *dinamismo dialógico*. A representação de Inés é de o de uma mulher que estabelece diálogos com integrantes da própria família, de sua rede de amizades, da igreja e da esfera militar (excerto 23). Além disso, ela dá ordens a diversas pessoas (excerto 24), solicita e dá informações a pessoas variadas (excerto 25) e assegura suas convicções (excerto 26).

(23) Le **pedí** a Catalina que me viera la suerte, (...) [amiga de Inés]

(23) *Pedi* a Catalina que me visse a sorte, (...)

(24) Desperté al indio de guardia, que dormía atravesado en el umbral de lo que un día sería la puerta, y le **ordené** que convocara al capitán de inmediato.

(24) Acordei o índio de guarda, que dormia atravessado no umbral do que um dia seria a porta, e lhe *ordenei* que convocasse o capitão imediatamente.

(25) Cuando supe de lo ocurrido le **pregunté** a Rodrigo cuál había sido el propósito de aquella carnicería, que a mi juicio traería horribles consecuencias (...)

(25) Quando soube do ocorrido, *perguntei* a Rodrigo qual tinha sido o propósito daquela carnificina, que na minha opinião traria horríveis conseqüências (...)

(26) Y, puedo **asegurar**lo, Pedro de Valdivia fue uno de los hombres más íntegros y valientes de los que han venido al Nuevo Mundo.

(26) E, posso *afirmar*, Pedro de Valdivia foi um dos homens mais íntegros e valentes dos que vieram para o Novo Mundo.

Sintetizando, na representação Ideacional de Inés como Dizente, nota-se o significativo *dinamismo dialógico* da narradora/personagem, sobretudo, devido ao alto índice de ocorrência de Receptores que evidenciam sua capacidade de atingir outras pessoas com sua fala. Também o conteúdo de sua fala muitas vezes se

relaciona a ações que ela praticou em sua comunidade evidenciando o dinamismo dialógico em que está envolvida.

Contribui para o aspecto dinâmico da representação de Inés como Dizente a presença de Verbiagens, Projeções e algumas Expansões que mostram representações de ações praticadas por Inés. Veja-se que o exemplo (01) no qual a representação experiencial de Inés como Dizente do processo **contar/contar** é complementada pela Expansão causa/razão “por la **conquista** de Chile/pela conquista do Chile”, uma ação que foi compartilhada com Pedro de Valdivia. Assim, o evento *contar* só ocorre em função da ação praticada por Inés e Valdivia (a conquista do Chile).

No exemplo (02) a Projeção apresenta o processo verbal neutro **dije/disse** (— Si la guerra es la guerra, también podemos justificar las matanzas de Francisco de Aguirre en el norte — le **dije/** Se a guerra é a guerra, também podemos justificar as matanças de Francisco de Aguirre no norte — eu *disse*) direcionada a Pedro de Valdivia. Embora na representação Ideacional de Inés seja utilizado um processo verbal neutro, o conteúdo da Projeção revela um questionamento de Inés, ao não aceitar os assassinatos dos indígenas cometidos por Aguirre.

O processo verbal **anuncié/anunciei** do exemplo (08) projeta a oração “— Con todo respeto, excelencia, no pienso regresar a España — / — Com todo o respeito, excelência, não penso voltar à Espanha —” cujo conteúdo mostra uma decisão revelada ao mais alto mandatário do Peru à época, o governador Francisco Pizarro. Com essa projeção nota-se o caráter determinado de Inés que, com firmeza, dirige sua fala a um dos homens mais importantes da sociedade peruana.

Também a projeção do exemplo (17) manifesta dinamismo de Inés no papel de Dizente do proceso **expliqué/expliquei**. Nessa projeção (No nos perdonan que triunfemos cuando tantos otros fracasan — / Não nos perdoam que triunfemos quando tantos outros fracassam) Inés junto a outras mulheres (nos/nos) é representada como Ator do proceso material **triunfemos/triunfemos**. Assim, o processo **explicar/explicar** resulta de uma ação praticada pelas mulheres (**triunfar/triunfar**).

5.2 Inés como Experienciadora

A análise dos dados de Inés como Experienciadora mostram variados assuntos que foram agrupados junto aos processos utilizados. Foram identificados, aproximadamente, sete temáticas ou assuntos relacionados à representação Ideacional de Inés como Experienciadora, tais como:

- Representação de saberes e conhecimentos sobre sua vida e a de outros personagens;
- Representação da ausência de conhecimentos ou de saberes;
- Representação de desejos ou esperanças;
- Representação do que não é desejado ou esperado por Inés;
- Representação de suposições, crenças ou pensamentos;
- Representação da ausência de suposições, crenças ou pensamentos
- Representação de sentimentos negativos ou positivos em relação a pessoas ou ações de outrem.

Seguem exemplos de cada temática identificada na representação Ideacional de Inés.

a) Representação de si mesma como experienciadora de percepções: processo **ver/ver**, **observar/observar** e **notar/notar**

Com os verbos **ver/ver**, **observar/observar** e **notar/notar** a narradora representa variadas percepções que ela tem do mundo como, por exemplo: i) a visão que tem de si mesma (excerto 01); ii) a imagem de fenômenos sobrenaturais com o intuito de destacar sua capacidade de entrar em contato com o mundo espiritual (excerto 02); iii) impressões que tem de determinados personagens (excerto 03); a percepção da violência à sua volta, salientando o contexto de guerra da época (04).

- (01) Ahora, cuando puedo **observar** mi vida completa desde la serenidad de la vejez (...)
- (01) Agora, quando posso *observar* minha vida completa com a serenidade da velhice (...)
- (02) (...) estoy con un pie al otro lado de la vida y por eso **observo** y escucho lo que para otros pasa inadvertido.
- (02) (...) estou com um pé do outro lado da vida e por isso *observo* e escuto o que para outros passa inadvertido.
- (03) Al saberse que Valdivia venía camino a Santiago, **noté** a Rodrigo preocupado (...)
- (03) Ao saber que Valdivia estava a caminho de Santiago, **notei** Rodrigo preocupado (...)
- (04) En cuestión de minutos ya podíamos **verles** las caras pintarrajeadas y comenzó la lucha cuerpo a cuerpo.
- (04) Em questão de minutos já podíamos *ver* as caras pintadas deles e começou a luta corpo a corpo.

b) Representação de si mesma como Experienciadora de conhecimentos da vida, dos sentimentos de outras personagens, de conhecimentos do trabalho ou que gera dúvidas: processo **saber/saber**, **conocer/conhecer**, **enterar/inteirar**, **entender/entender** e **dudar/duvidar**

A voz narrativa utiliza os processos **saber/saber**, **conocer/conhecer** e **enterar/inteirar** para representar a si mesma como Experienciadora de saberes ou conhecimentos relacionados à vida ou aos sentimentos de outros personagens (excerto 05). Além disso, ela representa os conhecimentos adquiridos do trabalho, evidenciando suas habilidades e capacidades laborais (excerto 06)

- (05) (...) yo **sé** de él lo que la Historia jamás podrá averiguar: qué temía y cómo amó.
- (05) (...) eu *sei* dele o que a História jamais poderá averiguar: o que temia e como amou.
- (06) Entretanto, me gané la vida con los oficios que **conozco**: coser, cocinar, componer huesos y curar heridas.
- (06) Enquanto isso, ganhei a vida com os ofícios que *conheço*: costurar, cozinhar, consertar ossos e curar feridas.

Com esses processos, também foram representadas a ausência de conhecimentos, de saberes e dúvidas da narradora em relação aos indígenas chilenos, nos primeiros anos que estive no território chileno, ou a lugares, pessoas ou objetos (excertos 07 e 08).

Esse tipo de representação ocorre no contexto de chegada à nova terra, nos anos iniciais. Logo em seguida, ela passa a se representar como detentora de conhecimentos e de saberes, uma vez que resultaram da sua participação ativa da fundação do Chile e das ações verbais que estabeleceu com vários tipos de Receptores, como se pode ver na análise dos processos verbais.

(07) Al llegar a Chile nada **sabíamos** de los mapuche, pensábamos que sería fácil someterlos, como hicimos con pueblos mucho más civilizados, los aztecas y los incas.

(07) Ao chegar ao Chile *nada* sabíamos dos mapuche, pensávamos que seria fácil submetê-los, como fizemos com povos muito mais civilizados, os astecas e os incas.

(08) (...) no **entiendo** cómo funciona la mente masculina.

(08) (...) não *entendo* como funciona a mente masculina.

c) Representação de si mesma como Experienciadora de desejos e esperanças: processos **necesitar/necessitar**, **desear/desejar**, **querer/querer** e **esperar/esperar**

Os processos **necesitar/necessitar/precisar**, **desear/desejar**, **querer/querer** e **esperar/esperar** construíram as experiências de necessidades, desejos e esperanças que a narradora atribuiu a si mesma, dando a conhecer as suas aspirações e expectativas em relação a diversos aspectos de sua vida e da de Pedro (excertos 09, 10 e 11).

Em dos processos, como em **desear/desejar** e **querer/querer**/, a voz narrativa lança mão do advérbio negativo *não* para representar o que não deseja experienciar (excertos 10, 12 e 13).

(09) Te ruego un poco de paciencia, Isabel, verás que pronto este desordenado relato llegará al momento en que mi destino se entrecruza con el de Pedro de Valdivia y se inicia la epopeya que **deseo** contarte.

(09) Rogo um pouco de paciência, Isabel; logo verá que este relato desordenado chegará ao momento em que meu destino entrecruza com o de Pedro de Valdivia e se inicia a epopéia que *desejo* lhe contar.

(10) No **quiero** muertos en mi patio, ensucian y traen mala suerte.

(10) Não *quero* mortos no meu pátio, sujam e trazem má sorte.

(11) (...) **espero** que la Historia le reserve el sitio que merece.

- (11) (...) *espero* que a História reserve a ele o lugar que merece.
- (12) Según Cecilia, su estrella se elevó cuando me conoció y comenzó a declinar cuando se separó de mí, teoría aterradora, porque no **deseo** la responsabilidad de sus éxitos ni la culpa de sus fracasos.
- (12) Segundo Cecília, sua estrela se elevou quando me conheceu e começou a descer quando se separou de mim, teoria aterrorizante, porque não **desejo** a responsabilidade de seus êxitos nem a culpa de seus fracassos.
- (13) No **quise** que nadie me viese humillada (...)
- (13) Não *quis* que ninguém me visse humilhada.

d) Representação de si mesma como Experienciadora de suposições, crenças e pensamentos: processos **creer/crer/acreditar/achar/pensar**; **suponer/supor**; **pensar/pensar** e **dudar/duvidar**

A voz da narradora fez a escolha de quatro processos mentais, **creer/crer/acreditar/achar/pensar**, **suponer/supor** e **pensar/pensar** e **dudar/duvidar** para representar suposições e dúvidas (excertos excerto 14, 15,16) ou ideias que alguém quer obrigá-la a aceitar (excerto 17).

- (14) **Creo** conocerlos mejor que Alonso, porque llevo cuarenta años defendiendo lo que fundamos en Chile, y él apenas estuvo aquí unos meses.
- (14) *Acho* que os conheço melhor que Alonso, porque há quarenta anos defendo o que fundamos no Chile, e ele esteve aqui apenas uns meses.
- (15) **Supongo** que a los quechuas de Vitacura no les faltaba lo esencial, pero los indios chilenos destruyeron sus propios sembradíos, decididos a morir de inanición si así acababan con nosotros.
- (15) *Suponho* que aos quéchuas de Vitacura não faltava o essencial, mas os índios chilenos destruíram suas próprias plantações, decididos a morrer de inanição se assim acabassem conosco.
- (16) **Pensei** que se algum día essas fantásticas fazendas se tornassem realidade, eu, una modesta extremeña, sería un dos propietarios mais ricos do Chile.
- (16) *Pensei* que se algum dia essas fantásticas fazendas se tornassem realidade, eu, uma modesta extremeña, sería un dos propietarios mais ricos do Chile.
- (17) — **Creedme**, señora, me alcanza la autoridad para mandar a Núñez a pudrirse en la selva de los Chunchos, y os aseguro que lo haré — replicó él.

(17) — *Creia-me, senhora [Inés], tenho autoridade suficiente para mandar Núñez apodrecer na selva dos Chunchos, e lhe garanto que o farei* — replicou ele.

Desse grupo de processos, somente os processos **creer/achar/acreditar** e **pensar/pensar**, quando associados ao advérbio “não”, foram utilizados pela narradora para representar descrenças ou coisas que ela não quer pensar (excertos 18 e 19). Além desses verbos, **ignorar/ignorar** também foi utilizado com a mesma finalidade.

(18) No **creo** que la muerte del rey provocara la peste, como decía la gente al ver pasar el cortejo fúnebre, que dejó flotando en el aire, durante días, un olor a almendras amargas, pero nunca se sabe.

(18) Não *acho* que a morte do rei provocasse a peste, como as pessoas diziam ao ver passar o cortejo fúnebre, que deixou flutuando no ar, durante dias, um cheiro de amêndoas amargas, mas nunca se sabe.

(19) Fue como si mi alma supiera lo que mi mente aún **ignoraba**.

(19) Foi como se minha alma soubesse o que minha mente ainda *ignorava*.

e) Representação de si mesma como Experienciadora de sentimentos negativos ou positivos em relação a pessoas ou atos: processos **gustar/gostar**, **merecer/merecer**, **sentir/sentir**, **interesar/interessar**, **detestar/detestar** e **amar/amar**

A voz narrativa representa suas experiências de afeto, interesse, indiferença ou raiva por outros personagens com os processos **gustar/gostar**, **merecer/merecer**, **sentir/sentir**, **amar/amar** e **detestar/detestar**, sobretudo em relação a Pedro de Valdivia (excerto 20), mas também em relação ao que ela gosta de fazer (ato de fundar). Com **interesar/interessar** e **importar/importar** ela representa seu desinteresse por algo, pois vem acompanhado do advérbio negativo “não” (excerto 22).

(20) Nadie **amó** a Pedro más que yo (...)

(20) Ninguém *amou* Pedro mais do que eu (...)

(21) A mí me tocó reponer la salud de los heridos y enfermos y hacer lo que más me **gusta**: fundar.

(21) Para mim tocou repor a saúde dos feridos e doentes e fazer o que mais *gosto*: construir.

(22) (...) un manual para soldados que no me **interesaba** (...)

(22) (...) um manual que não me *interessava* (...)

f) Representação de experiências diversas, como temores, lembranças, esquecimentos, dentre outros: processos **temer/temer**, **recordar/lembrar**, **acordar/lembrar**, **olvidar/esquecer** e o restante dos processos

Dentre as várias experiências internas, a narradora utilizou o processo *temer/temer* para representar algum tipo de temor em relação a algo ou alguém (excerto 23). As experiências também estão relacionadas tanto às suas lembranças que foram a base para a narrativa (excertos 24 e 25).

(23) Con el tiempo aprendí a **temer** su crueldad.

(23) Com o tempo aprendi a *temer* sua crueldade.

(24) **Recordé** el primer ataque indígena a la naciente ciudad de Santiago, en la primavera de 1541 (...)

(24) **Lembrei** o primeiro ataque indígena à nascente cidade de Santiago, na primavera de 1541 (...)

(25) Jamás **olvidaré** una quema de herejes que hubo en Plasencia

(25) Jamais *esquecerei* uma queima de hereges que houve em Plasencia (...)

Outros processos representaram uma gama de experiências internas, sendo demasiado variados para agrupá-los em temas, como foi feito com outros processos.

g) Representação de Fenômenos

A representação dos Fenômenos experienciados por Inés foram muito variados, assim como apontam Halliday e Matthiessen (2014), sendo realizados gramaticalmente por pessoas (excerto 26, com fenômeno sublinhado), abstrações (excerto 27), objetos (excerto 28), lugares (excerto 29) e outros tipos de Fenômenos.

- (26) **Pensé** en Rodrigo, y la necesidad de hacer el amor con él me hizo estremecer (...)
- (26) *Pensei* em Rodrigo, e a necessidade de fazer amor com ele me fez estremecer (...)
- (27) **Sentí un retortijón de envidia** (...)
- (27) *Senti uma pontada de inveja* (...)
- (28) Disponíamos de muy pocos libros y **los conocíamos** de memoria (...)
- (28) Dispúnhamos de muito poucos livros e **os conhecíamos** de memória (...)
- (29) (...) **vimos varias aldeas, muchos plantíos, canales de riego, acequias y caminos.**
- (29) (...) *vimos várias aldeias, muitas plantações, canais de irrigação e caminhos.*

Recapitulando, nas análises foi notado que os processos mentais contribuem para o *dinamismo subjetivo* da representação Ideacional de Inés, a julgar pela presença de alguns Processos ou Projeções que revelam ações da narradora/personagem. Nessas representações é possível observar a capacidade de Inés agir sobre o mundo ficcional que a rodeia.

O dinamismo subjetivo de Inés pode ser notado no exemplo (06), no qual Inés é Experienciadora do conhecimento (**conozco/conheço**) de vários ofícios, tais como **coser**/costurar, **cocinar**/cozinhar, **componer** huesos/*consertar* ossos e **curar** heridas/*curar* feridas. Observa-se que na representação, o conhecimento resultou de ações de Inés, expressando o dinamismo da narradora/personagem.

Outro momento que o dinamismo de Inés enquanto Experienciadora é revelado por um processo mental está presente na Projeção do exemplo (08) “cómo funciona la mente masculina/ como funciona a mente masculina”. Essa Projeção representa uma ação subjetiva de Inés que faz críticas aos homens mediante o proceso mental **entiendo/entendo** asociado à polaridade negativa (no/não), representa, por assim dizer, um questionamento aos homens.

Além disso, no exemplo (10), a Polaridade negativa (no/não) e o Processo mental **quiero/quero** expressa uma orden de Inés em relação a Pedro, quando exige que não mate os invasores de sua casa, deixando claro que ela não quer “mortos em sua casa”.

Outra passagem que revela dinamismo de Inés está presente na expansão do exemplo (14), “porque llevo cuarenta años defendiendo lo que fundamos en Chile”, que explica a razão para ela achar que conhece melhor os indígenas chilenos. Com essa expansão, explica-se que as experiencias da suposição (**creo/acho**) e dos conhecimentos sobre os indígenas (**conocerlos/os conheço**)

processadas na consciência de Inés originam-se da ação de defender o que fundou no Chile junto a outras pessoas (**fundamos/fundamos**).

É interessante notar que até mesmo o processo verbal afetivo **gusta/gosto** mostra o dinamismo de Inés (exemplo 21) por meio da projeção de Ideia “fundar/construir”. Claramente, a Projeção representa o significado experiencial da ação favorita de Inés, que é a ação de fundar ou construir coisas. Pelo contexto da obra, sabe-se que ela gostava de **fundar/construir** cidades, hospitais, igrejas, dentre outros.

5.3 Equivalência Ideacional dos processos Verbais

A análise dos dados mostrou um alto índice de Equivalência Ideacional, como ilustrado no quadro 3 abaixo.

Quadro 3: Equivalência Ideacional: **asegurar/garantir**

	(...) <i>le</i>	aseguré	que la gente del Perú se bañaba a diario y nadie tenía los pulmones blandos ni la sangre aguada.
Dizente (elipse)	Receptor	P. Verbal	Oração Projetada
Oração Projetante			
	(...) <i>lhe</i>	<i>garanti</i>	que as pessoas do Peru tomavam banho diariamente e ninguém tinha os pulmões débeis nem o sangue aguado.
Dizente (elipse)	Receptor	P. Verbal	Oração Projetada
Oração Projetante			

No exemplo do quadro 3, a narradora do texto de partida utiliza o processo verbal **aseguré** para construir a representação ideacional de uma Dizente convicta do que afirma a seu Receptor Pedro (*le*).

A narradora na tradução utiliza recursos semelhantes para representar as experiências ideacionais de sua fala, apenas a escolha do processo verbal *garantir* revela uma mudança *intra sistema* que não provoca uma mudança Ideacional na representação de Inés como uma Dizente segura do que diz a Pedro (*lhe*) o Receptor de sua fala.

O quadro 4 apresenta a Equivalência Ideacional com processos **decir/dizer**.

Quadro 4: Equivalência Ideacional: **decir/dizer**

Mi experiencia en capitanes españoles es limitada, pero puedo	decir	te	que los que me tocaron fueron muy poco sabidos en materia amorosa, aunque bien dispuestos a la hora de aprender.
Dizente (elipse)	P. Verbal	Receptor	Oração Projetada
Oração Projetante			
Minha experiência em capitães espanhóis é limitada, mas posso	lhe	dizer	que os que me tocaram sabiam muito pouco em matéria amorosa, embora bem dispostos na hora de aprender.
Dizente (elipse)	Receptor	P. Verbal	Oração Projetada
Oração Projetante			

No quadro 4, a representação ideacional que a voz narrativa atribui a si mesma no papel de Dizente conta com o processo verbal neutro **decir/dizer**. A sua fala foi representada pela Projeção de relato que faz parte de um diálogo com um Receptor (*te*), a sua filha Isabel.

No romance traduzido, a voz narrativa mantém a mesma representação de si, constatando-se uma mudança de *ordem* dos pronomes (*te/lhe*) e de *estrutura* (CATFORD, 1968) devido à inversão desses elementos. Notadamente as mudanças observadas não resultam em uma Mudança Ideacional da Dizente.

No quadro 5 há um exemplo de equivalente nulo segundo categorias de Catford (1968).

Quadro 5: Equivalência Ideacional: **rogar/rogar**

(...) rogando	le	a la Virgen	que me perdonara tan grave crimen (...)
P.Verbal	Receptor (pronomo pessoal)	Repetição de Receptor	Oração Projetada
(...) <i>rogando</i>		à Virgem	que me perdoasse tão grave crime (...)
P.Verbal	Equivalente nulo	Receptor	Oração Projetada

No quadro 5, a voz narrativa se representa como uma Dizente que endereça um pedido (rogando) a um Receptor utilizando-se de dois elementos lexicais (*le/a la Virgen*), por ser uma construção linguística usual na língua espanhola. O conteúdo do pedido pode ser identificado na Projeção de Locução que se inicia com a partícula “que”.

No texto de chegada ocorre a mesma representação, com exceção da repetição do Receptor, visto que não seria aceitável esse tipo de construção na língua portuguesa do Brasil. Esta omissão é categorizada, segundo Catford (1968), como mudança (*shift*) denominada de equivalente nulo por não existir na língua do texto de chegada. Sem dúvida nenhuma, uma mudança que não altera a equivalência Ideacional de Inés como Dizente de uma fala projetada a um Receptor (à Virgem).

A equivalência ideacional foi mantida no verbo **replicar**, mesmo havendo uma mudança *intra-sistema* e de *estrutura*, como se pode observar no quadro 6:

Quadro 6: Equivalência Ideacional: **advertir**/avisar

En esa ocasión	advertí	nuevamente	del peligro	a Pedro
Circunstância	P.Verbal	Circunstância	Verbiagem	Receptor
Nesta ocasião,	novamente	<i>avisei</i>	Pedro	do perigo
Circunstância	Circunstância	P. Verbal	Receptor	Verbiagem

O quadro 6 mostra a representação de Inés no papel de uma Dizente que profere uma advertência (advertir) de perigo (Verbiagem) a um Receptor (a Pedro). As circunstâncias complementam a experiência ficcional de fala de Inés indicando o tempo em (*En esa ocasión*) que a fala ocorreu e a reiteração da advertência (*nuevamente*).

A mesma representação Ideacional é retextualizada na tradução, mas não com o mesmo processo **advertir** e sim *avisar* que é seu equivalente na língua portuguesa (mudança *intra-sistema*). Além dessa mudança identifica-se uma mudança de *estrutura* com a inversão de certos termos (*nuevamente* e *del peligro*) que não altera em nada a representação do texto de partida.

5.4 Equivalência Ideacional dos processos Mentais

No quadro 7 está um exemplo de Equivalência Ideacional, padrão que se repete na maioria das escolhas do tradutor.

Quadro 7: Equivalência Ideacional: **querer/gostar**

Quisiera	creer la versión menos cruel, que Pedro se batió hasta ser derribado de un mazazo en la cabeza, pero Cecilia me ayudó a descubrir la verdad.
P.Mental + Experienciadora (eclipse)	Oração Projetada
Oração Projetante	
Gostaria	de acreditar na versão menos cruel, que Pedro se bateu até ser derrubado por uma pancada de clava na cabeça, mas Cecília me ajudou a descobrir a verdade.
P.mental + Experienciadora (eclipse)	Oração Projetada
Oração Projetante	

No quadro 7, observa-se que a escolha do processo mental **quisiera** confere o papel de Experienciadora de um desejo a Inés, no momento em que relata a morte de Pedro de Valdívia. A experiência desiderativa de Inés é detalhada na oração projetada onde é representada como Experienciadora do processo cognitivo **creer**.

Na tradução, a voz narrativa também se representa como uma experienciadora de um desejo explicitado na oração projetada. Assim, observa-se uma mudança *intra sistema*, pois embora em português também exista o verbo *querer*, optou-se pelo verbo *gostar* mantendo-se, porém, a Equivalência Ideacional.

O quadro (8) mostra uma equivalência Ideacional no processo **creer/achar**.

Quadro 8: Equivalência Ideacional: **creer/achar**

Creo	que será el amanecer para siempre...
P.Mental + Experienciadora (Eclipse)	Oração projetada
Oração Projetante	
Acho	que será manhã para sempre..
P. Mental + Experienciadora (eclipse)	Oração Projetada
Oração Projetante	

Inés como narradora representa a si mesma como Experienciadora de uma crença em função da presença do processo mental **creer**. O conteúdo dessa experiência subjetiva é especificado na oração Projetada (quadro 8).

Na tradução, a escolha do processo mental *achar* no lugar de **creer** revela uma mudança *intra sistema* que não provoca mudança ideacional na representação de Inés como uma Experienciadora de uma crença. Na oração Projetada a representação do conteúdo da experiência da consciência de Inés também é mantida.

No quadro 9 há um exemplo de Equivalência Ideacional com os verbos **ver/ver**.

Quadro 9: Equivalência Ideacional: **ver/ver**

desde allí	vi	a Pedro	y el alma me dio un brinco de amor y tristeza y fatiga.
Circunstâncias	P. Mental + Experienciadora (eclipse)	Fenômeno	Oração Expandida
Oração			
dali	<i>vi</i>	Pedro,	e minha alma teve um sobressalto de amor e tristeza e cansaço
Circunstâncias	P. Mental + Experienciadora (eclipse)	Fenômeno	Oração Expandida
Oração			

A voz narrativa se representa como Experienciadora de uma percepção por meio do processo mental perceptivo (**vi**), cujo Fenômeno (*a Pedro*) desencadeia uma reação em seu coração (Oração Expandida) (quadro 9). A experiência perceptiva está circunscrita a um determinado local representado pelo recurso linguístico “desde allí”.

No texto traduzido, a voz narrativa mantém a mesma representação Ideacional de si mesma, isto é, a de uma Experienciadora de percepção do Fenômeno (*Pedro*). A mudança de *unidade* da preposição “a”, que no português não é utilizada, não altera a Representação Ideacional da Experienciadora.

O quadro 10 ilustra uma Equivalência Ideacional com mudança *de estrutura*.

Quadro 10: Equivalência Ideacional: **comprobar**/comprovar

Comprobaréis,	señora,	que los conquistadores carecen de vergüenza
P. Mental	Experienciadora	Oração projetada
A senhora	<i>comprovará</i>	que os conquistadores carecem de vergonha
Experienciadora	P. Mental	Oração Projetada

O quadro 10 mostra que a mudança de estrutura na inversão do processo (Comprobaréis) e do Participante (señora) no TA não interfere na representação de Inés como Experienciadora.

Na próxima seção as mudanças Ideacionais serão analisadas e exemplificadas.

5.5 Mudanças Ideacionais com processos Verbais

A análise dos dados aponta algumas Mudanças Ideacionais que ocorreram no TA localizadas, na maior parte das vezes em elementos distintos do Processo/Participante.

Abaixo, seguem alguns exemplos dessas mudanças e suas correspondentes análises.

No quadro 11, a presença do processo verbal **dije** no TF, mostra a representação de Inés como Dizente (desinência verbal) de uma fala (Citação) a seu Receptor Rodrigo (*le*). O conteúdo da fala é um questionamento das atitudes de Francisco Aguirre que havia cometido uma série de matanças a mando de Pedro. É, portanto, um questionamento indireto a Pedro.

No texto traduzido houve uma mudança Ideacional, pois o Receptor não foi representado e Inés como Dizente foi representada na léxico-gramática pelo pronome *eu*. Com essa representação, a Dizente é posta em relevo, enquanto que o Receptor é apagado. Apesar de o Receptor facilmente ser recuperado pelo contexto, essa representação apresenta uma lacuna linguística além de dar destaque maior à Dizente que foi representada na léxico-gramática.

Quadro 11: Mudança Ideacional de Receptor por Dizente

— Si la guerra es la guerra, también podemos justificar las matanzas de Francisco de Aguirre en el norte —	le	dije
Oração Projetada (Citação)	Receptor	P. verbal+ Dizente (elipse)
	Oração Projetante	
— Se a guerra é a guerra, também podemos justificar as matanças de Francisco de Aguirre no norte —	eu	disse
Oração Projetada (Citação)	Dizente	P.verbal
	Oração Projetante	

No quadro 12 Inés é representada ideacionalmente como Dizente de um assunto (Verbiagem) dirigido a *Pedro*, o Receptor de seu dizer.

Quadro 12: Mudança Ideacional na Verbiagem

Quando se	lo	dije	a Pedro	me hizo callar, temblando de indignación, pues le parecía imposible que un cristiano cometiera semejante infamia; entonces debí recordarle que, gracias a mí, él comía un poco mejor que los demás en la colonia, y por lo mismo debía callarse.
Circ. Tempo+ Receptor	Verbiagem	P. verbal+ Dizente (elipse)	Repetição de Receptor	Expansões
Quando		<i>contei</i>	a Pedro	ele me calou, tremendo de indignação, pois lhe parecia impossível que um cristão cometesse semelhante infâmia, então lhe recordei que graças a mim ele comia melhor que alguns da colônia, e por isso mesmo devia se calar.
Circ. Tempo	Omissão	P. verbal + Dizente (elipse)	Receptor	Expansões

O conteúdo da fala é representado de forma sintetizada pela Verbiagem (*lo*), retomando algo que já estava sendo abordado por eles, isto é, o fato dos espanhóis, assim como os indígenas, também comerem carne humana.

O quadro 12 apresenta várias expansões que revelam a atitude de Pedro em relação ao que Inés havia lhe contado. Nessa representação, ele é representado como Dizente de uma ordem (**hizo callar**) e Inés como Receptora (*me*) dessa ordem. No entanto, a palavra final cabe a ela, em função dela ter se representado

como uma Dizente que diz a Pedro que é ele quem deve se calar (Receptor, verificado no uso da partícula “se” e do processo verbal **callar** .

Na tradução, alguns aspectos ideacionais na representação da Dizente e do Receptor foram mantidos, a omissão ocorreu na Verbiagem, no assunto que estava sendo objeto de diálogo. Com essa escolha tradutória, destacam-se os participantes em detrimento do assunto (Verbiagem), favorecendo a imagem ideacional dos papéis semânticos de Dizentes e Receptores que são alternados entre Inés e Pedro.

O quadro 13 apresenta uma das poucas ocasiões que houve mudança no Processo.

Quadro 13: Mudança Ideacional: **advertir**/olhar

Os	advierito	,padre,	que no me iré de Chile, porque yo lo conquisté y lo fundé
Receptor	P. Verbal + Dizente (elipse)	Repetição de Receptor	Oração Projetada
Oração Projetante			
<i>Olhe,</i>	padre,	[Inés] não vou embora do Chile, porque eu o conquistei e o construí.	
P. Mental	Experienciador	Oração Projetada	
Oração Projetante			

No quadro 13, a oração original mostra a representação de Inés no papel de Dizente em um diálogo com o padre Marmolejo, o Receptor de sua fala (*os/padre*). A escolha da narradora pelo processo *advertir* destaca a determinação de Inés em ficar no Chile, não aceitando outra possibilidade.

Já na tradução, a voz narrativa destaca o padre cujo papel passa a ser o de um Experienciador devido à presença do verbo *olhar* com sentido de *saber*. É o padre que deve estar ciente das intenções de Inés, o qual não é apenas um Receptor de sua fala como ocorreu no original, mas alguém que tem que se conscientizar dessa decisão.

Outra mudança Ideacional identificada ocorre no conteúdo da fala da Dizente representado na projeção de relato, como se vê no quadro 14.

Quadro 14: Mudança Ideacional de Verbiagem por Circunstância

No sé cómo son tus relaciones íntimas con tu marido,	pero si tienes quejas,	te [Isabel]	aconsejo	que hablemos <u>del tema</u> ,	porque después de mi muerte no tendrás con quién hacerlo.
Oração	Expansão	Receptor	P. verbal + Dizente (elipse)	Projeção relato	Expansão
		Oração Projetante			
Não sei como são suas relações íntimas com seu marido,	mas se tem queixas,	aconselho-	a [Isabel]	a <i>falamos</i> <u>agora</u> ,	porque depois de minha morte não terá com quem fazê-lo.
Oração	Expansão	P. verbal+ Dizente (elipse)	Receptor	Projeção relato	Expansão
		Oração Projetante			

Na Projeção de Relato do quadro 14, a Dizente (narradora Inés) e a Receptora (Isabel) são representadas por meio da desinência verbal (**hablemos**), bem como a síntese do conteúdo da fala mediante a Verbiagem (*del tema*).

A Verbiagem retoma o assunto que estava sendo proposto pela Dizente (Inés) representado na oração principal que diz respeito às relações íntimas de Isabel com seu marido. A Projeção de relato presente na oração com o processo verbal **aconsejo** revela a representação de uma Dizente que foge aos padrões femininos da época colonial porque esse tipo de abordagem não seria apropriado às mulheres, pois “ falar de sexo é, nessa época (século XVII), objeto de profunda repressão” (PERROT, 2009, p. 55).

Na tradução, também foram representadas a Dizente e a Receptora através da desinência verbal (*falamos*), mas a Verbiagem foi omitida e substituída por uma Circunstância de tempo (*agora*). Com essa mudança, nota-se que no texto original ocorre uma ênfase na representação Ideacional do conteúdo da fala entre Inés e Isabel (*del tema*), já na tradução, a representação enfatiza uma urgência, ou seja, o momento presente (*agora*) para que Inés e Isabel possam falar.

No quadro 15, logo abaixo, a narradora escolhe um processo verbal para se representar como Dizente e como Receptora de sua fala.

Quadro 15: Mudança Ideacional na Circunstância

Me	he preguntado	a veces	si fui responsable de las acciones de Sebastián Romero,
Dizente e Receptora	P. Verbal	Circunstância	Projeção de relato
Muitas vezes	me	<i>preguntei</i>	se fui responsável pelas ações de Sebastián Romero,
Circunstância	Dizente e Receptora	P. Verbal	Projeção de relato

No quadro 15, a análise do sistema de transitividade identifica que no TF, a representação ideacional de Inés no papel de Dizente e Receptora da própria fala devido à presença do pronome *me* associado ao processo verbal (*me he preguntado*). A Circunstância de extensão (*a veces*) estabelece uma extensão de tempo pequeno, algumas vezes ela se pergunta sobre a responsabilidade dela em relação às ações de Sebastián Romero que segundo contexto desta passagem era um marinheiro que a assediava durante o trajeto para terras americanas.

A análise dos elementos de transitividade aponta que no TA Inés também é representada como Dizente e Receptora como se pode observar na presença do pronome (*me*) e do processo (*preguntei*). Contudo, a Circunstância embora também de extensão (*muitas vezes*) amplia a extensão de tempo.

Sendo assim, a mudança da circunstância altera a experiência ficcional da fala de Inés no TA, desde que esta experiência passa a ser realizada repetidamente e não somente algumas vezes como ocorre no TF.

5.6 Mudanças Ideacionais com processos Mentais

Assim como os processos Verbais, a análise dos processos Mentais mostrou algumas mudanças Ideacionais na representação de Inés, que alteram sua subjetividade em relação ao tempo, à intensidade, ao Fenômeno experienciado por ela, dentre outros.

No quadro 16 é apresentada uma Mudança Ideacional de Inés.

Quadro 16: Mudança Ideacional na Circunstância

Buscad outra lavadera	porque no	os	quiero	en mi casa	
Oração principal	Causa+ Polaridade negativa	Fenômeno	P. Mental + Experienciadora (elipse)	Circunstância	
Oração Expandida					
Arrume outra lavadeira	Porque não	o	<i>quero</i>	mais	em minha casa
Oração Principal	Causa+ Polaridade negativa	Fenômeno	P. Mental + Experienciadora (elipse)	Circunstância	Circunstância
Oração Expandida					

No exemplo do quadro 16, a narradora representa na oração principal, o alferes Núñez como Ator elíptico (processo material **buscad**) que deverá atingir a meta (*otra lavadera*). Na oração expandida, explica-se o motivo dela determinar que encontre outra lavadeira, pois ela não deseja continuar a ser sua lavadeira devido às constantes investidas do alferes.

Na oração expandida, a voz narrativa opta pela representação de si mesma como Experienciadora do desejo negativo (polaridade negativa *no* + **quiero**) em relação ao alferes Núñez que tentava beijá-la. Nessa oração, Nuñez passa a ser representado como Fenômeno desse não querer através da partícula (*os*). A Circunstância de local (*en mi casa*) desempenha um papel semântico importante na representação da experiência subjetiva de Inés, ao determinar o espaço onde Núñez não é desejado pela Experienciadora.

Na tradução, a representação de Núñez como Ator é mantida na oração principal. Também na oração expandida são mantidas as representações de Inés como Experienciadora (elipse), de Núñez como Fenômeno (*os*) e a Circunstância de local (em minha casa). Contudo, foi acrescentada uma Circunstância de intensidade (*mais*), agregando maior veemência à experiência subjetiva de Inés em não querer Núñez em sua casa.

O acréscimo da Circunstância provoca uma Mudança Ideacional na intensidade do que foi experienciado subjetivamente por Inés. Com essa Circunstância, cria-se uma ênfase maior do desejo de Inés não querer mais o alferes Núñez em sua casa.

Segue a mudança Ideacional de um processo Mental por um processo relacional no quadro 17.

Quadro 17: Mudança Ideacional: **temer/ter**

(...) la ostentación es muy mal vista en este reino, y	me	temo	que el coche que me regaló Rodrigo peca de vistoso.
Oração	Experienciadora	P. Mental	Projeção
(...) a ostentação é muito mal vista nesse reino, e	<i>tenho</i>	medo	que a carruagem que Rodrigo me deu peque por vistosa.
Oração	Portadora (eclipse) + Processo Relacional	Atributo	Expansão

No quadro 17, Inés se representa como Experienciadora (*me*) de um temor diante de sua comunidade, utilizando-se de um processo Mental Emotivo (**temer**) cujo conteúdo é explicitado na Projeção de Ideia iniciada pelo pronome relativo “que”. A experiência de Inés nessa autorrepresentação é quanto ao temor que a localidade onde mora não aprove um presente que poderia ser considerado ostentação caso ela o aceite.

Na tradução, a voz narrativa opta por outro tipo de processo que a representa como uma Portadora e não Experienciadora devido à presença do processo Relacional atributivo *ter*. Nessa representação, a Projeção é modificada por uma Expansão cujo conteúdo é o mesmo.

É importante salientar que, apesar de ter havido uma Mudança Ideacional, manteve-se uma equivalência tradutória entre os textos. Na tradução, a experiência de temor que Inés sente construída por um processo Mental, foi reconstruída no TA por um processo relacional que representa Inés como Portadora do mesmo medo, ou seja do medo/temor de ser criticada e considerada exibicionista pelos seus conterrâneos.

Isso foi possível porque a transitividade é um sistema indeterminado (HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2014) como exposto na seção do referencial teórico, o que quer dizer que uma mesma experiência pode ser representada por tipos de processos diferentes.

O quadro 18 indica uma mudança no Fenômeno.

Quadro 18: Mudança Ideacional no Fenômeno

Marina tiene algunos años menos que yo,	pero comparada	a ella	me	siento	um pimpollo;	se ha convertido en una beata escrupulosa y fea, y que Dios me perdone la mala lengua.
Oração Principal	Variação +P. Relacional + Portador (elipse)	Atributo	Experienciadora [Inés]	P. Mental	Fenômeno	Oração Expandida
Oração Expandida						
Marina tem alguns anos menos que eu,	mas comparada	a ella	me	<i>sinto</i>	uma criança;	se transformou numa beata escrupulosa e feia, e que Deus me perdoe a má língua.
Oração Principal	Variação +P. Relacional + Portador (elipse)	Atributo	Experienciadora [Inés]	P. Mental	Fenômeno	Oração Expandida

No quadro 18, Inés se representa como Experienciadora (*me*) do Fenômeno (*un pimpollo*) por meio de um processo mental afetivo (**siento**) em uma oração expandida. O sentido do Fenômeno *pimpollo* experienciado por Inés remete ao sentimento de juventude e beleza, pois uma das acepções de *pimpollo*, segundo o dicionário da Real Academia Espanhola, é “criança ou jovem que se distingue pela sua beleza”. Além disso, a representação de Marina como *Portadora* do *Atributo algunos años menos que yo* (contrastando com a juventude que Inés sente) e como *Meta* (*em una beata escrupulosa y fea*) (um contraste com a beleza sentida por Inés) reforçam a representação de Inés como Experienciadora do sentimento de juventude e beleza que *pimpollo* remete.

É interessante notar, que a mudança Ideacional do Fenômeno experienciado por Inés na tradução é bastante sutil, uma vez que essa mudança ocorre no uso do léxico *criança*²² no lugar de *pimpollo*, onde o aspecto juvenil de Inés é mantido, mas não o de beleza, que se perde na tradução. Uma possível opção para manter a equivalência do Fenômeno foco do sentimento de Inés, poderia ter sido *uma bela jovem*, que garantiria a beleza e juventude do TF.

²² Mesmo se tivesse sido usado léxico *pimpollo* que existe em português, a definição deste termo segundo dicionário Aurélio e Houaiss remete apenas a criança, mas não a beleza.

O quadro 19 ilustra uma mudança de Circunstância.

Quadro 19: Mudança Ideacional na Circunstância

Esperé	mucho rato,	hasta	que se calmaron mis nervios
Experienciadora (eclipse) + P. Mental	Circunstância	Circunstância	Oração Projetada
<i>Esperei</i>	um pouco,	até	que meus nervos se acalmaram
Experienciadora (eclipse) + P. Mental	Circunstância	Circunstância	Oração Projetada

No quadro 19 Inés se representa como Experienciadora que não toma nenhuma decisão até tudo se normalizar (**esperé**). Duas Circunstâncias circunscrevem a experiência de Inés quanto à extensão e ao tempo. A circunstância de extensão (*mucho rato*) situa essa experiência quanto quantidade de tempo que ela espera, especificando que necessitou de um longo período para se acalmar. Nessa representação, Inés é a imagem de alguém que tem experiências intensas de raiva. Já a Circunstância de tempo (*até*) determina o limite de tempo que a situação durou.

Na tradução, a voz narrativa também se representa como uma Experienciadora do processo *esperar*. Contudo, embora as escolhas do tradutor também tenham sido as Circunstâncias de intensidade e de tempo, o significado de uma delas foi alterado. A circunstância de tempo (*mucho rato*) foi traduzida por *um pouco*, indicando um tempo bem mais curto de espera para dominar sua cólera. A representação ideacional de Inéz passou a ser a de uma pessoa capaz de frear sua cólera mais rapidamente do que ocorre no TF.

Na próxima seção, seguem os resultados e discussão dos dados.

6.0 RESULTADOS E DISCUSSÃO DOS PROCESSOS VERBAIS E MENTAIS

Nesta etapa, foram organizadas as tabelas (2) e (3) com o número de ocorrências dos processos verbais e mentais utilizados pela voz narrativa.

A tabela 2 apresenta o total de ocorrências dos processos Verbais.

Tabela 2: Total dos Processos Verbais *a prima facie* no TF e no TA

Total de processos verbais		
Processos	es	pt
Decir /dizer	244	239
Contar/contar	149	135
Hablar/falar	94	113
Preguntar/perguntar	65	66
Ordenar/ordenar	50	48
Explicar/explicar	48	46
Pedir/pedir	44	55
Anunciar/anunciar	43	41
Asegurar/asegurar	43	13
Advertir/advertir	32	20
Rogar/rogar	25	20
Confesar/confessar	22	22
Replicar/replicar	21	11
Repetir/repetir	20	19
Insistir/insistir	19	19
Acusar/acusar	19	19
Prometer/prometer	18	17
Mencionar/mencionar	15	14
Responder/responder	15	33
Comentar/comentar	15	12
Exclamar/exclamar	13	12
Sugerir/sugerir	12	11
Sostener/sustentar	10	0
Admitir/admitir	9	9
Manifestar/manifestar	8	4
Exigir/exigir	8	9
Contestar/responder	8	8
Discutir/discutir	7	7
Opinar/opinar	7	7
Relatar/relatar	7	7
Suspirar/suspirar	5	5
TOTAL	938	886

Fonte: autoria própria

A tabela 2 mostra o uso de 31 formas verbais na representação Ideacional de Inés. Desses dados, observa-se que as experiências ficcionais de fala de Inés são bem diversificadas, sendo usados em maior quantidade processos de semiose (eg. **decir/dizer**, **ordenar/ordenar**, **relatar/relatar**, **anunciar/anunciar**) que de atividade (eg. **hablar/falar**).

À primeira vista, os dados da tabela 2 mostram um número de ocorrências de processos verbais bem semelhantes entre o texto de partida e o de chegada. Resultado que parece indicar um alto índice de equivalências Ideacionais, pelo menos em relação ao papel de Dizente.

Entretanto, a análise dos dados poderia revelar algumas ocorrências de Mudanças Ideacionais, pois o total de processos verbais no texto original é mais alto do que no texto traduzido, havendo uma diferença de 62 ocorrências. Além disso, há uma diferença entre **pedir** em espanhol e *pedir* em português que conta respectivamente com 44 ocorrências no TF 55 no TA.

Embora os dados tenham apontado para uma possível mudança Ideacional, a verificação mais pormenorizada de todos os equivalentes tradutórios utilizados no TA e dos elementos de transitividade revelou que, geralmente, as mudanças não ocorreram nos Processos, mas em outro elemento da transitividade.

Os processos Mentais foram organizados na tabela 3:

Tabela 3: Total de Processos Mentais a *prima facie* no TF e no TA

Total de processos Mentais		
Processos	es	pt
Ver/ver	250	242
Saber/saber	194	203
Querer/querer	105	113
Creer/crer	94	2
Pensar/pensar	84	109
Sentir/sentir	80	81
Conocer/conhecer	88	91
Desejar/desejar	78	82
Esperar/esperar	77	82
Suponer/supor	62	44
Recordar/recordar	56	3
Decidir/decidir	52	52
Amar/amar	40	44
Comprender/compreende	46	46
Temer/temer	49	44
Imaginar/imaginar	42	44
Aprender/aprender	35	35
Pretender/pretender	34	33
Olvidar/esquecer	34	34
Acordar/lembrar	34	65
Necesitar/necessitar	33	26
Descubrir/descobrir	33	38
Preferir/preferir	31	29
Entender/entender	28	33
Gustar/gostar	24	28
Calcular/calcular	22	21
Aceptar/aceitar	20	21
Observar/observar	20	22
Sospechar/suspeitar	20	21
Merecer/merecer	19	19
Comprobar/comprovar	18	20
Adivinar/adivinhar	18	15
Interesar/interessar	17	17
Enterar/inteirar	16	12
Considerar/considerar	16	16
Dudar/duvidar	15	12
Convenir/convir	14	14
Importar/importar	12	12
Notar/notar	10	13
Lamentar/lamentar	10	9
Ignorar/ignorar	8	9
Concluir/concluir	7	7
Detestar/detestar	6	6
TOTAL	1951	1869

Fonte: autoria própria

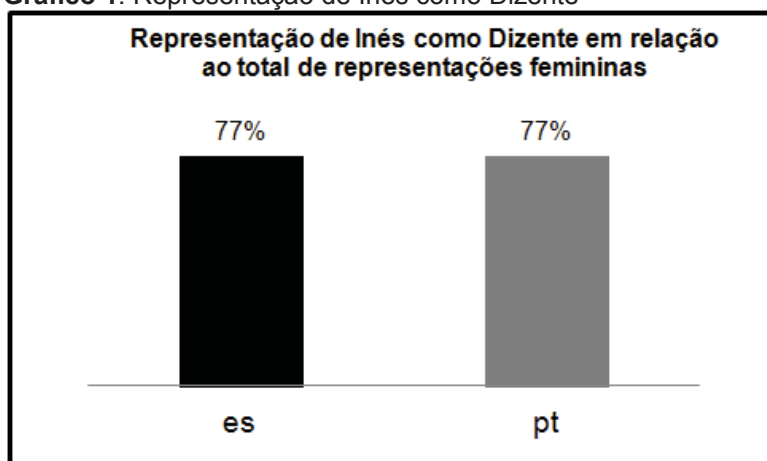
É visível a preferência por uma representação Ideacional de Inés mais diversifica ainda do que ocorreu com orações verbais. Foram 43 formas verbais utilizadas na representação das experiências da consciência de Inés, conforme se vê na tabela 3. Utilizaram-se os quatro tipos de processos: cognitivos (eg. **saber/saber**, **creer/crer**, **conocer/conhecer**, **calcular/calcular**); desiderativos (eg. **desejar/desejar**, **esperar/esperar**, **querer/querer**); emotivos (eg. **sentir/sentir**, **gustar/gostar**, **amar/amar**); perceptivos (eg. **ver/ver**, **notar/notar**, **observar/observar**)

De modo semelhante como ocorreu com os processos verbais, os mentais foram selecionados a *prima facie* da lista de palavras como se pode observar na tabela 3. Com esta lista foi possível identificar, sem um exame mais pormenorizado, os tipos de processos mentais que podem ter sido usados pela voz narrativa para se representar no papel de Experienciadora.

Na tabela 3, observa-se que, via de regra, o número dos processos Mentais foi semelhante no texto de partida e no texto de chegada, com exceção das formas verbais **creer/crer** (94/2), **pensar/pensar** (84/109), **suponer/supor** (62/44), **recordar/recordar** (56/3), **acordar/lembrar** (34/65). Isso leva a crer que o padrão nas escolhas do tradutor para os processos mentais manteve-se semelhante ao dos processos verbais, isto é, foi o da equivalência Ideacional, excluindo-se os processos citados que foram analisados com maior atenção indicando a existência de outros equivalentes tradutórios.

6.1 Uso dos processos Verbais e Mentais na representação Ideacional de Inés

Como mencionado na metodologia, a voz narrativa de Inés opta por se representar como Dizente e como Experienciadora em número bastante elevado se comparado ao total de representações femininas observáveis nos gráficos 1 e 2.

Gráfico 1: Representação de Inés como Dizente

Fonte: autoria própria

Do gráfico 1, verifica-se que Inés obteve uma média de 77% do total das representações femininas, algo esperado pelo fato de ser um romance narrado em primeira pessoa. O índice elevado de processos verbais vinculados à própria narradora contribui à perspectiva autobiográfica em que o romance é escrito.

Os resultados do gráfico1 parecem ser compatíveis com certos estudos literários que descrevem Inés como a representação das mulheres que buscam ter voz no mundo (VERAS; SANTOS, 2012). Com efeito, é Inés, na condição de narradora, que representa outros personagens no papel de Dizentes, mas, sobretudo, a si mesma, como ocorre em uma narrativa autobiográfica.

A escolha pelos processos Mentais na representação da narradora Inés em relação a outras experienciadoras foi mais elevada do que ocorreu com os Verbais.

Veja-se o gráfico 2.

Gráfico 2: Representação de Inés como Experienciadora

Fonte: autoria própria

A média dos processos Mentais usados na representação de Inés foi de 89% do total de Experienciadoras femininas tanto no TF como no TA, enquanto que nos Verbais foi de 77%. Assim, há um número maior de experiências mentais da narradora do que as da fala, mas que de certa forma estão relacionadas, visto que são processos cujas fronteiras são tênues segundo a GSF de Halliday e Matthiessen (2014).

A preferência dos processos Mentais na representação Inés contribui, assim como dos Verbais, com o ponto de vista autobiográfico do romance, estilo de escrita adotado na narrativa. É a partir da visão da narradora e protagonista que os fatos são desencadeados, sobretudo, por meio da memória que é usada como recurso narrativo, que pode ser exemplificado na fala de Inés ao dizer: “Começamos pelo princípio, por minhas lembranças” (ALLENDE, 2007, p. 15).

Enfim, ao se representar como Experienciadora a narradora evidencia o seu ponto de vista em relação aos fatos e quais experiências de sua vida são significativas na trama da história.

Quanto à representação Ideacional de Inés como Dizente, seguem os resultados nas tabelas 4 e 5 a seguir:

Tabela 4: Representação Ideacional de Inés como Dizente

Processos Verbais com seus equivalentes tradutórios	Total de ocorrências de Inés como Dizente (100%)		Inés+Receptor				Inés+Circunstância				Inés+Verbiagem				Inés + Projeção			
	tokens		tokens				tokens				tokens				tokens			
	es	pt	es	%	pt	%	es	%	pt	%	es	%	pt	%	es	%	pt	%
Decir/dizer(47)/contar(1)/ falar(1)	50	49	23	46%	19	39%	8	16%	7	14%	14	28%	10	20%	36	72%	36	73%
Preguntar/perguntar	26	26	23	88%	23	88%	9	35%	9	35%	5	19%	4	15%	21	81%	21	81%
Hablar/falar(18)/anunciar (1)	19	19	15	79%	15	79%	5	26%	6	32%	5	26%	4	21%	-	0%	-	0%
Contar/contar	19	19	10	53%	10	53%	6	32%	6	32%	14	74%	12	63%	5	26%	5	26%
Explicar/explicar	11	11	8	73%	4	36%	4	36%	4	36%	2	18%	2	18%	9	82%	9	82%
Pedir/pedir (9)/interceder(1)	10	10	8	80%	7	70%	1	10%	1	10%	6	60%	5	50%	4	40%	4	40%
Rogar/rogar(9)/pedir(1)	10	10	10	100%	7	70%	1	10%	1	10%	4	40%	4	40%	6	60%	6	60%
Anunciar/anunciar	6	6	5	83%	3	50%	4	67%	4	67%	1	17%	1	17%	5	83%	5	83%
Advertir/advertir (3)/avisar(1)	6	4	6	100%	3	75%	3	50%	3	75%	1	17%	1	25%	5	83%	3	75%
Asegurar/garantir (5)/afirmar(1)	6	6	4	67%	3	50%	-	0%	-	0%	-	0%	-	0%	6	100%	6	100%
Confesar/confessar	6	6	3	50%	3	50%	-	0%	-	0%	1	17%	1	17%	4	67%	4	67%
Ordenar/ordenar	5	5	3	60%	3	60%	1	20%	1	20%	-	0%	-	0%	5	100%	5	100%
Replicar/replicar(3) responder (2)	5	5	-	0%	-	0%	1	20%	1	20%	-	0%	-	0%	5	100%	5	100%
Mencionar/mencionar	5	5	-	0%	-	0%	2	40%	2	40%	5	100%	5	100%	-	0%	-	0%
Exclamar/exclamar	4	3	-	0%	-	0%	2	50%	2	50%	-	0%	-	0%	4	100%	3	100%
Contestar/responder	4	4	4	100%	3	75%	1	25%	1	25%	1	25%	1	25%	3	75%	3	75%
Relatar/relatar (3)/falar(1)	4	4	-	0%	-	0%	1	25%	1	25%	4	100%	4	100%	-	0%	-	0%
Repetir/repetir	4	3	1	25%	-	0%	-	0%	-	0%	4	100%	3	100%	-	0%	-	0%
Prometer/prometer	3	3	3	100%	3	100%	-	0%	-	0%	-	0%	-	0%	3	100%	3	100%
Comentar/comentar	3	3	2	67%	2	67%	1	33%	1	33%	2	67%	1	33%	1	33%	1	33%
Sugerir/sugerir	3	3	1	33%	-	0%	1	33%	1	33%	-	0%	-	0%	3	100%	3	100%
Admitir/admitir	3	3	-	0%	-	0%	1	33%	1	33%	-	0%	-	0%	3	100%	3	100%
Insistir/insistir	2	2	-	0%	-	0%	1	50%	1	50%	-	0%	-	0%	1	50%	1	50%
Responder/responder	2	2	-	0%	-	0%	1	50%	1	50%	-	0%	-	0%	1	50%	1	50%
Sostener/afirmar	2	2	-	0%	-	0%	-	0%	-	0%	1	50%	1	50%	1	50%	1	50%
Exigir/exigir	2	2	2	100%	1	50%	1	50%	1	50%	-	0%	-	0%	1	50%	1	50%
Discutir/discutir	2	2	2	100%	2	100%	1	50%	1	50%	-	0%	-	0%	-	0%	-	0%
Manifestar/falar (1)	1	1	1	100%	1	100%	-	0%	0	0%	1	100%	1	100%	-	0%	-	0%
Opinar/opinar	1	1	-	0%	-	0%	-	0%	0	0%	1	100%	1	100%	-	0%	-	0%
Suspirar/suspirar	1	1	-	0%	-	0%	-	0%	0	0%	-	0%	-	0%	1	100%	1	100%
Acusar/acusar	0	0	-	0%	-	0%	-	0%	0	0%	-	0%	-	0%	-	0%	-	0%
TOTAL	225	220	134	60%	112	50%	56	25%	56	25%	72	32%	61	27%	133	59%	130	59%

Fonte: autoria própria

Os dados da tabela 4 revelam que, de um total de 225 ocorrências em que a voz narrativa se representou como Dizente no TF e de 220 no TA, a presença de um Receptor representado linguisticamente ocorreu em 60% dos casos no TF e 50% no TA. Isso mostra um alto grau de *dinamismo dialógico* em relação à representação de Inés como Dizente, ocupando a metade no TF ou um pouco mais no TA.

Nota-se que a equivalência tradutória dos Processos é significativa, mantendo-se algumas das formas verbais selecionadas a *prima facie* pela *word list*,

tais como **contar/contar**, **anunciar/anunciar**, **contestar/responder**, dentre outros. Contudo, em outras ocasiões o tradutor optou por diferentes equivalentes tradutórios, como em **decir/dizer/contar/falar**, **rogar/rogar/pedir** ou **replicar/replicar/responder**.

Outra questão verificada em boa parte dos Processos Verbais foi o baixo índice de Circunstâncias. Essa escolha demonstra desinteresse da narradora em caracterizar a fala em relação ao tempo, ao local ao modo ou a outra característica quando representa a si mesma no papel de Dizente. Porém, a presença de Circunstâncias acompanhou nove processos, dentre os quais: **anunciar/anunciar**, **advertir/advertir**, **exclamar/exclamar**, **contestar/responder**, **insistir/insistir**, **responder/responder**, **exigir/exigir**, **discutir/discutir**.

No que diz respeito ao conteúdo da fala de Inés, as orações com Projeção de Relato ou de Citação foi constatada em grande número de processos. Já os verbos acompanhados de Verbiagens, foram principalmente os processos: **opinar/opinar** (100% e 100%); **contar/contar** (74% e 63%); **pedir/pedir** (60% e 50%); de **hablar/falar** (26% e 21%), dentre outros.

As projeções de locução utilizadas pela voz narrativa compõem o *eixo narrativo* onde a narradora apresenta eventos de fala de outrem (Citação) ou a interpretação pessoal de eventos já ocorridos (Relato), contribuindo com o ponto de vista pessoal da narrativa. Já a *Verbiagem* é utilizada para representar o conteúdo do dizer de forma sintetizada.

A tabela 5 mostra a representação Ideacional de Inés como Experienciadora revelando a diversidade de experiências ficcionais no âmbito da consciência.

Tabela 5: Representação Ideacional de Inés como Experienciadora

Processos Mentais com todos os equivalentes tradutórios	Inés como experienciadora (100%)		Inés + Fenômeno				Inés + Circunstâncias				Inés + Projeção (Citação/Relato)			
	tokens		tokens				tokens				tokens			
	es	pt	es	%	pt	%	es	%	pt	%	es	%	pt	%
Saber/Saber(80)/ver(1)	82	81	22	27%	21	26%	17	21%	17	21%	60	73%	60	74%
Creer/Achar(30)/acreditar(9) pensar(4) Crer(1)	44	44	8	18%	5	11%	6	14%	6	14%	36	82%	36	82%
Ver/ver(39)/observar(1)	40	40	32	80%	32	80%	17	43%	17	43%	8	20%	8	20%
Pensar/pensar	40	40	19	48%	16	40%	14	35%	14	35%	21	52%	21	52%
Recordar/lembrar	31	31	14	45%	14	45%	8	26%	8	26%	17	55%	17	55%
Suponer/supor	30	30	1	3%	1	3%	1	3%	1	3%	29	97%	29	97%
Sentir/sentir	25	25	21	84%	21	84%	13	52%	13	52%	4	16%	4	16%
Querer/querer(19)/gostar(3)	22	22	6	27%	6	27%	4	18%	2	9%	16	73%	16	73%
Desear/desejar	20	20	7	35%	7	35%	2	10%	2	10%	13	65%	13	65%
Imaginar/imaginar	18	18	8	45%	8	45%	1	6%	1	6%	10	55%	10	55%
Olvidar/esquecer	18	18	17	94%	16	89%	-	0%	-	0%	1	6%	1	6%
Amar/amar	18	18	18	100%	18	100%	9	50%	9	50%	-	0%	-	0%
Comprender/Compreender	17	17	1	6%	1	6%	2	12%	2	12%	16	94%	16	94%
Temer/temer	17	16	4	24%	4	25%	1	6%	1	6%	13	76%	12	75%
Conocer/Conhecer	15	15	15	100%	15	100%	6	40%	6	40%	-	0%	-	0%
Decidir/decidir(13)/pensar(1)	14	14	-	0%	-	0%	1	7%	1	7%	14	100%	14	100%
Comprobar/comprovar	14	14	3	21%	3	21%	2	14%	2	14%	11	79%	11	79%
Aprender/aprender	12	12	4	33%	4	33%	-	0%	-	0%	8	67%	8	67%
Preferir/preferir	12	12	1	8%	1	8%	-	0%	-	0%	11	92%	11	92%
Sospechar/suspeitar	11	11	1	9%	1	9%	2	18%	2	18%	10	91%	10	91%
Gustar/gostar	11	11	6	55%	6	55%	2	18%	2	18%	5	45%	5	45%
Pretender/pretender	9	9	-	0%	-	0%	-	0%	-	0%	9	100%	9	100%
Enterar/inteirar(5)/saber(3)	8	8	3	38%	3	38%	3	38%	3	38%	5	62%	5	62%
Observar/observar	8	8	8	100%	8	100%	6	75%	6	75%	-	0%	-	0%
Entender/entender	7	7	6	86%	6	86%	-	0%	-	0%	1	14%	1	14%
Descubrir/descobrir	7	7	6	86%	6	86%	1	14%	1	14%	1	14%	1	14%
Necesitar/necesitar(5)/ precisar(1)	6	6	5	83%	4	67%	1	17%	1	17%	1	17%	1	17%
Acordar/lembrar	5	5	5	100%	5	100%	2	40%	2	40%	-	0%	-	0%
Calcular/calcular	5	5	3	60%	3	60%	-	0%	-	0%	2	40%	2	40%
Adivinar/adivinhar	5	5	5	100%	5	100%	-	0%	-	0%	-	0%	-	0%
Dudar/duvidar	4	4	2	50%	2	50%	-	0%	-	0%	2	50%	2	50%
Esperar/esperar	4	4	-	0%	-	0%	1	25%	1	25%	4	100%	4	100%
Concluir/concluir	4	4	-	0%	-	0%	-	0%	-	0%	4	100%	4	100%
Lamentar/lamentar	4	4	1	25%	1	25%	-	0%	-	0%	3	75%	3	75%
Considerar/considerar	3	3	2	67%	2	67%	-	0%	-	0%	1	33%	1	33%
Interesar/interessar	3	3	2	67%	2	67%	1	33%	1	33%	1	33%	1	33%
Aceptar/aceitar	3	3	3	100%	3	100%	-	0%	-	0%	-	0%	-	0%
Convenir/convir	3	3	-	0%	1	33%	-	0%	-	0%	3	100%	2	67%
Notar/notar	3	3	2	67%	2	67%	-	0%	-	0%	1	33%	1	33%
Ignorar/ignorar	3	3	3	100%	3	100%	1	33%	1	33%	-	0%	-	0%
Detestar/detestar	2	2	2	100%	2	100%	1	50%	1	50%	-	0%	-	0%
Merecer/merecer	2	2	-	0%	-	0%	-	0%	-	0%	2	100%	2	100%
Importar/importar	1	1	1	100%	1	100%	-	0%	-	0%	-	0%	-	0%
TOTAL	610	608	267	44%	259	43%	125	20%	123	20%	343	56%	341	57%

Fonte: autoria própria

Na tabela 5, observa-se que há um número mais elevado de verbos com Projeções (TF, 56% e TA, 57%) do que com Fenômeno (TF, 44% e TA, 43%), indicando a necessidade de Inés oferecer sua visão dos fatos. A opção pela Projeção em maior número de os Fenômenos mostra que Inés não experiência

somente objetos, pessoas, abstrações, criaturas ou substância, mas também eventos que são projetados através de sua mente.

Quanto à temática, os Fenômenos e as Projeções indicam afeição (**creo** que *le acaricié la cabeza/ acho* que *lhe acariciei a cabeça*), acontecimentos (**supe** tan claramente que *agonizaba y moría/ soube* tão claramente que *agonizava e morria*), gostos (*Me gustan los proyectos./Gosto de projetos.*), entre outros.

É notória a preferência do tradutor por escolhas tradutórias equivalentes, identificando-se, diferentemente do que ocorre com os processos Verbais, o uso de um número mais variado de equivalentes tradutórios diferentes. Por exemplo, em orações com **creer** foram utilizados quatro verbos com mesmo significado (*achar, acreditar, pensar e crer*), provavelmente por serem mais usuais no português brasileiro.

Ainda na tabela 5, vê-se que o índice de orações mentais com Circunstâncias foi baixo, correspondendo a 20% do total de 610 ocorrências em espanhol e de 608 em português. Assim, como ocorreu com orações verbais, houve poucas especificações de tempo, local, modo das experiências mentais da narradora.

Nas próximas tabelas (6 e 7), mostram-se as Projeções que compõe o *eixo narrativo e do pensamento* que contribuem com a visão subjetiva da representação Ideacional de Inés:

Tabela 6: Tipos de Projeções com processos Verbais²³

EIXO NARRATIVO												
Processos Verbais	Total de processos		Relato				Tipo de Projeção					
	es	pt	es	%	pt	%	Citação		es	%	pt	%
Decir/dizer(47)/contar(1)/ falar(1)	50	49	22	44%	22	45%	14	28%	14	29%		
Preguntar/perguntar	26	26	12	46%	12	46%	9	34%	9	35%		
Hablar/falar(18)/anunciar (1)	19	19	–	0%	–	0%	–	0%	–	0%		
Contar/contar	19	19	5	26%	5	26%	–	0%	–	0%		
Explicar/explicar	11	11	5	45%	5	45%	4	36%	4	36%		
Pedir/pedir (9)/interceder(1)	10	10	4	40%	4	40%	–	0%	–	0%		
Rogar/rogar(9)/pedir(1)	10	10	3	30%	3	30%	3	30%	3	30%		
Anunciar/anunciar	6	6	1	17%	1	17%	4	67%	4	67%		
Advertir/advertir (3)/avisar(1)	6	6	3	75%	3	75%	2	33%	2	33%		
Asegurar/garantir (5)/afirmar(1)	6	6	6	100%	6	100%	–	0%	–	0%		
Confesar/confessar	6	6	4	67%	4	67%	–	0%	–	0%		
Ordenar/ordenar	5	5	4	80%	4	80%	1	20%	1	20%		
Replicar/replicar(3) responder (2)	5	5	–	0%	–	0%	5	100%	5	100%		
Mencionar/mencionar	5	5	–	0%	–	0%	–	0%	–	0%		
Exclamar/exclamar	4	3	–	0%	–	0%	4	100%	3	100%		
Contestar/responder	4	4	–	0%	–	0%	3	75%	3	75%		
Relatar/relatar (3)/ falar (1)	4	4	–	0%	–	0%	–	0%	–	0%		
Repetir/repetir	4	3	–	0%	–	0%	–	0%	–	0%		
Prometer/prometer	3	3	3	100%	3	100%	–	0%	–	0%		
Comentar/comentar	3	3	–	0%	–	0%	1	33%	1	33%		
Sugerir/sugerir	3	3	–	0%	–	0%	3	100%	3	100%		
Admitir/admitir	3	3	3	100%	3	100%	–	0%	–	0%		
Insistir/insistir	2	2	1	50%	1	50%	–	0%	–	0%		
Responder/responder	2	2	–	0%	–	0%	1	50%	1	50%		
Sostener/afirmar	2	2	1	50%	1	50%	–	0%	–	0%		
Exigir/exigir	2	2	–	0%	–	0%	1	50%	1	50%		
Discutir/discutir	2	2	–	0%	–	0%	–	0%	–	0%		
Manifestar/falar (1)	1	1	–	0%	–	0%	–	0%	–	0%		
Opinar/opinar	1	1	–	0%	–	0%	–	0%	–	0%		
Suspirar/suspirar	1	1	–	0%	–	0%	1	100%	1	100%		
Acusar/acusar	0	0	–	0%	–	0%	–	0%	–	0%		
TOTAL	225	222	77	34%	77	35%	56	25%	55	25%		

Fonte: autoria própria

A tabela 6 mostra que de um total de 225 no TF, 77 ocorrências são de Relato (correspondendo a 34%) e de 222 no TA, mantém-se as 77 ocorrências (o que significa 25%). A prevalência do Relato compo o *eixo narrativo*, tanto no TF como no TA, não sendo a forma prototípica destes processos ajuda a fortalecer o ponto de vista de pessoal Inés.

Esses resultados são indícios da preferência do tradutor em manter a equivalência tradutória, o que nem sempre irá resultar em equivalência Ideacional, como se vê nas análises.

Veja-se a tabela 7 (nela não consta a forma Citação porque não ocorreu em nenhum dos processos Mentais).

²³ É bom esclarecer que a soma da Citação e do Relato na tabela 6 e 7 não resulta em 100% porque o restante das ocorrências podem ser Verbiagem ou Receptor localizados em outras tabelas.

Tabela 7: Tipos de Projeções com processos Mentais

EIXO NARRATIVO						
Processos Mentais	Total de processos usados na representação de Inés (100%)		Tipo de Projeção*			
	es	pt	Relato (es)	%	Relato (pt)	%
Saber/Saber(80)/ver(1)	82	81	64	78%	64	79%
Creer/Achar(30)/acreditar(9) pensar(4) Crer(1)	44	44	39	89%	39	89%
Ver/ver(39)/observar(1)	40	40	8	20%	8	20%
Pensar/pensar	40	40	28	70%	28	70%
Recordar/lembrar	31	31	13	42%	13	42%
Suponer/supor	30	30	29	97%	29	97%
Sentir/sentir	25	25	4	16%	4	16%
Querer/querer(19)/gostar(3)	22	22	16	73%	16	73%
Desejar/desejar	20	20	13	65%	13	65%
Imaginar/imaginar	18	18	10	56%	10	56%
Olvidar/esquecer	18	18	—	0%	—	0%
Amar/amar	18	18	—	0%	—	0%
Comprender/Compreender	17	17	16	94%	16	94%
Temer/temer	17	16	13	76%	13	81%
Conocer/Conhecer	15	15	—	0%	—	0%
Decidir/decidir(13)/pensar(1)	14	14	14	100%	14	100%
Comprobar/comprovar	14	14	11	79%	11	79%
Aprender/aprender	12	12	8	67%	8	67%
Preferir/preferir	12	12	11	92%	11	92%
Sospechar/suspeitar	11	11	10	91%	10	91%
Gustar/gostar	11	11	5	45%	5	45%
Pretender/pretender	9	9	9	100%	9	100%
Enterar/inteirar(5)/saber(3)	8	8	5	63%	5	63%
Observar/observar	8	8	—	0%	—	0%
Entender/entender	7	7	1	14%	1	14%
Descubrir/descobrir	7	7	1	14%	1	14%
Necesitar/necessitar(5)/ precisar(1)	6	6	—	0%	—	0%
Acordar/lembrar	5	5	—	0%	—	0%
Calcular/calcular	5	5	2	40%	2	40%
Adivinar/adivinhar	5	5	—	0%	—	0%
Dudar/duvidar	4	4	2	50%	2	50%
Esperar/esperar	4	4	4	100%	4	100%
Concluir/concluir	4	4	4	100%	4	100%
Lamentar/lamentar	4	4	3	75%	3	75%
Considerar/considerar	3	3	1	33%	1	33%
Interesar/interessar	3	3	1	33%	1	33%
Aceptar/aceitar	3	3	—	0%	—	0%
Convenir/convir	3	3	3	100%	2	67%
Notar/notar	3	3	1	33%	1	33%
Ignorar/ignorar	3	3	—	0%	—	0%
Detestar/detestar	2	2	—	0%	—	0%
Merecer/merecer	2	2	2	100%	2	100%
Importar/importar	1	1	—	0%	—	0%
TOTAL	610	608	351	58%	350	58%

Fonte: autoria própria

A tabela 7 mostra uma grande presença do Relato em todos os processos mentais que ocorre tanto no TF como no TA, sendo esta a forma prototípica desses processos. A forte presença do Relato no *eixo do pensamento*, mais uma vez, contribui com o ponto de vista de Inés sobre os fatos.

De um total de 610 processos Mentais no TF, 351 vezes os processos foram acompanhados de Relato (o que equivale a 58%), e de um total de 608 de

processos Mentais no TA, verificaram-se 350 ocorrências de Relato (o que corresponde a 58%).

Também foi possível notar que se repete com os processos mentais o ocorrido com os processos verbais, as escolhas do tradutor parecem indicar um alto grau de equivalências tradutórias em relação ao Participante Experienciador que continua a ter o mesmo papel. Porém, nem sempre esse resultado irá manter a equivalência Ideacional, por isso foi necessário verificar mais detalhadamente o uso desses processos no TF e TA, identificando equivalências e mudanças Ideacionais.

6.2 Equivalências e Mudanças Ideacionais de Inés como Dizente e Experienciadora

A verificação do uso dos processos Mentais e Verbais no TF comparando-o ao TA traz uma melhor visão do nível de equivalência e de mudanças ideacionais identificadas. Os dados revelam que apesar do alto grau de escolhas tradutórias equivalentes, o tradutor também optou por mudanças que alteram a representação ideacional de Inés como Experienciadora e como Dizente como se pode observar nas tabelas 8 e 9 a seguir.

Os processos verbais foram organizados na tabela 8:

Tabela 8: Realização dos processos Verbais no TF e no TA

Processos Verbais usados na representação de Inés no TF	Uso de processos verbais nas representação de Inés				Outros usos			
	Realizado pelo mesmo processo no TA		Realizado por outro processo verbal TA		Outro tipo de processo ou omissão no TA			
	N. °	% Processo	N. °	% Processo	N. °	%		
Decir (50)	47	94%	Falar Contar	1 1	2% 2%	Omissão	1	2%
Preguntar (26)	26	100%						
Hablar (19)	19	100%						
Contar (19)	19	100%						
Explicar (11)	11	100%						
Pedir (10)	9	90%	Interceder	1	10%			
Rogar (10)	9	90%	Pedir	1	10%			
Anunciar (6)	6	100%						
Advertir (6)	3	50%	Avisar	1	17%	Olhar	2	33%
Asegurar (6)	—	—	Garantir Afirmar	5 1	83% 17%			
Confesar (6)	6	100%						
Ordenar (5)	5	100%						
Replicar (5)	3	60%	Responder	2	40%			
Mencionar (5)	5	100%						
Exclamar (5)	4	80%				Omissão	1	20%
Contestar (4)	—	—	Responder	4	100%			
Relatar (4)	3	75%	Falar	1	25%	Omissão	1	25%
Repetir (4)	3	75%						
Prometer (3)	3	100%						
Comentar (3)	3	100%						
Sugerir (3)	3	100%						
Admitir (3)	3	100%						
Insistir (2)	2	100%						
Responder (2)	2	100%						
Sostener (2)	—	—	Afirmar	2	100%			
Exigir (2)	2	100%						
Discutir (2)	2	100%						
Manifestar (1)	—	—	Falar	1	100%			
Opinar (1)	1	100%						
Suspirar (1)	1	100%						
Acusar (0)	—	—						

Fonte: autoria própria

A tabela 8 mostra um baixo número de ocorrências com processos verbais que resultam em uma mudança Ideacional da narradora no papel de Dizente. Isso porque a voz narrativa utiliza outros equivalentes tradutórios para se representar. Exemplo disso é o verbo **asegurar** cujo equivalente tradutório mais frequente foi o verbo *garantir*, mais usual no português brasileiro. Além desse equivalente, o tradutor optou pela forma verbal *afirmar* que mantêm o sentido do texto fonte.

Uma das poucas mudanças Ideacionais identificadas nos processos ocorreu em **advertir** traduzido por um processo mental (olhar). Com o processo olhar a representação Ideacional de Inés deixa de ser de uma Dizente e o Receptor de sua fala passa a ser Experienciador do Processo olhar. Além dessa mudança, houve três

omissões na tradução das formas verbais **decir**, **exclamar** e **repetir**, eliminando a representação de Inés, portanto.

Veja-se a tabela 9:

Tabela 9: Realização dos processos Mentais no TF e no TA

Processos Mentais usados na Representação de Inés no TF	Uso dos processos mentais na representação de Inés				Outros usos			
	Realizado pelo mesmo processo no TA		Realizado por outro processo Mental no TA		Outro tipo de processo ou omissão no TA			
	N. °	% Processo	N. °	% Processo	N. °	%		
Saber (82)	80	97%	Ver	1	2%	Omissão	1	1%
Creer (44)	1	3%	Achar	30	68%			
Ver (40)	39	98%	Acreditar	9	20%			
Pensar (40)	40	100%	Pensar	4	9%			
Recordar (31)	—	—	Observar	1	2%			
Suponer (30)	30	100%	Lembrar	31	100%			
Sentir (25)	25	100%						
Querer (22)	19	86%	Gostar	3	14%			
Desejar (20)	20	100%						
Imaginar (18)	18	100%						
Olvidar (18)	18	100%						
Amar (18)	18	100%						
Comprender (17)	17	17%						
Temer (17)	16	94%				Ter	1	6%
Conocer (15)	15	100%						
Decidir (14)	13	93%	Pensar	1	7%			
Comprobar (14)	14	100%						
Aprender (12)	12	100%						
Preferir (12)	12	100%						
Sospechar (11)	11	100%						
Gustar (11)	11	100%						
Pretender (9)	9	100%						
Enterar (8)	5	63%	Saber	3	37%			
Observar (8)	8	100%						
Entender (7)	7	100%						
Descubrir (7)	7	100%						
Necesitar (6)	5	83%	Precisar	1	17%			
Acordar (5)	5	100%						
Calcular (5)	5	100%						
Adivinar (5)	4	100%						
Dudar (4)	4	100%						
Esperar (4)	4	100%						
Concluir (4)	4	100%						
Lamentar (4)	4	100%						
Considerar (3)	3	100%						
Interesar (3)	3	100%						
Aceptar (3)	3	100%						
Convenir (3)	3	100%						
Notar (3)	3	100%						
Ignorar (3)	3	100%						
Detestar (2)	2	100%						
Merecer (2)	2	100%						
Importar (1)	1	100%						

Fonte: autoria própria

A tabela 9 revela que quase a totalidade das escolhas do tradutor manteve a equivalência tradutória e Ideacional de Experienciadora, com exceção de uma omissão do processo **saber** e uma mudança do processo **temer** por **ter**.

Também é possível notar que a maioria dos equivalentes usados pelo tradutor foram os mesmos identificados a *prima facie* na lista de palavras, não havendo muita diversificação nesses equivalentes. Foram poucas as formas verbais que apresentaram mais de um equivalente, ocorrendo em: **saber** (*saber/ver*) **creer**

(*achar, acreditar, pensar e crer*), **ver** (*ver/observar*), **recordar** (*lembrar*), **querer** (*querer/gostar*), **decidir** (*decidir/pensar*), **enterar** (*saber*), **necessitar** (*precisar*).

Considerando que a maior parte das escolhas do tradutor mantém a equivalência tradutória e, provavelmente a Ideacional também, é necessário identificar os outros elementos da transitividade e o conteúdo das projeções.

Como dito anteriormente, apesar de os resultados terem sido sugestivos de uma grande presença de Equivalência Ideacional foi necessário aprofundar a análise verificando os elementos da transitividade e o conteúdo da fala projetada, como se fez nas tabelas 10 (processos Mentais) e 11 (processos Verbais) a seguir.

Tabela 10: Mudanças Ideacionais com processos Mentais

Representação de Inés como Experienciadora	Mudança do Processo/ Participante no TA		Mudança da Circunstância no TA	Mudança no conteúdo da Projeção no TA	Mudança por omissão da linha de concordância ou do Processo no	Mudança do Fenômeno no TA	Total de Mudanças Ideacionais de Inés no TA
	es	Nº	Nº	Nº	Nº	Nº	Nº
Saber	82	1	–	1	1	1	4
Creer	44	–	1	2	–	3	6
Ver	40	–	–	1	–	–	1
Pensar	40	–	–	–	–	3	3
Suponer	30	–	–	2	–	–	2
Sentir	25	–	–	–	–	1	1
Querer	22	–	2	–	–	–	2
Imaginar	18	–	–	–	–	1	1
Olvidar	18	–	–	–	–	2	2
Temer	17	1	–	–	–	–	1
Necessitar	6	–	–	–	–	1	1
Esperar	4	–	1	–	–	–	1
Dudar	4	1	–	–	–	–	1
TOTAL	350	3	4	6	1	12	26

Fonte: autoria própria

A tabela 10 mostra que os processos Mentais sofreram um pequeno número de mudanças Ideacionais. De um total de 43 formas verbais, apenas 13 (**saber, creer, ver, pensar, suponer, sentir, querer, imaginar, olvidar, temer, necessitar, esperar e dudar**) sofreram algum tipo de mudança, isto é, 30% desse total.

A maior taxa de mudanças ocorreu com o Fenômeno (em 12 casos) e o conteúdo da Projeção (6 vezes). Contudo, é necessário destacar que, na maioria

das vezes, a mudança no Fenômeno foi determinada pelas diferenças entre o sistema linguístico do texto de partida e o de chegada, como se vê no exemplo 15.

Exemplo 15: Fenômeno nulo

Sin pensar/*lo*, tomé a dos manos la espada, que Pedro me había enseñado a usar, y me dispuse a defender nuestro breve espacio.

Sem pensar, peguei com as duas mãos a espada que Pedro havia me ensinado a usar e me dispus a defender nosso pequeno espaço.

Na língua espanhola é comum usar o pronome átono (*lo*) como objeto direto, algo desnecessário no português brasileiro (exemplo 15). Essa mudança é determinada pelas regras gramaticais de cada sistema linguístico e, embora seja uma mudança Ideacional, não compromete o sentido da oração.

No tocante aos processos Verbais, as mudanças foram dispostas na tabela 11.

Tabela 11: Mudanças Ideacionais com processos Verbais

Processos no TF	Mudança do Processo/ Participante no TA		Mudança da Circunstância no TA		Mudança no conteúdo da Projeção no TA		Mudança por omissão da linha de concordância ou do Processo no TA		Mudança do Receptor no TA		Mudança da Verbiagem no TA		Total de Mudanças Ideacionais de Inés no TA	
	es	Nº	Nº	Nº	Nº	Nº	Nº	Nº	Nº	Nº	Nº	Nº	Nº	Nº
Decir	50	1	1	3	1	4	4	14						
Preguntar	26	–	1	3	–	2	1	7						
Hablar	19	–	–	–	–	–	1	1						
Contar	19	–	–	–	–	–	2	2						
Explicar	11	–	–	–	–	5	–	5						
Pedir	10	–	–	–	–	1	1	2						
Rogar	10	–	–	–	–	3	–	3						
Anunciar	6	–	–	–	–	2	–	2						
Advertir	6	3	–	1	–	–	–	4						
Asegurar	6	–	–	–	–	1	–	1						
Confesar	6	1	–	–	–	–	–	1						
Replicar	5	–	–	1	–	–	–	1						
Exclamar	4	1	–	–	1	–	–	2						
Contestar	4	–	–	–	–	1	–	1						
Relatar	4	1	–	–	–	–	–	1						
Repetir	4	–	–	–	1	1	–	2						
Prometer	3	–	–	–	–	1	–	1						
Comentar	3	–	–	–	–	–	–	1						
Sugerir	3	–	–	–	–	1	–	1						
Admitir	3	–	–	1	–	–	1	1						
Exigir	2	–	–	–	–	1	–	1						
TOTAL	204	7	2	9	3	23	10	54						

Fonte: autoria própria

A tabela 11 apresenta 21 formas verbais em que a oração sofreu mudança Ideacional, o que corresponde a 68% do total de processos Verbais (31). O maior índice de mudanças ocorreu com o Receptor (23 ocorrências), seguido da Verbiagem com 10 ocorrências, seguida do conteúdo da fala (na Projeção) com 9 ocorrências. Ainda foram identificadas mudança no Processo/Participante (7), mudança por omissão (3) e mudança na Circunstância (2).

Uma das consequências da não representação linguística de um Receptor é a diminuição do dinamismo dialógico de Inés. Outra escolha que diminui ou altera o dinamismo na representação Ideacional de Inés é a mudança por omissão da linha de concordância ou do Processo verificado nos processos (**decir, exclamar e repetir**).

A mudança da Circunstância altera a representação Ideacional de Inés em relação ao tempo, à extensão,

Algumas das mudanças identificadas no Receptor e na Verbiagem ocorreram em função das características da língua do TA que obrigam o tradutor a realizá-las. Contudo, nem sempre ele se guia pelo TA, adotando também estruturas da língua do TF, não havendo um padrão *a priori* das escolhas tradutórias, como se nota nos exemplos retirados do *corpus*.

Exemplo 16: Omissão de Receptor

— No tengo tiempo para criar chiquillos — *le dije*

— Não tenho tempo para cuidar de crianças —

Exemplo 17: Troca de Receptor por um Dizente

— Pero son como las cucarachas: aplastam a una y salen más por los rincones — *le dije*.

— Ma são como as baratas: quando você esmaga uma, correm duzentas pelos cantos — *eu disse*.

Exemplo 18: Manutenção de Receptor e Dizente

“ Prefiero estar mascando ratones aquí contigo, que vestida de brocado en las cortes de Madrid”, *le decía yo*.

“Prefiro comer ratos aqui com você, que vestida de brocados nas cortes de Madri”, *lhe* dizia *eu*.

O exemplo 16 mostra a omissão do Receptor (le) ao ser traduzido para o português, uma escolha que condiz com o que é usual no português brasileiro, prevalecendo a atenção ao TA como critério adotado pelo tradutor. Já no exemplo 17, o Receptor (le) é omitido e em seu lugar o Dizente (eu) é representado linguisticamente para dar uma ênfase maior a este. A última estratégia utilizada na tradução foi manter tanto o Receptor (le/lhe) como o Dizente (yo/eu) (exemplo 18), preservando a estrutura da língua do TF.

Fica evidente que não há um critério rígido adotado pelo tradutor, visto que a estrutura das orações são as mesmas (Citação+Verbo projetante) e ele adota três estratégias tradutórias diferentes.

Algo semelhante ocorre com as mudanças na Verbiagem ao apresentar: mudanças de Verbiagem (exemplo 19) e Verbiagem nula em função da estrutura do sistema linguístico do TA (exemplo 20). Assim como ocorre com o Receptor, não há uma padronização nas escolhas do tradutor, podendo inclusive manter a Verbiagem (exemplo 21).

Exemplo 19: Mudança de Verbiagem por Circunstância de tempo

"te aconsejo que hablemos del *tema*"

"aconselho-a a falarmos *agora*"

Exemplo 20: Verbiagem nula

"Y, puedo asegurar/*lo*, Pedro de Valdivia fue uno de los hombres más íntegros"

"E, posso afirmar, Pedro de Valdivia foi um dos homens mais íntegros"

Exemplo 21: Manutenção da Verbiagem

"no merece que su nombre quede en esta crónica, pero no puedo evitar mencionar/*lo*"

"não merece que seu nome conste nesta crônica, mas não posso evitar mencioná-lo"

Na última seção, serão tecidas as considerações finais junto à proposta de possíveis desdobramentos.

7.0 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A tese buscou responder a três questões, quais sejam: i) O que a voz narrativa destaca ao se representar ideacionalmente na representação como Dizente e Experienciadora e, quais implicações para seu dinamismo?; ii) Considerando-se as escolhas linguísticas do tradutor, como se dá a representação de Inés em termos de níveis de equivalência ideacional do texto traduzido para o português em comparação com o texto em espanhol?; iii) Em termos comparativos, foram usadas outras formas verbais no texto traduzido que tenham alterado a representação ideacional de Inés? Se, sim, que mudanças estes processos geraram na tradução?

Em relação à **primeira questão**, observou-se que a maior parte das ocorrências mostra que a voz narrativa representa a si mesma como Experienciadora ao invés de Dizente.

Na condição de Experienciadora, a narradora opta por representar seus saberes, conhecimentos, pensamentos, sentimentos e desejos, experiências ficcionais da consciência partilhadas com outros personagens, sendo algumas delas frutos de ações práticas por Inés, demonstrando-se, com essas representações, o *dinamismo subjetivo* da personagem.

Como salientado na análise dos processos mentais (cf. capítulo 5.0), o assunto explorado com a representação da subjetividade de si mesma evidencia: i) percepções de Inés sobre as pessoas e a guerra; ii) conhecimentos e saberes do mundo, de pessoas, de ações, da história da comunidade; iii) crenças e suposições sobre os indígenas e sobre sua própria vida; iv) sentimentos positivos e negativos em relação a outras pessoas; v) desejo de contar sua vida, para dar a sua própria versão dos fatos históricos e pessoais.

Na exploração do *eixo do pensamento* dos processos Mentais identificam-se Fenômenos variados das experiências subjetivas de Inés, tais como: percepções do mundo à sua volta, de si mesma e de eventos sobrenaturais, conhecimentos sobre outros personagens e das atividades que ela desenvolve, de sentimentos negativos e positivos em relação a outros personagens, de seus desejos e sobre o que pensa a respeito do mundo e das pessoas.

Desse modo, a temática desenvolvida com os processos Mentais é o de uma Experienciadora preocupada com questões que ultrapassam o ambiente familiar e doméstico. A representação de Inés apresenta alto grau de dinamismo e, evidenciando sua capacidade de modificar sua comunidade e afetar as pessoas de seu entorno com seus conhecimentos, saberes e sentimentos. Essa representação revela o *dinamismo subjetivo* de Inés, distinguindo a personagem de representações de mulheres passivas que ao longo da história foram associadas à mulher.

A representação de si mesma no papel de Experienciadora está em conformidade com as pesquisas literárias, uma vez que destaca a capacidade da personagem de “refletir sobre sua condição de ‘ser mulher no mundo’, questionando os valores sociais vigentes” (VERAS; SANTOS, 2012, p.4).

Ao se representar como Dizente, as escolhas linguísticas evidenciam o alto grau de *dinamismo dialógico* que envolve a personagem, uma vez que a voz narrativa representa Inés como uma personagem feminina em situações de fala bem distinta daquela vinculada a mulheres da época em que a trama se passa. A narradora se representa como uma Dizente autoconfiante e sem medo de expor opiniões sobre várias temáticas em oposição ao recato feminino apregoado naquele período histórico.

De certa forma, essa representação está em conformidade com a crítica literária que descreve Inés como “representação das muitas mulheres que lutam para ter voz” (VERAS e SANTOS, 2012, p.3). De fato, a própria Inés como narradora/personagem se encarrega de confirmar a crítica literária ao dizer que: “devo relatar mia versão do ocorrido para deixar memória dos trabalhos que nós, as mulheres temos passado no Chile e que costumam escapar aos cronistas” (ALLENDE, 2006, p. 84).

Ademais, a opção da narradora pela representação de si mesma no papel de Dizente, parece contribuir com o tipo de texto que o romance foi escrito, pois de acordo com Canello (2008, p.54) em uma perspectiva autobiográfica é conveniente que “a própria figura histórica receba voz e vez para poder contar-se”.

No tocante à representação do conteúdo da fala de Inés, a análise do *Eixo narrativo* apontou que, assim como ocorreu com os processos mentais, esse conteúdo não está relacionado somente à vida doméstica e familiar de Inés, mas a uma série de assuntos que produzem um perfil ideacional de uma mulher informada,

que toma decisões próprias, que critica determinados comportamentos dos espanhóis, dentre outros.

A narradora se representa como uma mulher que fala mais do que se apreciaria em uma conversa feminina do período Colonial chileno, uma sociedade que valorizava virtudes femininas como “o recato, a vergonha, a humildade, a obediência e castidade” (ARISMENDI, 2006, p. 82). Contrariamente às virtudes apreciadas no Chile Colonial, a representação Ideacional de Inés como Dizente, destaca a convicção de suas opiniões, comandos, argumentação enérgica, vinculadas a processos como anunciar, afirmar, opinar, ordenar, comentar, discutir, dentre outros (*cf.* capítulo 5).

Observa-se também, que a narradora utiliza a Projeção de Citação ou de Relato com processos Mentais e Verbais, cada qual dos recursos contribuindo com a construção de significados ideacionais e constituindo o *eixo narrativo* (Rodrigues-Júnior e Barbara, 2013) e o *eixo do pensamento*. Com esses recursos, põe-se em relevo o ponto de vista narrativo da própria narradora que interpreta a fala de outrem e que nos dá a conhecer seus próprios pensamentos sobre o mundo em que vive.

Com os processos Verbais, a narradora utiliza a Citação para trazer a sua própria voz em passagens dialógicas com outros personagens e dar uma maior vivacidade às cenas autobiográficas. Com o Relato, o qual teve mais ocorrências e foi a forma não prototípica, o *eixo narrativo* mostra um ponto de vista mais proeminente da narradora, pois ela se apropria da fala de outros personagens e a dá a conhecer por meio da interpretação pessoal dos fatos.

Nas orações Mentais, a opção foi pelo Relato em todas as ocorrências, forma prototípica nesse tipo de orações. Essa escolha reforça a visão que a narradora tem de suas próprias experiências, dando a conhecer mais sobre o que *pensa, sabe, sente, e acha* da vida em geral. A análise da transitividade no *eixo do pensamento* revela não somente reflexões de Inés (como apontam os estudos literários), mas também seus sentimentos, desejos, conhecimentos e percepções, ampliando a descrição da subjetividade da narradora/personagem.

Resumidamente, os dados revelam que a narradora se representou, enquanto Dizente, como uma mulher dinâmica, atuante em sua comunidade, direcionando sua fala a pessoas pertencentes a diversos grupos sociais, tais como: indígenas, militares, religiosos e familiares. Igualmente, com os Processos Mentais a narradora enquanto Experienciadora dá a conhecer parte do que pensa, deseja, percebe ou

sente em relação a pessoas, acontecimentos ou a pessoas revelando alto grau de dinamismo conforme análise dos dados.

No que diz respeito à **segunda questão**, à equivalência Ideacional ou às mudanças, foi observado que apesar de ter havido um nível elevado de ocorrências que apresentam Equivalência Ideacional, algumas escolhas tradutórias provocaram mudanças Ideacionais na Representação de Inés. Dessas mudanças, notou-se que a maior parte não ocorreu propriamente nos processos Verbais, nem nos Mentais, mas em outros elementos da transitividade (eg. Circunstâncias), nas Projeções ou mesmo por omissão.

Pode-se dizer que por ser um *corpus* de tamanho pequeno, qualquer mudança Ideacional contribui consideravelmente com significados relevantes na representação das experiências ficcionais da narradora. As mudanças Ideacionais na representação de Inés podem alterar o registro e, por conseguinte, a imagem que os leitores irão construir do mundo experiencial que a voz narrativa construiu de si mesma.

Enfim, o tradutor utilizou diversas estratégias na reconstrução de significados ideacionais da fala e nas experiências da consciência de Inés, desde o uso de recursos linguísticos que mantêm a equivalência Ideacional, até os que provocam mudanças (*shifts*) Ideacionais.

Quanto à **terceira questão**, observa-se a preferência pelo uso de um processo equivalente idêntico ao original nos processos Mentais e Verbais, favorecendo a Equivalência Ideacional na representação de Inés.

Contudo, em relação aos processos Verbais, apesar da presença de um alto índice de léxico idêntico ao original na tradução, também foram identificadas algumas mudanças lexicais, porém sem alterar o papel de Dizente, pois essas mudanças correspondiam a equivalentes tradutórios.

Como dito anteriormente, apesar do alto índice de Equivalências Ideacionais nas orações verbais, também foram verificadas mudanças em elementos diferentes do Processo/Participante, como Circunstâncias, Verbiagem, conteúdo da Projeção ou por omissão. A única ocorrência nas orações verbais em que a mudança lexical ocasionou uma mudança Ideacional foi o processo *olhar* usado como equivalente de **advertir**, que provocou uma mudança no papel de Dizente de Inés.

No tocante aos processos Mentais, verificou-se que o padrão mais frequente também foi a manutenção da equivalência Ideacional com a utilização do mesmo léxico, ou de outros equivalentes tradutórios.

De modo análogo aos processos Verbais, nas orações mentais foram identificadas mudanças Ideacionais na representação de Inés em elementos da transitividade diferentes do Processo/Participante, tais como Circunstâncias, Fenômeno, conteúdo da Projeção ou mesmo por omissão. A exceção ocorreu com o processo mental **temer**, traduzido como processo relacional *ter*, provocando uma mudança Ideacional na representação de Inés que passou a ser Portadora do Atributo *medo*.

Ainda sobre a **terceira questão**, observa-se que as mudanças Ideacionais provocaram novas representações no conteúdo da fala ou da consciência de Inés, na intensidade, extensão tempo das experiências verbais e mentais mediante acréscimo ou alteração de Circunstâncias.

A presença significativa de Equivalências Ideacionais sugere que a manutenção dos mesmos processos Verbais e Mentais na tradução esteja relacionada à semelhança entre as duas línguas, que permite ao tradutor a utilização de um léxico idêntico ao do romance original ou, até mesmo, de outros equivalentes tradutórios. Além disso, aventa-se a possibilidade de que a *expertise* do tradutor possa ter contribuído para escolhas no nível da equivalência Ideacional, haja vista as várias traduções em língua espanhola realizadas por ele (*cf.* metodologia).

Quanto à presença das Mudanças Ideacionais, as escolhas linguísticas usadas pelo tradutor podem ser atribuídas a diversos fatores, como a influência da língua do TF no TA, a utilização de parâmetros linguísticos da língua alvo diferentes da língua fonte, por motivos pessoais do tradutor ou por influências culturais e ideológicas da sociedade da qual faz parte o tradutor.

Para **sintetizar**, os resultados validaram as duas hipóteses da pesquisa, quais sejam: i) os processos Mentais e Verbais contribuem para o *dinamismo dialógico* e *subjetivo* na representação de Inés, e; ii) embora padrões de Equivalências Ideacionais sejam mais frequentes, também serão encontradas mudanças Ideacionais na representação Ideacional de Inés.

No concernente à **primeira hipótese**, constatou-se que, de fato, os processos Verbais e Mentais foram utilizados na representação Ideacional de Inés e de sua atuação dinâmica na comunidade da qual faz parte.

Com os processos Mentais, constrói-se a representação de Inés como um ser pensante, que reflete sobre o mundo à sua volta, que detém conhecimentos resultantes de suas próprias ações, dona de seus sentimentos (*cf.* análise dos dados), uma representação bem diferente das visões patriarcalistas que exclui a mulher do conhecimento, reservando “o mundo das ideias aos homens” (TONI, 2011, p.22). Dessa forma, os processos Mentais contribuem com o *dinamismo subjetivo* presente na representação ideacional de Inés.

Por seu turno, os processos Verbais são usados na representação Ideacional de Inés e de seus inúmeros Receptores, evidenciando alto grau de *dinamismo dialógico*.

Com os processos Verbais a representação de Inés se dá como alguém capaz de atingir outras pessoas com sua fala, de expressar suas opiniões, de fazer críticas a outrem e à sociedade, de argumentar com veemência, de dar ordens a diversas pessoas (*cf.* análise dos dados). A representação dinâmica de Inés contrasta com as ideias apregoadas ao longo do tempo sobre a mulher que foi confinada ao mundo do silêncio, como ilustrado nas palavras de Paulo na *Primeira Epístola a Timóteo* citadas por Perrot (2009, p. 16): “que a mulher escute a instrução em silêncio, com toda a submissão”. Vê-se que durante a história da humanidade, que com o silêncio da mulher buscava-se a submissão dela, diferentemente da representação de Inés, uma Dizente nada submissa.

Em relação à **segunda hipótese**, sobre a prevalência de padrões de Equivalência Ideacional na representação de Inés, também foi confirmada. De fato, foram inúmeros os casos em que o tradutor realizou escolhas no nível de equivalências léxicas contribuindo para a Representação Ideacional de Inés como Experienciadora e como Dizente. Além da equivalência Ideacional, algumas das mudanças lexicais de elementos da transitividade menos centrais (Circunstâncias) ou no conteúdo da Projeção provocaram alterações na representação Ideacional de Inés, alterando a imagem que se tem dela.

Finalizando, sabendo-se que toda pesquisa conta com lacunas inerentes ao processo de escolha dos temas, em detrimento de outras opções que são preteridas, propõem-se **encaminhamentos futuros** que possam trazer novas contribuições.

Levando-se em conta que a análise desta pesquisa focaliza apenas os processos Mentais e Verbais com a finalidade de demonstrar o *dinamismo dialógico*

e *subjetivo* da personagem, pode-se ampliar o foco da análise. Em uma ampliação da pesquisa poderiam ser abordados todos os seis tipos de processos vinculados a Inés de modo a traçar o perfil Ideacional dela no texto original e no texto traduzido comparando-os entre si.

Para identificar o perfil Ideacional de Inés, seria necessário fazer um mapeamento de todos os seis tipos de processos presentes no romance e verificar se estão vinculados a Inés, a fim de contabilizar quais são os padrões que surgem dessas representações.

Outra sugestão interessante seria a comparação das representações Ideacionais entre Inés e Pedro, comparando aspectos experienciais do universo feminino e masculino.

REFERÊNCIAS

- ALLENDE, I. **Inés del alma mía**. Barcelona: Random House, 2006. 367 p.
- ALLENDE, I. **Inés de minha alma**. Trad. Ernani Ssó. Rio de Janeiro: Bertrand, 2007, 322p.
- ARANA, D. B. **Historia general de Chile**. Alicante: Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes, v. 1, 2ª ed., 2000. Disponível em: <<http://www.cervantesvirtual.com/obra/historia-general-de-chile-tomo-primero--0/>>. Acesso em: 20 de dez. 2015.
- ARISMENDI, L. Mujeres y orden social. El honor en la construcción de la identidad y de Las prácticas sociales femeninas. Chile 1750-1810. 2006, 56f. Monografía (Trabalho final de curso). Faculdade de Filosofia e Humanidades, Departamento de Ciências Históricas – Universidade do Chile, Chile, 2006.
- ARJONA, M. J. S. Una mujer heroica. Inés de Suárez y la conquista de Chile. **VI Congreso virtual sobre historia de las mujeres**, s/n, out. 2014.
- BAKER, M. e GONZÁLES, L. P. Tradução e interpretação. In: SIMPSON, J. **The Routledge Handbook of Applied Linguistics**. Londres e Nova York: Routledge, pp.39-52, 2013.
- BARBARA, L.; MACÊDO, C. M. M. de. Linguística Sistêmico-Funcional para a análise de discurso um panorama introdutório. **Cadernos de Linguagem e Sociedade**, São Paulo, v. 10, n. 1, p.89-107, 2009. Disponível em: <<http://periodicos.bce.unb.br/index.php/les/article/view/1212>>. Acesso em: 31 mai. 2014.
- BERBER SARDINHA, T. Usando WordSmith Tools na investigação da linguagem, **DIRECT Papers**, n. 40, s/p, 1999. Disponível em: <<http://www2.lael.pucsp.br/direct/DirectPapers40.pdf>>. Acesso em: 15 de jun., 2013.
- _____. O que é um corpus representativo? **DIRECT Papers**, n. 44, p.1-26, 2000. Disponível em: <<http://www2.lael.pucsp.br/direct/DirectPapers44.pdf>>. Acesso em: 10 out., 2013.
- _____. Tamanho de corpus. **The ESPecialist**, São Paulo, v.23, n. 2, p. 103-122, 2003.
- _____. Visão geral da Linguística de Corpus. In: _____. **Linguística de corpus**. Barueri, SP: Editora Manole, 2004.

CANELLO, M. **Isabel Allende entre a arte e o mercado: *Inés del alma mía* e *El Zorro-comienza la leyenda***. 2008. 117 f. Dissertação (Mestrado) _ Faculdade de Ciências e Letras de Assis – Universidade Estadual Paulista, Assis. 2008.

_____. Da história á ficção – *Inés del alma mía* (2006) – narrativas de conquistas históricas e pessoais. ***Revista de Literatura, História e Memória: Literatura e Cultura na América Latina***. Cascavel, PR, v. 5, n. 5, pp. 107-117, 2009.

CATFORD, J. C. **Linguistic Theory of Translation: An Essay in Applied Linguistics**. Oxford: Oxford University Press, 1965.

EGGINS, S. **Introducción a la Lingüística Sistémica**. ALCÁNTARA, Felipe (Trad.). Logroño: Universidad de La Rioja, Servicio de Publicaciones, 2002.

_____. **Introduction to Systemic Functional Linguistics**. Nova York e Londres: Ed. Continuum, 2004.

EGGINS, S.; MARTIN, J. R. *Gêneros y registros del discurso*. In: DIJK, T. A. van. (comp.). ***El discurso como estructura y proceso: Estudios del discurso-introducción multidisciplinaria***. Barcelona: Editorial Gedisa, v. 1, 2008, pp. 335-371.

FLECK, F. G. A conquista do “entre-lugar”: a trajetória do romance histórico na América. **Gragoatá**, Niterói, n. 23, pp. 149-167, 2. sem. 2007.

FLEURI, L; VASCONCELLOS, M. L.; PAGANO, A. A Representação do Participante “Tradutor/Translator” em Translators Through History e Os Tradutores na História. **Cadernos de Tradução**, Florianópolis, v. 2, n. 24, pp. 159-191, abr. 2010. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/2175-968.2009v2n24p159>>. Acesso em: 02 abr. 2015.

FUZER. C.; CABRAL, S. R. S. **Introdução à Gramática sistêmico-funcional em língua portuguesa**. Santa Maria, RS: Universidade Federal de Santa Maria: Centro de Artes e Letras, Departamento de Letras, 2010.

_____. **Introdução à Gramática sistêmico-funcional em língua portuguesa**. Campinas, SP, Editora Mercado das Letras, 2014.

GHIO, E.; FERNÁNDEZ, M. D. **Lingüística Sistémico Funcional: aplicaciones a la lengua española**. 1. ed. Santa Fé: Universidad Nacional Del Litoral: Waldhuter Editores, 2008.

GOUVEIA, C. A. M. Texto e gramática: uma introdução à Linguística Sistêmico-Funcional. **Matraga**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 24, pp. 13-47, jan./jun. 2009.

HALLIDAY, M. A. K. **El Lenguaje como semiótica social: la interpretación social del lenguaje y Del signo**. SANATANA, Jorge Ferreiro (Trad.). México: Fondo de Cultura Econômica, 1982.

_____. Towards a Theory of Good Translation. In: In: STEINER, E.; YALLOP, C. (eds.). **Exploring Translation and Multilingual Text Production: beyond content**. Berlin e New York: Mouton de Gruyter, 2001, pp. 13-18.

HALLIDAY, M. A . K.; HASAN, Ruqaya. **Language, context, and text: aspects of language in a social semiotic perspective**. Oxford: Oxford University Press, 2nd ed., 1989.

HALLIDAY, M. A. K; MATTHIESSEN, C. Clause as representation. In: _____. **An introduction to Functional Grammar**. 3rd ed. New York: Ed. Oxford University Press Inc., 2004, pp. 168-304.

_____. **An introduction to Functional Grammar**. 4rd ed. London & New York: Routledge, 2014.

HASAN, R. A framework for the study of verbal art. In: _____. **Linguistics, Language and Verbal Art**. Oxford: Oxford University Press, 1989.

HENRIQUES, E.R. intercompreensão de texto escrito por falantes nativos de português e de espanhol. **DELTA**, São Paulo, v. 16, n. 2, pp. 263-295, 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-44502000000200003&script=sci_abstract&tng=pt>. Acesso em: 20 de abri. 2017.

JESUS, S. M. **Relações de tradução: SAY/DIZER em corpora de textos ficcionais**. 2008, 211f. Tese (Doutorado). - Curso de Linguística Aplicada, Departamento da Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2004. Disponível em: http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/ARCO-7KVT32/silvanamaria_jesus_tese.pdf?sequence=1. Acesso em: 20 mar. 2014.

_____. Estudos sistêmico-funcionais da tradução. **DOMÍNIOS DE LINGU@GEM Revista Eletrônica de Linguística**. Volume 6, nº 1 – 1º Semestre, p. 286- 301, 2012. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem/issue/view/729>>. Acesso em: 08 de mar. 2015.

LABORDE, E. P. Conflictos y polémicas de la crítica en(tre) escritores de las vanguardias, del compromiso político y de la antipoesía. **Contextos, estudios de humanidades y ciencias sociales**, Chile, n. 24, pp. 87-96, 2010.

LEFFA, V. J. **Pesquisa em Lingüística Aplicada: temas e métodos**. Pelotas: Editora da Universidade Católica de Pelotas, 2006.

LOPES, C. G. Um olhar sobre a literatura chilena. In: _____. **Literaturas americanas**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2012, pp. 91-104.

LOVERA, P. M. **Crónica del Reino de Chile, escrita por el capitán don Pedro Mariño de Lovera, reducida a nuevo método y estilo por el padre Bartolomé de Escobar de la Compañía de Jesús**. Santiago: Imprenta del Ferrocarril, 1865.

Disponível em: <<http://www.memoriachilena.cl/archivos2/pdfs/MC0008848.pdf>>. Acesso em: 20 de jun. 2015.

MACIEL, A. D. **Gênero e autobiografia na obra de Isabel Allende e Luzilá Gonçalves Ferreira- considerações em torno de Meu país inventado, Inés del alma mía e A garça mal ferida.** 2007, 116f. (Mestrado). – Centro de Artes e Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco, Pernambuco, 2007. Disponível em: <<http://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/7721?show=full>>. Acesso em: 10 de nov. 2015.

MARTÍNEZ, E. A. **La re-visión de la historia en la ficción de mujeres latinoamericanas: Isabel Allende, Gioconda Belli, Carmen Bullosa y Ana Miranda.** 2008, 247f. Tese (Doutorado). – Faculdade do Departamento de Espanhol e Português, Universidade do Arizona, EUA, Arizona, 2008. Disponível em: <http://arizona.openrepository.com/arizona/bitstream/10150/193642/1/azu_etd_2596_sip1_m.pdf>. Acesso em: 10 de abr. 2015.

MATTHIESSEN, C. The environments of translation. In: STEINER, E. YALLOP, C. (Eds.). **Exploring translation and multilingual text production, beyond content.** Berlin & New York: Mouton de Gruyter, 2001, pp. 41-124.

MOITA-LOPES, L. P. da. Uma linguística aplicada mestiça e ideológica: interrogando o campo como linguista aplicado. In: _____ (org.). **Por uma linguística aplicada indisciplinar.** São Paulo: Parábola, 2006, pp. 13-44.

MONTGOMERY, M. Language, Character and Action: a linguistic approach to the analysis of character in a Hemingway short story. In: SINCLAIR, J. M., HOEY, M. e FOX, G. (Ed.). **Techniques of Description: spoken and written discourse.** London e New York: Routledge, 1993.

NAVARRO, M. H. (org.). **Rompendo o silêncio: gênero e literatura na América Latina.** Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1995.

OLIVEIRA, K. F. de. **As orações existenciais em inglês e português brasileiro: um estudo baseado em corpus.** 2014. 96f. Dissertação (Mestrado) Curso de Linguística, Departamento de Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras Belo Horizonte. 2014.

PAGANO, A. S. Abordagens sistêmicas da tradução. In: CALDAS-COULTHARD, C.; SCLIAAR-CABRAL, L. (org.). **Desvendando discursos: conceitos básicos.** Florianópolis: Editora da UFSC, 2007, pp., 255-288.

PERROT, Michelle. **Mi historia de las mujeres.** Trad. Mariana Saúl. 1ª ed., 1ª reimpressão. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2009.

RIBEIRO, B. O. Inés del alma mía (2006): *uma releitura da colonização espanhola em terras americana.* II **Seminário Nacional em Estudos da Linguagem – Diversidade, Ensino e Linguagem,** s/n, out. 2010.

RIES, O. Latino Identity in Allende's Historical Novels. **CLCWeb: Comparative Literature and Culture**, Nova Iorque, v. 13, n. 4, pp. 1-8, 2011.

ROCHA, N. F. F. **Olha que coisa mais linda: As Traduções da Canção Garota de Ipanema em Inglês, Alemão, Francês e Italiano sob a Ótica do Sistema de Transitividade**. 2013. 153f. Dissertação (Mestrado). – Centro de Comunicação e Expressão da Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Universidade Federal de Florianópolis, Santa Catarina, 2013. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/107610?show=full>>. Acesso em: 15 de fev. 2016.

RODRIGUÊS-JÚNIOR, A. S.. **A representação de personagens gays na coletânea de contos Stud e em sua tradução: as aventuras de um garoto de programa**. 2006. 255 f. Tese (Doutorado) - Curso de Linguística Aplicada, Departamento de Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006. Disponível em: <<http://repositorio.sisbin.ufop.br/handle/123456789/1462>>. Acesso em: 25 fev. 2013.

_____; BARBARA, L. Linguistic Constructions of Appraisal in the Novel *The Picture Of Dorian Gray* and its Brazilian Translation and Adaptations: an Exploratory Analysis. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, Belo Horizonte, v. 13, n. 1, pp. 259-285, 2013. Disponível in: <<http://www.scielo.br/pdf/rbla/v13n1/v13n1a13.pdf>> Acesso em: 20 de mai. 2015.

_____; GARCIA de OLIVEIRA, S. G. de. Mudanças Ideacionais das representações linguísticas do heterônimo Álvaro de Campos na obra literária de Fernando Pessoa e em sua tradução para a Língua Inglesa. **Delta**, São Paulo, v. 31, n. 2, pp. 391-410, 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44502015000200391&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 02 dez. 2015.

SEMINO, E. Stylistics. In: SIMPSON, J. **The Routledge Handbook of Applied Linguistics**. London & New York: Routledge, 2011, pp. 541-553.

SERRÃO, R. de A. A hora e a vez do rosa no pós-boom latino-americano: a ficcionalização da história sob a ótica feminina. **Revista Olho d'água**, São José do Rio Preto, v. 5, n. 1, pp. 1-125, jan.-jun. 2013.

SIMPSON, P. **Language, Ideology and Point of View**. London & New York: Routledge, 1993.

_____. **Stylistic: A resources Book for students**. London & New York: Routledge, 2004.

SOUZA, M. M. de. QUERER, PRETENDER, CONSIDERAR: OS PROCESSOS MENTAIS NO GÊNERO EDITORIAL. **Anais do Evento PG Letras 30 Anos**, Vol. I, n.1, pp. 457-469, 2006.

TONI, C. **O rompimento em Isabel Allende e Ana Maria Machado: as mulheres tecem seu próprio discurso**. 2011, 105f. Dissertação (Mestrado). – Centro de Artes e Letras, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2011. Disponível em: <http://cascavel.cpd.ufsm.br/tede/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=3601>.

Acesso em: 10 de jan. de 2014.

VERAS, L. G. S.; SANTOS, S. M. P. dos. A voz e as memórias de Inés suarez: o silêncio rompido em “Inés da minha alma” de Isabel Allende. **Anais do I Colóquio Internacional de Literatura e Gênero** _ Relações de Poder, Gênero e Representações Literárias, pp. 1-12, set. 2012.

ZAPATA, C.C. **Isabel Allende: vida y espíritus**. Espanha: Plaza & Janés, 1998.